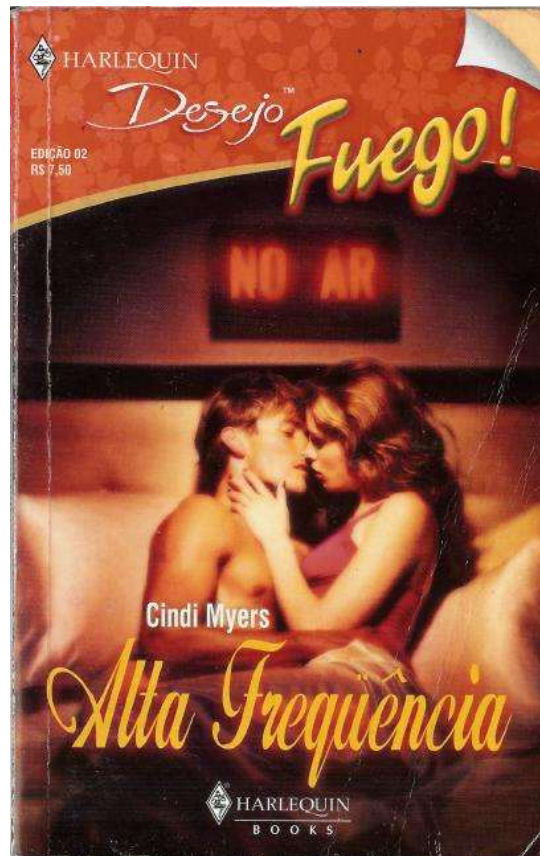


ALTA FREQUÊNCIA

ROCK MY WORLD

Cindi Myers



Uma oportunidade king size para uma grande onda de sucesso.

Uma maratona de três dias na cama transmitindo um programa de rádio é a maneira perfeita para a aspirante a DJ Erica Gibson entrar no ar. Pena que seu parceiro de trabalho seja o farrista da estação, em vez do bonitão Adam Hawkins. Mas o sonho de Erica se torna realidade quando Adam é escalado para a maratona na última hora. É uma oportunidade *king size* para que ela consiga tudo que quer. O trabalho perfeito e o homem dos sonhos... dá para querer mais? Depois que a equipe vai embora e as luzes se apagam, Erica seduz Adam das maneiras mais irresistíveis. Afinal, não há nada como a emoção de algo proibido...

Digitalização: Ana Cris

Revisão: Crysty



*Cynthia Myers – Alta Frequência
(Desejo Fuego 02)*

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II

B.V/S.à.r.1.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: ROCK MY WORLD

Copyright © 2005 by Cynthia Myers

Originalmente publicado em 2005 por Harlequin Blaze

Impressão:

RR DONNELLEY MOORE

Tel.: (55 11) 2148-3500

www.rrdonnelley.com.br

Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:

Fernando Chinaglia Distribuidora S/A

Rua Teodoro da Silva, 907

Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900

Tel.: (55 21) 3879-7766

Editora HR Ltda.

Rua Argentina, 171,4º andar

São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380

Correspondência para:

Caixa Postal 8516

Rio de Janeiro, RJ — 20220-971

Aos cuidados de Virginia Rivera

virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

CAPÍTULO UM

— Estou te dizendo Nick, essa promoção vai ser ótima. A cidade inteira vai falar.

Erica Gibson congelou do lado de fora do escritório do gerente da estação de rádio KROK, com os Braços carregados de CDs, demos e a correspondência do dia. Os seis meses trabalhando como estagiária e assistente lhe ensinaram quais eram as palavras perigosas. Carl Husack, gerente da rádio, estava sempre em busca de estratégias malucas para promover a KROK (que se pronunciava "Ká rok", e não "croc", como ele lhe ensinara em seu primeiro dia). Havia um desenho de um crocodilo que aparecia em quase todo material publicitário da estação e os empregados nem chegavam perto de Carl quando ele estava em clima de promoção, ou acabariam vestidos de galinha, distribuindo panfletos no estacionamento de um jogo do Broncos, ou descendo uma montanha apenas de biquíni e adesivos da KROK estrategicamente colados.

— Diga outra vez, acho que não ouvi direito. — O apresentador do programa matinal, Nick Cassidy, conhecido como Nick Travesso, estava esparramado no sofá de couro diante da mesa de Carl. Erica só viu as ponteiros de prata de suas botas de crocodilo. — Você quer promover uma transmissão de 75 horas de uma cama na loja de colchões do Max?

Erica fez uma careta. A Max era uma das maiores anunciantes da rádio, conhecida pelo vendedor espalhafatoso.

— O que há de tão fascinante em vender CDs na cama?

— Você não apenas vende, mas doa o dinheiro ao abrigo de sem-teto que o Exército da Salvação está construindo em Aurora. Saca só: vendas na cama, para comprar mais camas para os sem-teto.

Quanto mais Carl falava, mais parecia o dono da loja, com aquela entonação frenética.

— Não sei não, Carl. Parece de matar de tédio.

— Nada de tédio. Nem um pouco tedioso. Não vai ser só você na cama.

Vamos colocar uma parceira contigo. O público irá adorar.

Nick se inclinou para a frente. Agora Erica podia ver a onda de cabelos negros que caiu sobre sua testa e a ponta do nariz. Ele tinha, como Carl dizia, um rosto que só o rádio podia amar, mas isso não o impedia de arranjar tempo para todas que cruzassem seu caminho. Aliás, seu programa de travessuras era baseado na premissa de que ele era o maior paquerador de Denver. E no último mês este fora o programa de maior audiência entre o público de 24 a 54 anos.

— Agora interessou — disse Nick. — Quem é a sortuda?

— Ainda não sei. Não temos muita escolha. Tem a Audra Benson, aquela garota do programa noturno.

— Ela está grávida de sete meses!

Erica prendeu um riso diante do horror na voz de Nick.

— E a Bonnie Bombástica? Ela é bem interessante...

Bonnie era a garota do tempo, uma loura oxigenada, cuja maior conquista era ter posado para uma edição da Playboy com "As selvagens do rádio", além de ter tido um rápido caso com Adam Hawkins, conhecido como Hawk. Pouco antes de Erica entrar para a equipe, Bonnie e Adam tiveram uma briga e, desde então, a frieza entre eles imperava.

— Bonnie jamais fará — disse Nick.

— Por que não? Ela está sempre pedindo mais tempo no ar. E já provou que é exibida.

— Eu não faço com a Bonnie.

— Por que não? Ela é de arrasar.

— Sem chance. A mulher acaba com qualquer reputação. Você não viu o que ela fez com o Hawk, depois que terminaram?

— Não vamos mais ter um problemas daqueles, você conhece as regras.

— Se acha que proibir os funcionários de namorar vai banir seus problemas, você não conhece a Bonnie. Uma vez tentei paquerá-la e ela me deu um fora antes de acabar o intervalo do comercial. Não quero nada com ela.

— Então, quem? Até parece que temos dúzias de mulheres na rádio que não congelem diante do microfone.

— E aquela estagiária... Erline... como se chama mesmo?

— Erica? Você quer dizer Erica, que conseguiu injuriar não um, mas dois clientes além de arranjar uma multa com a FCC, na única vez que a deixei se aproximar do microfone?

Nick riu e Erica prendeu um gemido. Mas não teve culpa por ser empurrada para entrar no ar, no último minuto, na FCC — Federal Communications Commision, ou Comissão Federal de Comunicações — para substituir Audra, que estava vomitando. Qualquer um podia misturar os comerciais. E ela nem notou que o microfone ainda estava ligado quando começou a xingar a si própria pela inabilidade de consertar as coisas. Teve que implorar a Carl que não a demitisse e, desde então, ele não a deixava chegar nem perto da cabine de transmissão. O riso de Nick finalmente parou.

— Ora, vamos, Carl. Ela não fez de propósito.

— Acho que não teria nada demais lhe dar uma chance...

Isso significava que Carl a deixaria fazer uma promoção ao vivo? Ela mal teve tempo de assimilar a idéia quando a pilha de CDs começou a cair.

— Quem está fazendo essa zona? Estamos tentando fazer uma reunião aqui.

— Carl botou a cabeça para fora da sala. — Ah, Erica, é você. Venha cá um minuto. — Sem esperar a resposta ele a pegou pelo braço e a levou até a sala.

Nick a olhou de cima a baixo e exibiu um de seus sorrisinhos simpáticos.

— Oi, linda.

Nick chamava todas as mulheres de linda, mesmo que estivessem vestidas como uma mendiga de peruca.

— Oi, Nick. — Ela se virou para Carl, tentando parecer inocente. — E aí?

Carl se apoiou na escrivaninha. Ele era baixinho, de rosto largo, orelhas de abano, vestido de verde e vermelho. Fazia Erica lembrar de um gnomo de jardim.

— Há quanto tempo está trabalhando aqui, Erica? — perguntou ele.

— Seis meses. — Ele sabia muito bem.

— Está na hora de lhe darmos mais tempo no ar, não acha?

Ela olhou para Nick, que sorria sem parar. Depois voltou a Carl.

— Por isso é que peguei esse emprego. — Já era ruim ser a estagiária mais velha na história da rádio, não planejava passar muito tempo distribuindo correspondência. Ela queria um tempo no ar na maior rádio de rock de Denver.

— Ótimo! Temos uma promoção fantástica e vou colocá-la no ar com Nick. Não só no programa matinal, mas ao vivo, ao longo do dia. Projeção magnífica.

Ela olhou para Nick. Três dias na cama com aquilo.

— Qual é exatamente a promoção?

— Levantamento de fundos para um abrigo. A Colchões Max deu a idéia, acho que devemos embarcar. — Ele não a encarava, sinal claro de armação.

— O que tenho de fazer exatamente?

— Fácil. Só transmitir com Nick da loja.

— Vou explicar melhor, Carl. — Nick levantou, com sua estatura imensa. — Vai passar três dias na cama comigo, querida.

Ela olhou os dois, tentando arranjar uma resposta.

— Ela está radiante! — disse Nick, dando tapinhas em suas costas. — Não se preocupe, querida. Nick Travesso cuidará bem de você.

Ela deu um passo para trás e se voltou Carl.

— Isso não é meio vulgar?

— É perfeitamente respeitável. — Carl passou o braço ao seu redor. — Pense na imensa exposição, no abrigo dos sem-teto. E em quanto tempo vai levar até ter outra chance dessas. — O sorriso dele sumiu, assumindo a postura arrogante que colocara a KROK em primeiro lugar. Erica olhou Nick novamente. Ele ainda estava com aquele olhar fatal. Ela era uma mulher feita, sabia se proteger. E eram três dias no ar. Ela se voltou para Carl.

— Tudo bem. Mas quero um bônus pelos três dias.

— Um bônus!

— Nada feito.

Erica cruzou os braços.

— Se vou trabalhar ao vivo, mereço um bônus.

— Faz sentido. — Nick pôs a mão pesada no ombro dela. Já que ele estava a favor, ela deixou.

Carl fez uma cara feia e sacudiu a cabeça.

— Tudo bem. Vou pagar o que pago a um D.J., mas só por esses três dias.

Ela sorriu.

— Então, negócio fechado. Carl desmoronou em sua cadeira.

— Ótimo. Procure Belinda, no marketing, para tratar de suas fotos e dos comerciais. E arranje algo adequado para vestir.

— Adequado? — O sorriso dela sumiu.

— É, na cama. As pessoas vão parar e doar dinheiro. Precisam vestir o que vestem na cama.

Nick deu uma risada.

— No meu caso, seria nada. Ela o encarou e ele parou de rir.

— Mas já que é para o público, vou pôr algo menos revelador. Não quero chocar.

— Não vai querer ser preso — disse Carl, depois virando para Erica. — Sexo vende, então, vamos arranjar algo de renda para você. Lembre-se que é por uma boa causa.

Bem, sua carreira era uma boa causa, não?

Erica saiu do escritório e toda sua graça se perdeu quando ela tropeçou na pilha de CDs junto à porta. Meio tonta com tantas idéias na cabeça, ela pensou se estaria louca. Concordara em passar três dias na cama com um homem que se achava o Romeu do rock, e queriam que ela vestisse lingerie? Perdera a cabeça.

Desceu de dois em dois os degraus e deu um encontrão com um homem

forte, alto, e muito cheiroso, que a segurou com braços fortes. Quem podia imaginar uma combinação tão sexy? Erica sorriu, tentada a ficar mais um pouco em seus braços.

Em vez disso, ela suspirou e recuou.

— Oi, Adam — disse tirando os cabelos dos olhos. — Desculpe, estava com pressa e não vi você.

— Tudo bem. — Adam Hawkins tinha uma expressão preocupada. — Tudo certo?

Ela sorriu, tentando não parecer tão nervosa. A verdade era que logo ao chegar à rádio sentiu uma queda por ele. Mas ele nem notava. Era educado e pelo menos sabia seu nome, ao contrário de Nick e alguns outros.

Mas Adam era na dele. No ar era amistoso e terno, mas quando saía do microfone era quieto.

Havia algo mais sexy do que o tipo forte e calado? Principalmente quanto também tinha ombros largos e olhos castanhos com cílios imensos?

Pena que o "relacionamento" que tinham era a troca de banalidades e alguns olhares.

Mais um motivo para sofrer com esse bico ao lado de Nick. Se fizesse tudo direitinho, talvez Adam começasse a vê-la além de uma colega de trabalho. Talvez até quisesse estar no lugar de Nick.

— Tem certeza de que está bem? — ele olhou em seus olhos. — Parece um pouquinho pálida.

— Ficarei bem... em breve.

— O que quer dizer? O que houve?

Ela pensou em como dar a notícia. Apelaria pela compaixão ou pelo triunfo?

— Carl está me dando uma chance.

— É? — Rugas de preocupação surgiram em sua testa. — E o que é dessa vez?

— Nada tão ruim. Na verdade, é bom. Três dias no ar arrecadando fundos para o Exército da Salvação.

A tensão sumiu dos olhos dele.

— Três dias no ar? Poxa, isso é ótimo.

— É, a única desvantagem é que estarei trabalhando com Nick. Não que ele não seja um ótimo D.J. — ela acrescentou. — É que... É só que ele é Nick.

Ele franziu o rosto.

— Quer que eu fale com o Carl? Veja se tem outra pessoa?

Pensar que ele a defenderia a deixou de pernas bambas. Ela pôs a mão em seu braço, não só para tocá-lo, mas para se equilibrar.

— É muito gentil, mas está tudo bem. Vai ser uma boa chance.

— Três dias são bastante coisa. Que tipo de promoção? Algum concurso?

— Não, exatamente. — Ela ficou envergonhada, mas logo todos saberiam. — É para arrecadar fundos para um abrigo.

— Sei. — Ele pareceu preocupado. — E o que vão fazer para arrecadar?

— Vamos transmitir do *showroom* da Colchões Max. — Ela respirou fundo, com o rosto quente. — De uma... é... cama.

— Uma cama? — As rugas voltaram. — Vai ficar com Nick Travesso na cama, por três dias?

Erica concordou.

— Será um sucesso, não acha?

— Vai correr tudo bem — disse ele. — Vou falar com o Nick e garantir que entenda que terá de se comportar como um cavalheiro.

Ela teria soltado uma gargalhada, mas ainda estava lutando contra o ataque de cobiça. Cavalheiro e Nick Travesso não eram palavras que combinavam.

— Obrigada, acho que sei lidar com Nick. — Um hão firme e um cutucão bem dado o deixariam em seu lugar, mas não queria que Adam pensasse que ela não precisava dele. — Talvez você possa passar pela loja, dar um oi. — disse.

— É, talvez eu faça isso — respondeu ele. Ele ia dizer outra coisa, depois sacudiu a cabeça. — É melhor eu voltar ao trabalho. Foi bom vê-la.

— Também foi bom ver você. — Ela ficou se deliciando com o visual.

Comentava-se que as celebridades femininas do rádio o elegeram como o melhor bumbum do ramo.

Quando ele se foi ela suspirou e seguiu escada abaixo. Agora precisava lidar com o mundo real. Pensou no que Carl diria se aparecesse vestindo um camisolão. Era sua roupa preferida para dormir, mas sabia que não era isso que ele tinha em mente.

Adam tinha toda a intenção de falar com Carl, para que reconsiderasse a participação de Erica. Estava contente por lhe dar uma chance, mas na cama com Nick? A cabeça de Adam doía só em pensar.

Desde o fiasco com Bonnie, ele decidira ficar fora da política do escritório. Mas Erica era muito legal para ser deixada junto com um cara como Nick.

Ao chegar ao escritório do gerente, Adam sentia a cabeça latejar e suas primeiras palavras foram:

— Está louco?

Carl levantou os olhos de uma pilha de impressões.

— Muita gente diz isso, algum motivo específico?

— Essa idéia de promoção na cama com Nick e Erica. É loucura.

— Concorde. Tão louco que é brilhante. Os ouvintes vão adorar.

— Não está indo um pouco longe?

— É benéfico e estarão vestidos. Não vão fazer sexo. Vão fazer o programa normal, só que de uma cama.

Ao ouvir a menção de Erica e do sexo na mesma frase, Adam precisou sentar. Não que não tivesse pensado nisso. Mulheres miúdas, loiras e curvilíneas como ela eram seu fraco. Mas ela era uma criança, apesar de calcular que tivesse pelo menos 21, já que havia se formado.

Mesmo assim, dez anos era uma diferença de idade e tanto. Então, quando ela estava por perto ele fazia o máximo para não pensar em sexo, apesar de ser difícil.

— Por que Erica? Por que não outra pessoa?

— Quem mais podemos usar?

— Por que não a Bonnie?

— A sua ex e Nick formariam um par perfeito.

— Por que não a Bonnie o quê?

Adam gemeu ao ver Bonnie Bombástica entrando pela sala. De short branco e sandálias de salto alto, ela parecia uma dançarina de bar, em vez de a garota do tempo.

— Nada, querida. Adam e eu só estávamos conversando.

O olhar que ela lançou a Adam podia congelar lava.

— Oi, Bonnie — disse ele, calmamente. Como sempre, ela o ignorou.

— O que é essa promoção que ouvi falar? — Ela sentou na beirada da mesa de Carl e se inclinou para frente, expondo o decote.

Acostumado às táticas de Bonnie, Carl permaneceu imóvel.

— Quem lhe falou a respeito?

Ela passou a mão pelos cabelos e disse:

— Uma mulher nunca revela suas fontes.

— Não tem nada a ver com você. — disse Carl.

— Quem está fazendo a promoção? — Ela olhou para Adam.

Graças a Deus ele não estava envolvido.

— Nick e Erica. — Carl voltou às impressões. — Se não se importam, tenho que trabalhar, assim como vocês.

Bonnie franziu o rosto.

— Quem é Erica?

— É a estagiária. — Adam levantou. — Erica Gibson. Bonnie franziu o nariz como se farejasse algo.

— A que xingou durante o intervalo, no ar? Pensei que a tivesse demitido.

— Ora, Bonnie, todos merecem uma segunda chance. — disse Carl, suavemente.

Adam lembrou da terceira e quarta chances que Carl lhe dera.

- Ela tem um bom diploma — disse. Bonnie estreitou os olhos.
- Como sabe tanto sobre ela?
- Conversamos, algumas vezes. Bonnie olhou para Carl.
- Tenho mais experiência que uma estagiária. Tenho direito às promoções especiais. Além disso, os ouvintes me conhecem.

Carl era inofensivo até ser afrontado. Ele se levantou e olhou Bonnie nos olhos, friamente.

— Pelo que sei meu nome está naquela porta sobre o título de Gerente. Portanto, eu decido quem faz o quê.

— Só pensei que por ser mais experiente...

— Pensou errado. — Ele olhou o relógio. — Você não tem um boletim meteorológico em cinco minutos?

Bonnie saiu fazendo biquinho e rebolando exageradamente.

Quando ela se foi, Adam voltou-se para Carl.

— Não diga nada. Erica vai fazer a promoção e acabou. Adam soube que fora derrotado. Carl não estava ali

por ser um trouxa.

— Está bem, mas estou curioso. Por que não deu o trabalho a Bonnie? Ela é conhecida dos ouvintes.

Carl ameaçou um sorriso.

— Nick se recusou a trabalhar com ela. Adam se espantou.

— Ele disse por quê?

— Disse que não queria ser bombardeado, como ela fez com você.

— Claro. — Ele não gostou de lembrar do rompimento pouco amistoso.

— Olhe, não estou tentando lembrar a cena, mas jamais quero que isso volte a acontecer. Tivemos ligações reclamando durante meses. Ela te xingou no ar de...

— Eu sei, não acontecerá novamente. Carl balançou a cabeça.

— Uma coisa que gosto em você é o fato de ser um homem que aprende com

os erros. — Ele olhou o relógio novamente.

— Já sei, já sei, tenho um programa para fazer. — Adam se dirigiu para a saída da sala, mas parou na porta. — Você vai dizer a Nick que se comporte, não vai?

— Ele vai se comportar. Será tudo ótimo.

Certo. Tudo seria ótimo. Ficaria preocupado até tudo acabar. Não podia fazer nada quanto à sua atração por Erica e ainda não havia encontrado um jeito de parar de pensar nela.

CAPITULO DOIS

— Está certo, pessoal. Todo mundo sabe que dia é hoje. Isso mesmo, é a "Terça do Conta Tudo". Então liguem para fazerem suas confissões. Nosso tema de hoje é a sua aventura mais quente. O mundo e Nick Travesso querem saber.

Erica sacudiu a cabeça. Era o que queria teria pela frente nos próximos três dias e três noites. Mas iria até o fim.

Trabalhar em rádio era o que realmente queria. Já ensaiara algumas chamadas com Nick. Devia haver mulheres que se alegrariam em vê-lo tomando um fora, então usaria isso como vantagem.

Amanhã era o grande dia. O mês tinha voado. Ela gravou com Nick, posou para fotos e outdoors e conheceu o Max em pessoa, que a olhara de cima a baixo afirmando que muita gente iria gostar de vê-la de camisola.

Ótimo. Ela se olhava no espelho do banheiro da KROK. Fizera uma mecha rosa nos cabelos, para ter algo diferente em sua estréia. *É por uma boa causa*, lembrou a si mesma, pegando um batom.

— Oi, Erica.

Erica ficou estarelecida ao ver Bonnie Bombástica falando com ela. Jurava que a repórter meteorologista jamais soubera seu nome.

— É... oi, Bonnie, tudo bem?

— Cheia de disposição, como sempre. — Ela ajeitou o corpete vermelho que lembrava uma segunda pele.

— Que bom. Eu também estou bem.

— Para quem está se enfeitando? — perguntou Bonnie.

— Ninguém. — Mas o rubor entregou. Torcia para encontrar Adam. Era hora de ele chegar, e ela arranjava um jeito de vê-lo. Estava tentando convencê-lo de que podiam ser mais que colegas de trabalho. Tinha esperanças de que ele a achasse atraente, afinal, ela era só cinco anos mais nova.

— Não está se produzindo para Nick, está?

Erica ficou tão perplexa que derrubou o batom. Catando o tubo na pia sacudiu a cabeça.

— Nick? Sem chance.

— Vai fazer aquela promoção com ele amanhã, não vai? Pensei que você estava bajulando ele para se tornar fixa no programa.

Ela encarou Bonnie.

— Mas o programa é só dele, uma mulher não teria nada a ver.

Bonnie estreitou os olhos.

— E desde quando algo nesse negócio faz sentido? — Ela tocou o ombro de Erica. — Nós, garotas, temos que nos unir e fazer o que for preciso para adiantar nosso lado, certo?

— É... certo. — Embora ela não se visse posando nua, nem correndo atrás de Nick Cassidy, credô!

Bonnie sorriu.

— Certo. Lembre-se disso.

— Lembrarei. Agora tenho que voltar ao trabalho. — Erica já estava atrasada para seu encontro com Adam.

Ele estava subindo a escada quando ela desceu. Como era sensual! Adam tinha um jeito rústico, de quem vive ao ar livre, um gato.

- Oi, Adam. — Ela deu um sorriso carinhoso.
 - E aí, Erica, como vai?
 - Ótimo. Tudo pronto para o grande dia, amanhã.
 - E esse rosa? — ele gesticulou para a mecha dos cabelos.
 - Foi só para me divertir, para ter algo diferente na minha estréia.
 - Vi as fotos da promoção — disse ele. — Você se saiu bem.
 - Você acha? — ela corou, contente por ele ter notado. Ela havia visto o outdoor de manhã e quase saiu da faixa dirigindo. As primeiras propagandas só faziam menção a ela como a "mulher misteriosa", mas também traziam sua foto.
 - É. Pena que a careta horrível do Nick está estragando a foto.
- Ela riu.
- Nem todo mundo é bonito como você — provocou.
- Ele desviou o olhar e limpou a garganta.
- É... Eu não devo ser tão duro com Nick.
 - O que tem no seu programa essa tarde? — perguntou ela, ansiosa para manter a conversa.
 - É sexta, então vamos fazer um concurso.
- Adam era o especialista em rock da rádio. Todas as sextas os ouvintes respondiam perguntas.
- O Nickelback vai fazer um show ao vivo às duas, para divulgar o show dessa noite, no Pepsi Center — continuou ele. — Estamos distribuindo ingressos.
 - Você vai?
 - Não, é o Nick que vai nessa. Vamos deixar o trailer na frente da casa de show, e ele vai levar os ganhadores nos camarins para conhecer a banda.
 - Vai estar amarrotado de manhã, detesta ficar até tarde.
 - É a vida no rádio. — Ele desviou o olhar novamente. — Talvez você queira repensar sua carreira.

Ela balançou a cabeça.

— Não, é isso que quero fazer. Quando era pequena, as outras crianças tocavam os CDs, mas eu fazia um programa inteiro, com comerciais e tudo.

— Eu também fazia isso, tinha esquecido. — O alarme do relógio dele apitou.

— Tenho que ir. Foi legal falar contigo.

— É sempre bom falar com você, Adam. — Ela tentou dar uma entonação nas palavras, mas ele já tinha ido.

Ela suspirou. Suas táticas sedutoras certamente precisavam melhorar.

A caminho de sua baia, ela parou para falar com sua melhor amiga, Tanisha.

— Há quanto tempo trabalha aqui, Tanisha? — perguntou.

— Catorze meses, vinte e dois dias e seis horas. Por quê?

— Estava pensando. Sabe se Adam Hawkins saiu com alguém depois de Bonnie?

— O bonitão não sai muito desde que a Bombástica explodiu — disse ela. — Claro que com a imposição de Carl para que não haja namoros aqui ele deve estar procurando uma namorada fora. — Ela riu. — Mas estou por dentro das fofocas.

— Interessante.

— Vi vocês conversando agora. Não o vejo conversar tanto há meses.

— Levou semanas para que ele falasse comigo. — Um homem que guarda as emoções, só esperando a mulher certa, pensou Erica.

— Está interessada nele? — perguntou Tanisha. Ela olhou em volta.

— Digamos que poderia estar.

— Ora, então, boa sorte. Ele é bem interessante. Quero dizer, sabemos que não é gay, parece estar disponível, mas por que estaria disponível?

— Talvez Bonnie o tenha magoado. Tanisha suspirou alto.

— Eu estava lá, no dia. Foi ele quem quis terminar.

— Então, eu diria que é hora de uma nova mulher em sua vida.

— Mas como é que você vai passar por Carl?

- Não sou permanente no ar, lembra? Essa promoção é temporária.
- Não a invejo por estar na cama com o polvo.
- Eu estava pensando em arranjar um revólver de brinquedo. O que acha?
- Eu também levaria uns *plugs* de ouvido. Nunca vi um cara que gosta tanto de falar de si próprio.
- Farei isso. — Ela aproveitaria o máximo dessa chance e Nick Travesso teria de ficar quieto.

Bonnie olhou para o outdoor na estação de luz de Englewood. Nos cinco anos que trabalhava na KROK seu rosto jamais aparecera num outdoor. Ela deu um chute no meio-fio. Tempo de casa não significava nada.

Tinha certeza de estar no caminho, ao cruzar com Adam Hawkins. Ele não era somente o mais bonito a surgir na KROK, mas era realmente um cara legal. Achou que logo estaria fazendo o programa com ele. Mas ele se recusou a misturar trabalho e prazer.

Não queria dividir as atenções com ninguém, esse foi o problema. Ela achou que ele pudesse mudar de idéia, mas teve a ousadia de dispensá-la. E logo antes do programa!

E Carl teve que vir apartar. Ele exagerou e até a chamou de antiprofissional. Adam saiu ileso. Era de se esperar.

Carl era tão burro, às vezes. Ela deu uma última olhada no outdoor e entrou no carro. Todos na KROK eram burros, se achavam que ela se entregaria com tanta facilidade.

— Está chovendo muito hoje. Uma frente fria vinda das montanhas também congestionou o trânsito na cidade. Acidentes na C-470 com a Broadway, na Rua Seis com a Sheridan, e na 1-225 com a Parker. A expectativa é que o tempo não mude no resto da semana.

Adam manobrou seu jipe na C-470, rumo à sua casa, em Morrison, a sudeste de Denver. Graças a Deus não estava fazendo o trabalho no Pepsi Center. O trailer seria um pesadelo com esse clima.

Mais adiante parou em frente a um outdoor da KROK. Erica sorria para ele, posando ao lado de Nick.

Pela milésima vez, desejou que ela não trabalhasse na rádio. Por que não podia ser professora, secretária, ou qualquer coisa, menos colega de trabalho? Se não trabalhassem juntos, poderia arriscar convidá-la para sair. Mas o negócio da idade o fazia se sentir um velho sujo.

Além disso, não cometeria o mesmo erro que cometera com Bonnie.

Erica era jovem. Não tinha se metido em confusões como ele. Ultimamente, fazia o máximo para que ele notasse seu interesse. Ficava lisonjeado e pensou em explicar o que acontecera com Bonnie, como quase perdeu o emprego. Queria que entendesse que não a estava rejeitando, só precisava evitar problemas.

E agora ela estaria dividindo aquela cama com Nick, pelos próximos três dias. Claro que não fariam nada, havia câmeras e guardas por toda parte, mas era inquietante.

Ele torcia por uma inundação na galeria, tornando o programa inviável.

— Aqui é o Nick Travesso, lembrando a vocês que a partir de amanhã estaremos transmitindo ao vivo, do *showroom* da Colchões Max. Passem por lá para me ver ao lado da minha adorável assistente, Erica, ao começarmos nossa maratona, angariando fundos para o abrigo do Exército da Salvação. Tragam sua doação pessoalmente. E dêem algumas sugestões do que devo fazer com a minha colega sexy ao longo dessas 75 horas.

Ele desligou o rádio bruscamente e olhou de novo para o outdoor. Seriam três dias longos.

Pijama de flanela estampado de cachorrinhos, conferido. Chinelos vermelhos, conferido. Ursinho, conferido. Tampões de ouvido, conferido. Produtos de higiene pessoal, conferido. Roupa para voltar para casa, conferido. Erica fechou o zíper da mochila e levou tudo para o carro. Tinha vinte minutos para chegar lá e se convencer de que estava fazendo o certo.

Pelo menos não havia trânsito. Ela acelerou seu carro pela estrada 70 e seguiu para a loja. Não tinha dormido muito, atormentada pelos sonhos com Adam. Pena não ser ele seu parceiro nessa promoção.

Embora tudo ao redor estivesse escuro, a loja estava iluminada com uma feira. Ela viu a van da produção da KROK perto da porta. Mason, da

produção, acenou ao vê-la. Ela seguiu com a mochila em direção ao banheiro que dividiria com Nick. Felizmente, Max não estava lá para que tivesse de lidar com ele.

Nick também não estava. Erica vestiu o pijama, já ensaiando o que diria a Carl, que certamente reclamaria. Alegaria que mostrar menos atíça mais. E lá fazia frio. Ele não ia querê-la doente, não é?

Não esperava que ele caísse nessa, mas tentaria. Até vestiria uma camiseta da rádio e um short, mas nada de lingerie.

Carl lhe explicara tudo inúmeras vezes. A equipe de produção estivera ocupada instalando os microfones ao redor da cama. E que cama. Forrada com uma pele falsa e lençóis de cetim. Meia dúzia de travesseiros se empilhavam na cabeceira e os criados-mudos já tinham água e lenços de papel.

— Erica! Aí está você. — Carl a viu e se apressou em sua direção. Ele fez uma cara feia diante do pijama.

— Cachorrinhos? Não tinha nada melhor?

— Não quero sentir frio. — Ela cruzou os braços. Ele balançou a cabeça.

— É o que menos me preocupa agora. Vá logo para a cama. — Ele a acompanhou ao que seria seu lar nos próximos três dias.

— Começaremos daqui a pouco.

— O som está checado, Carl.

A voz familiar a fez sentir uma onda de calor e ela ficou paralisada ao ver o homem ao seu lado.

— Adam? O que faz aqui?

— Bom dia, Erica. — Ele voltou os olhos ao gerente. — Carl não lhe disse?

— Disse o quê?

Carl tossiu.

— Nick sofreu um acidente na volta do Pepsi Center, ontem. Vai ficar fora e Adam será o substituto.

Ela olhou Adam novamente e viu que estava de pijama azul, por baixo da

camiseta da KROK. Não conseguiu disfarçar um sorriso.

— Que ótimo! Quero dizer, é legal de sua parte.

— Os dois, já para cama — disse Carl. — Estamos quase prontos para entrar ao vivo.

— Pronta? — perguntou Adam.

Ela respirou fundo, sentiu o cheiro da colônia pós-barba e o coração acelerou.

— Acho que sim. — De forma alguma faria besteira. — Você está?

Rugas de preocupação surgiram.

— Acho que sim. Faz tempo, mas acho que lembro. Ela suspirou. Nossa, é só pôr o sujeito na cama para ver como ele muda.

— Faz tempo?

— É, eu fazia um programa matinal em Carmel, mas foi há anos.

Ela puxou as cobertas, torcendo para que ele não a visse rindo. Era tudo que podia fazer para evitar sair correndo e dar um soco no ar, gritando *Eh!!* Não acreditava que estava ali. Na cama. Com Adam Hawkins.

Olhou de lado e o viu colocar os plugs de ouvido e ajustar o microfone. O que Bonnie dissera quanto às oportunidades? Essa era a hora de mostrar a ele o que pensava a seu respeito.

Muita coisa pode acontecer em três dias, não?

CAPÍTULO TRÊS

— Aqui é o Hawk, ao vivo de uma cama *king size* da Colchões Max. — Adam tentava se acomodar na cama, distraído pela mulher ao seu lado. Ele sinalizou para que ela. — Comigo está a Erica Fervescente.

— Bom dia a todos — Erica sorriu no microfone, gostando do apelido que

acabara de ganhar. Será que ele era sempre tão sexy às seis da manhã? — Sabemos que vocês esperavam pelo Nick Travesso — continuou ela.

— Infelizmente, ele não pôde estar conosco.

— Não faz mal — disse Adam. — Um é pouco, dois é bom e três é demais.

— Credo. De onde veio isso?

— Agora sério, pessoal, Nick se machucou ontem, num acidente, na volta do show no Pepsi Center. As últimas notícias são que ele acabou de sair da cirurgia e está bem. Desejamos que se recupere logo.

— Isso mesmo. Nick, fique bom logo. — Os olhos de Erica se acenderam. — Enquanto isso, vou ter que me virar com o Hawk.

— Se virar? Menina, essa. doeu. Estou magoado.

— Será que ela estaria mesmo decepcionada por ter que ficar com ele, em vez de Nick?

Ela riu e sentou de pernas cruzadas, seu joelho encostou no dele.

— Não sei, não. Você é um cara do tipo matinal?

Ele se afastou um pouquinho.

— Todo homem é um cara matinal. Não sabia?

— E eu achei que Nick daria trabalho.

E qual seria o trabalho que ela teria? Ele baixou a voz num tom sedutor.

— Não está disposta a passar três dias na cama comigo?

O olhar que ela lhe lançou fez sua temperatura subir.

— A pergunta é, será que o Hawk está pronto para passar três dias na cama comigo?

Não. Sim. Será que ele conseguiria se segurar três dias? Pelo calor de dez minutos era provável que ele explodisse antes do prazo.

Ele arrumou o microfone.

— Isso pareceu um desafio, pessoal. Passem aqui no estande e façam suas apostas.

— Acho que você quer dizer doações.

— Você usa seus termos e eu os meus.

— Seja como for, a questão é que estamos aqui arrecadando dinheiro para o novo abrigo do Exército da Salvação.

Quando a música começou Erica tirou o fone de ouvido e se recostou nas almofadas.

— Como fui? — perguntou.

— Parece uma profissional. — Ela estava tentadora demais, com os cabelos espalhados pelo travesseiro. Ele desviou o olhar.

— Ainda não acredito que Carl concordou com isso. Como é que alguém pode passar três dias numa cama?

— Ah, talvez com a pessoa certa. Havia um tom sedutor na voz dela.

— Temos intervalos — disse ela. — Quer dizer, podemos levantar e dar uma volta.

— Certo, ir ao banheiro, pelo que devo ser grato.

Ela esticou os braços acima da cabeça, o que acentuou seus seios na flanela.

— Bem, vou tentar me divertir. Quantas pessoas são pagas para se divertir na cama?

Lá ia ele de novo, imaginando além do que devia. Ele certamente imaginava algumas maneiras de se divertir com ela na cama... e tentou desviar o olhar novamente, mas não conseguiu. Ela estava desabotoando o pijama.

— O que está fazendo? — perguntou ele, alarmado.

— Está bem mais quente do que imaginei. — Ela tirou a blusa, revelando um top vermelho.

Só que percebeu que havia parado de respirar quando sua visão ficou embaçada, e virou de costas para ela.

— Podemos ter café? E água gelada? — Na pior das hipóteses, ele podia jogar a água no rosto.

— Esse foi Maroon 5, com "This Love" — disse ela no tempo certo. — Se você está a caminho do trabalho, passe por aqui na Colchões Max.

— Temos camisetas e CDs. — Adam olhou a prancheta e viu que era hora da inserção da Colchões Max. — E ao chegar, experimente os colchões da Colchões Max, os mais confortáveis da praça.

— Esse aqui é muito confortável. — Erica saltou e sorriu para ele.

Ele não pôde deixar de notar que não foi só o colchão que balançou e quase esqueceu a fala. O técnico assoviou em seu fone de ouvido, lembrando que não deixasse um silêncio.

— Max está com uma promoção. Compre um colchão durante a campanha da KROK e você ganhará um estrado e dois travesseiros, inteiramente grátis.

— Os travesseiros são muito confortáveis — ela sorriu para ele e gotinhas de suor surgiram em sua testa. Precisava arranjar um ventilador.

Erica estaria flertando de propósito? Quando saíssem do ar explicaria que não precisava agir assim. Ele não era Nick Travesso. Podiam simplesmente fazer o programa, sem o falatório sexy.

Se ao menos pudesse convencer seu corpo quanto a isso.

Às nove horas o programa terminou e os dois saíram do ar. Agora tinham de falar com quem aparecesse, atender os telefonemas etc.

De vez em quando podiam tirar um intervalo, ou ir ao banheiro, sem se afastar muito da cama.

Erica viu Adam dando autógrafos a três moças sorridentes. Estava de pijama, despenteado, como quem acabara de sair da cama.

Ela decidiu dar uma esquentada nos ânimos. Por que não? Ele não tinha como fingir que ela era só uma colega de trabalho, quando estavam tão próximos, na cama. Por que não fazê-lo saber como ela realmente se sentia? Se tivesse sorte, poderiam deixar de ser "somente amigos".

Ela estava revendo a programação quando Carl chegou.

— Como você está? — perguntou ele.

— Como você acha?

— Ótima. Tem tudo que precisa? Adam se afastou das admiradoras e se juntou a eles.

— Podíamos ter um ventilador — disse ele —, está quente demais.

Carl olhou para Erica.

— Ela disse que estava com frio.

Erica tossiu, lembrando que a desculpa era por causa do pijama de flanela. Agora queria estar com algo mais sexy, mas o top vermelho prendera a atenção de Adam.

— Agora estou bem — disse ela.

— Você foi bem — ele voltou a dizer. — Mantenha a fala sexy, os ouvintes adoram.

Adam franziu o rosto.

— Quanto à conversa sexy, Nick não está aqui, então não precisamos falar desse jeito.

— Não me ouviu? — disse Carl. — Eu disse para manter. Parecem estar se divertindo.

Adam evitou olhar para Erica.

— Claro. Só não quero que tenham uma idéia errada. Ela riu.

— Não se preocupe comigo, até acho que pode ajudar dar uma apimentada em minha imagem.

— Ótimo. Depois um namorado brigão virá atrás de mim.

— Não se preocupe, não tenho namorado.

— Então, não há problema — disse Carl. — Divirtam-se, mas não muito.

Ela fez uma careta.

— Mas que desmancha-prazeres.

— Há câmeras de segurança por toda parte. — Ele apontou uma bem em cima da cama. — Gravam tudo que fazem.

— Tudo? — ela pensou em seus planos sedutores. Ele piscou.

— Tudo.

— Obrigada pelo aviso — disse Adam. — Mas não precisava. Somos profissionais.

— É, sei. Mas também são um homem e uma mulher. A careta de Adam se acentuou.

— Não vou sair da linha. Carl sacudiu os ombros.

— Eu não disse nada, disse?

Será que tinham esquecido que ela estava ali? E se *ela* quisesse sair da linha?

— Como está Nick? — perguntou ela, mudando de assunto.

— Bem. O vi após a cirurgia. Colocou um pino na perna e está com gesso. Tem sorte de estar vivo.

— Coitado. — disse ela. — Engraçado como alguns minutos podem mudar tudo, não é?

— E. — Adam olhava para ela. Será que também estava pensando como isso modificou as coisas entre eles?

— Agora, de volta para a cama. — Carl espantou os dois. — Queremos algumas fotos para o site.

Ela se recostou nos travesseiros ao lado de Adam, sorrindo para a câmera. Estavam quase se tocando, sob os lençóis de cetim.

— Não, não, não. Ajam como se gostassem um do outro. — Carl estava ao lado da câmera, gesticulando para que se aproximassem. — É para ficar sexy. Por uma boa causa, lembram?

Erica olhou para Adam, que fazia uma expressão de dor.

— Carl, eu... — disse ele.

Ela não sabia se ele era tímido, mas não acreditava que não quisesse abraçá-la.

Então, muito bem. Decidiu dar um empurrãozinho. Ela puxou os lençóis e passou os braços ao redor dele, encostando o quadril.

— Que tal? — perguntou ela.

— Ótimo, ótimo! Adam, passe os braços em volta dela. Agora sim. Sorriam!

O flash os cegou, mas não diminuiu o calor do corpo de Adam junto ao seu.

Ele até que superou sua relutância bem rápido. Seus dedos a pegaram pela cintura, os lábios quase tocando...

— Está ótimo. Vocês estão sensuais. Teremos um milhão de acessos à página.

— Acho que um milhão é um pouquinho otimista — disse Adam, com os braços ainda ao redor dela. — Esse não é o vídeo da Paris Hilton.

— Aí está uma boa idéia. — Os olhos de Carl ganharam um tom malicioso. — Vídeo. Vou falar com o web designer.

— Ei, Adam, venha ver sua programação — disse Mason, o assistente de produção.

Será que ela estava percebendo sua relutância em largá-la? Se pudesse arranjar um jeito de desfrutar quando ninguém estivesse olhando... mas com todas as câmeras...

Ela olhou para cima, na direção da esfera plástica. Teria alguém espiando naquele momento? Pôs a língua para fora, por estragarem sua diversão. Será que dava para cobrir...?

— O que você está olhando?

— Estou pensando em como deve ser tedioso ficar monitorando todas essas câmeras — disse ela.

— Deve ser mais divertido do que ficar olhando os móveis o dia todo.

Ela riu.

— Até agora está divertido.

Os olhos dele se fixaram nos dela.

— É, está.

Pouco depois das nove a equipe juntou tudo para partir. Trouxeram uma pizza para os dois e todos foram embora. Estavam finalmente sozinhos. Depois do movimento do dia, o silêncio era inquietante.

— Não sei quanto a você, mas não quero sujar os lençóis com pizza. — Adam foi para uma poltrona reclinável.

— Certo. — Ela puxou uma cadeira ao lado dele e pegou uma fatia de pizza.

— Estou faminta.

— Amanhã pedimos mais lanches. — disse ele. — Afinal, temos que ficar fortes.

— Sim, é um trabalho estressante. — Talvez não fisicamente, mas ela admitia que era exaustivo. — Foi ótimo. — Mas ainda tinham a primeira noite pela frente. Como ela lidaria com ele na mesma cama?

— Como será que está o Nick? — perguntou Adam.

— Provavelmente, não tão bem. — Ela o imaginou com roupa de hospital. — Lamento que tenha se ferido, mas fico feliz que você tenha feito a promoção no lugar dele.

— Ah, Nick é legal. É mais a fama que faz parte da encenação. — Ele olhou para ela. — Tenho certeza de que seria um cavalheiro.

E você, vai ser um cavalheiro? Começava a se preocupar que não sentisse atração por ela. Não que fosse bombástica como Bonnie, mas nunca tivera motivo para se preocupar com seu visual.

Ela bocejou.

— Estou acabada.

— É. — Ele pôs a caixa de pizza de lado. — Está ficando tarde e temos que acordar cedo.

— Pelo menos não temos que dirigir para o trabalho. — Ela levantou e começou a pegar os pratos de papel.

— Eu faço isso. — Ele pegou o lixo, encostando em sua mão, causando uma onda de calor. — Pode usar o banheiro primeiro.

— Obrigada. — Ela pegou sua nécessaire e seguiu pela loja escura, rumo ao banheiro. Sem a música e a aglomeração, essa parte da loja era de arrepiar. Ela escovou os dentes, lavou o rosto e voltou correndo para a cama, grata pela presença de Adam.

Quando ele foi para o banheiro, ela se aninhou embaixo das cobertas. As luminárias nos criados-mudos iluminavam a cama, em meio à escuridão.

Ela se recostou nos travesseiros e olhou o escuro, deixando que o silêncio a tragasse. Que estranho estar ali, numa situação tão inusitada. Mas também era maravilhoso. Não trocaria de lugar com ninguém.

Então ouviu Adam voltando. Ele adentrou a luz, parecendo maior do que antes, cheirando a sabonete. O coração acelerou, mas ela forçou um sorriso e afagou as cobertas ao seu lado.

— Venha, está muito aconchegante.

Ele evitou olhá-la, mas levantou a coberta e deitou, apagando o abajur ao seu lado. Ela também apagou o dela, ouvindo o barulho do colchão enquanto ele se acomodava.

— Espero que você não ronque — disse ela, em tom provocador.

— Acho que não — disse ele. — Ninguém nunca reclamou.

— Houve muitos *ninguém*? — A escuridão a deixara atrevida.

O silêncio se alongou e ela receou ter ido longe demais. Ele limpou a garganta.

— Não muitos. E você?

Ela balançou a cabeça, lembrando que ele não podia vê-la.

— Não muitos.

— É... só para que saiba... Ela ficou na expectativa, aguardando pelo fim da frase. Parecia sério, importante. — Deixa para lá. Não é importante. Boa noite. — Ele se virou de costas para ela.

Ela o olhou, querendo dar com o travesseiro em sua cabeça. Mas suspirou e virou de costas para ele. Não achava que conseguiria descansar, mas logo se rendeu ao cansaço do dia.

Adam estava sonhando, um daqueles sonhos eróticos do qual não se quer acordar. Claro que estava com uma mulher, morna, macia. Ela tinha cheiro de flores e cabelos sedosos. Não sabia quem era, mas não importava.

O fato de assimilar isso era prova de que ele sonhava profundamente. Na verdade, sentia a chegada da manhã, mas resistia, segurando a mulher. Lidava com seu subconsciente, e estava com uma mulher fabulosa. Ela deu um pequeno gemido e se aconchegou junto a ele, aumentando sua excitação. Ele sentiu seu mamilo arrepiar dentro de sua mão, e mergulhou o rosto em seu pescoço. Depois encostou os lábios em sua pele macia, enquanto se aproximava dela. Queria que ela se virasse. O problema com sonhos é que

nem sempre é fácil se mexer, principalmente quando se está próximo do despertar.

Ele levou a mão à sua cintura e ela se virou de frente. Os braços dela estavam ao redor dele, que percebeu que ela estava vestida.

Ainda de olhos fechados, ele franziu o rosto. Desde quando fantasias surgiam vestidas? E de pijama. Essa mulher não devia estar vestida.

Obviamente, seu subconsciente queria tornar essa fantasia mais desafiadora. Agora ela o beijava, passando a língua por seu maxilar. Ele gemeu, tentando evitar acordar. Só mais um pouquinho. Ao menos até tirar sua roupa e estar dentro dela...

Ruídos interromperam sua concentração... passos, barulho de metal, vozes ao longe. Ele gemeu diante do clarão em seus olhos. Ainda não.

A mulher do sonho deu um gritinho e o empurrou.

— Adam, que diabos acha que está fazendo?

As palavras o despertaram com mais violência que um balde de água gelada. Ele abriu os olhos e se deparou com o rosto franzido de Carl.

— Que diabos acha que está fazendo? — Carl perguntou novamente.

CAPÍTULO QUATRO

— Nada. — Adam se afastou de Erica e sentou. — Não estávamos fazendo nada. — Ela também estava sentada, com as cobertas sob os seios.

Seios que estavam junto a seu peito, momentos antes...

Ele olhou para Carl, de boca aberta.

— Tem certeza de que não era nada? — Carl dirigiu a pergunta a Erica. — Pareciam bem aconchegantes.

Erica riu. Exceto pelo rubor em seu rosto, não aparentava que algo havia acontecido. Como alguém que acabara de acordar podia ser tão lindo?

— Não seja tolo, Carl. Estamos vestidos, não estamos? Ele pensou em muita coisa que poderiam estar fazendo vestidos, mas não era hora de mencioná-las.

— É bom continuarem assim — resmungou Carl. Ela se virou para Adam com um olhar de menina.

— Adam está sendo um perfeito cavalheiro — disse ela.

Carl não pareceu convencido, mas não contestou.

— Passei para dar boas notícias.

— E quais são? — perguntou Adam. Vamos acabar com essa tolice antes de perder o controle? Não que estivesse exatamente sob controle.

— A Colchões Max está gostando tanto do que estão fazendo que prometeu doar dez mil dólares.

— Isso é fantástico. — Erica riu.

— Mas Max só vai pagar se continuarem até o fim, as 75 horas.

— Isso não será problema. — Ela se virou para Adam. — Vamos conseguir, não?

— Sim, claro. — Ele tentou colocar um pouco mais de animação na voz, — Mal começamos.

Carl deu um passo atrás.

— Então está certo. Mencionem isso durante o programa. Vai aumentar a empolgação. Não queremos que a coisa fique tediosa.

— Eu certamente não estou entediada — disse Erica.

— Nem eu. — Ele estava com um desejo enorme, frustrado, mal dormido e irritado, mas não estava entediado.

— É melhor que eu vá me arrumar antes do programa começar.

Os dois a observaram saindo da cama.

— Não quero confusão — disse Carl.

Adam lamentou o fato de ser associado à confusão.

— Foi você que arranjou essa promoção louca.

— E você está sendo pago para trabalhar direito.

— Não se preocupe, sei fazer meu trabalho.

— Bom, você estará no ar em 45 minutos.

Que bom, em 45 minutos estaria de volta na cama com a srta. Irresistível. Precisava de um banho frio.

Por que agarrara Erica enquanto dormia? Era melhor se controlar.

Erica penteava os cabelos recém-lavados, olhando-se no espelho. Não conseguia parar de sofrer. Ela abraçou

a si mesma e começou a dançar no banheiro, uma dança vitoriosa. Sim! Adam podia tratá-la publicamente como uma irmã caçula, mas essa manhã ele provaria que seus sentimentos não eram nada disso.

Seu sorriso sumiu ao ver as roupas que ia vestir. Camiseta da rádio e short largo. Tudo para afugentar Nick Travesso.

Ela sentou no vaso e pensou nas opções. Precisava de algo que a deixasse irresistível.

Fez uma careta para a roupa que tinha nas mãos.

Hora de arranjar reforço. Pegou o celular e ligou.

— Alô? — a voz do outro lado estava grogue.

— Tanisha, é a Erica. Preciso de sua ajuda.

— Não está meio cedo para estar tão desesperada? — Tanisha bocejou. — Não achei que seria tão difícil ficar na cama com o Belo Hawk.

— Não é isso.

— Então, o que é? Vocês se conheceram melhor depois que apagaram as luzes?

Ela corou. Nem tinham começado a se conhecer.

— É nisso que preciso de sua ajuda.

— Obrigada, mas só curto relacionamento a dois.

— Muito engraçado. Estou falando sério. Achei que faria esse trabalho com o Nick, não Adam. Não vim preparada.

- Quer camisinhas?
- Tanisha! — Ela quase deixou o celular cair.
- Bem, o que quer que eu pense se diz que não está preparada?
- Eu não trouxe as roupas certas, só pijama de flanela.
- Não parece muito sedutor, mas hoje é seu dia de sorte.
- É?
- Você deve vestir o mesmo número que eu. Tenho uma cômoda cheia de lingerie de arrasar. De deixar qualquer homem aos seus pés.

Ela sentiu calor ao imaginar Adam de joelhos.

- Me ajude e vai ganhar a maior caixa de chocolates que já viu — disse ela.

Tanisha riu.

- Fechado. Vou vê-la após o programa matinal.
- Obrigada, te devo essa.
- Vou querer saber tudo depois.
- Pode apostar. — Ela desligou e se olhou novamente no espelho. Parecia uma refugiada, mas em pouco tempo estaria vestida para a guerra.

Adam não teria chance.

Ao final do programa matinal Adam se sentia melhor em relação a Erica. Sim, ela era jovem e linda, mas um homem precisa ter prioridades, e se vacilasse sua carreira poderia não ter mais jeito. Então, não podiam se entregar à luxúria. Seu histórico profissional já estava marcado e não seria justo com Erica, que estava apenas começando.

Quando a última música começou, Erica tirou o fone de ouvido e sorriu para ele.

- Quanto conseguimos até agora?

Ele olhou o papel que Mason lhe dera mais cedo.

- Já passam de 21 mil dólares, com os dez mil do Max.
- Isso é fantástico. O público deve adorar o programa. Uma parte dele se sentiu velho diante desse entusiasmo. Mas ela certamente fazia o trabalho

menos chato.

— Eles amam você. Podem me ouvir a qualquer hora.

— Você é tão gentil em dizer isso, fiquei com medo de fazer besteira, como da última vez.

— Você estava nervosa — disse Adam. — Todos cometem enganos, principalmente quando são novos. Você só cometeu todos de uma vez.

Ela riu e ele desviou o olhar.

— Acho que devemos gravar mais chamadas promocionais essa manhã.

— Claro. Só quero tirar um intervalo antes. — Ela estava de olho na aglomeração, então achou alguém que acenou.

Tanisha surgiu de uma massa de gente junto à porta.

— Eu trouxe umas coisinhas — disse ela, segurando uma sacola rosa.

— Ótimo. — Erica virou para Adam. — Voltarei em alguns minutos.

Ele ficou olhando as duas indo ao banheiro. Agora que havia passado o choque inicial de estarem juntos na cama, talvez os próximos dias não fossem tão ruins. Podiam ser amigos.

Carl veio até ele.

— Acabo de ver o valor das doações. Estão indo .muito bem.

— Erica realmente me impressionou. Ela leva jeito.

— Vocês dois estão ótimos juntos. Até agora estão no tom certo, sexy, mas não apelativo. Queremos provocar, não ofender.

— Eu sei. Também li os memorandos.

— Apenas mantenha em mente que não posso interceder e salvar a sua pele toda vez.

— Eu sei. Como você disse, aprendo com os erros. — Teria realmente aprendido?

Carl lhe deu um tapa nas costas, o máximo de afeição esperado de um gerente, depois partiu.

Muitos reclamavam do jeito ditatorial de Carl, mas Adam lhe devia muito

para reclamar. Carl lhe dera uma chance quando ninguém mais o fez.

Adam estava na rádio há menos de um ano quando o episódio com Bonnie aconteceu. Pesou que seria demitido, mas Carl foi incrivelmente calmo.

E Erica não o faria perder a cabeça outra vez.

— Tanisha, essa roupa é realmente um arraso. Não sei se tenho coragem de vesti-la em público. — Erica estava nas pontas dos pés, se vendo no espelho do banheiro. O conjunto de calcinha e sutiã de cetim preto eram cobertos por um chiffon preto num top e uma calça solta, ornada com miçangas brilhosas.

— Por que não? Tecnicamente, está tudo coberto, menos as mãos, pés e umbigo.

— O pano não cobre nada. — Ela fez uma dança do ventre. Era uma roupa e tanto.

— Esse é o lance. Coberta, mas descoberta. Certamente vai deixar o homem doido.

Ela virou de costas para o espelho e de frente para Tanisha.

— Acha que Adam tem um ser impetuoso dentro de si? Ele é sempre tão calmo.

— Todo homem tem um lado animal. Com toda aquela testosterona, sabe.

— Certo. — Tivera uma amostra dessa testosterona, durante a manhã. — Se algo pode trazer essa testosterona à tona, é essa roupa.

— Quase esqueci. Trouxe outras coisas. — Tanisha pegou um vidro de perfume e uma caixa de preservativos. — O perfume se chama "Sedução", é divino.

— E as camisinhas?

— Melhor prevenir do que remediar.

— Sei. — Ela borrifou o perfume no pescoço.—Bom. — Olhou o relógio. Tinha mais alguns minutos antes de voltar para a cama. — Como vai a rádio?

— Acredita que estão mandando presentes ao Nick? O protocolo está cheio de tudo que se pode imaginar, desde bichos de pelúcia até garrafas de

birita. Uma mulher até mandou uma calcinha.

— Credo. — Ela fez uma careta. — E para ele usar ou cheirar?

— Ainda bem que não fui eu quem abriu o envelope.

— Quem está no horário vespertino de Adam?

— Audra, e o cara da noite está cobrindo o horário dela. É claro que Bonnie está uma fera por não ter entrado à tarde.

— Por que não deram a ela? — perguntou Erica. — É qualificada, não é?

— Parece que ofereceram o horário da noite e ela reagiu, se sentindo insultada.

— Carl não deve ter ficado nada contente. — De qualquer forma, não acho que ela seja muito bem quista.

— Ela é meio assustadora — admitiu Erica. O que Adam viu nela? Se bem que os caras tendem a pensar com os sentidos. Mais uma razão para apelar para seus instintos animais. — Obrigada pela roupa. — ela deu um abraço forte em Tanisha.

— Sem problema. Depois me fale se funcionou, tem um cara com quem quero tentar.

— Aaah. Alguém conhecido? Tanisha sacudiu a cabeça.

— Ele mora no meu prédio. Tivemos uma paquerinha na lavanderia.

— Então talvez possa vestir isso para ir lavar roupa. Uma batida na porta silenciou o riso.

— Erica, Carl disse para ir lá agora — Mason chamou.

— Já vou. — Ela deu outro abraço em Tanisha. — Me deseje sorte.

Adam repassava o material promocional com Mason quando Erica chegou. Ele piscou, imaginando se estava tendo uma alucinação. Seu coração bateu tão forte que quase não conseguia respirar. Não conseguia tirar os olhos dela. O tecido preto transparente não escondia quase nada. Deixava ela mais atraente...

O assistente de produção recuperou a voz primeiro.

— Erica, você está ótima — disse ele.

— Obrigada. — Ela passou a mão no tecido, sobre os quadris. — Estava me sentindo meio relaxada.

— Agora não está. — Mason sorriu.

Adam o olhou de cara feia. Não percebia que estava quase babando?

— Obrigada. — Ela abriu um sorriso agradecido. — Eu queria entrar no clima. Fazer as pessoas falarem e doarem mais dinheiro.

— Estava bem de pijama. — Adam não quis cuspir as palavras, mas o controle que tivera a manhã toda estava evaporando.

Ela se aproximou e falou baixinho:

— Carl disse para dar um clima sexy. O que é mais sexy do que lingerie preta?

Nada, pensou ele. O que o fez imaginá-la vestindo exatamente isso. *Nada. Componha-se*, ordenou ele.

— Ele também disse para não ser apelativo. Ela olhou para baixo, para o chifon.

— Isso não é apelativo. As pessoas se vestem menos para ir à praia.

— Não estamos na praia.

— Não, estamos na cama. O lugar perfeito para vestir lingerie, não acha?

Não, ele não achava. Não conseguia pensar. Não racionalmente. Eles estavam na cama. Camas são para sexo e sono. Ele definitivamente não estava sonolento.

Erica esperava atrair a atenção de Adam, *talvez* até fazê-lo vê-la sob uma outra luz. Sempre que estava ocupada com alguma atividade, dando entrevistas, posando para o site etc, o via olhando e disfarçando.

E o mais engraçado era que quanto menos ela usava, mais roupa ele vestia. Ele passou a usar um robe de banho, alegando que estava meio frio. Como se enganasse alguém.

E o efeito da roupa foi poderoso sobre ela. Fez com que se sentisse uma deusa da sedução. Todo homem que passava olhava duas vezes.

Ela tinha certeza de que poderiam fazer algo a respeito do fogo entre eles, quando todos fossem embora. Talvez pudesse cobrir as câmeras, ou se esconder no banheiro...

Assim que a porta da frente foi trancada Adam saiu da cama.

— Aonde vai? — Ela se debruçou para frente, mostrando o decote.

— Volte para cama.

Ele balançou a cabeça e sentou numa poltrona próxima a uma mesa.

— Precisamos conversar. Não dá para ser na cama. Contrariada, ela sentou na cadeira ao seu lado.

— O que quer falar? — Ela não queria saber de palavras.

— Você está fazendo um bom trabalho — disse ele.

— Obrigada, estou me divertindo.

— É o que me preocupa.

As palavras dele a confundiam.

— Não acha que o trabalho tem que ser divertido?

— Pode ser, mas... — Ele a olhou diretamente pela primeira vez no dia. — Mas também é sério. Se não levar a sério pode cometer erros grandes.

Ela endireitou a postura, irritada.

— Levo o trabalho a sério.

— Não agiu assim hoje.

— Desculpe, mas você notou o que estamos fazendo? Estamos nesse trabalho maluco, na cama. Temos que ser meio malucos. Aposto que Carl concorda.

— Aposto que não. Não da forma como tem agido, principalmente depois do que aconteceu conosco ontem.

Ela respirou fundo. Também sabia ser sincera.

— É pelo que aconteceu ontem que estou agindo assim — disse ela. — Estou tentando seduzi-lo.

Ele nem piscou.

— Eu sei, acredite. E está funcionando.

— Então, qual é o problema? — Ela colocou uma das mãos em seu joelho. — São as câmeras? Podemos ir a outro lugar...

Ele balançou a cabeça e gentilmente afastou a mão dela.

— Não podemos arriscar. Sabe da confusão com a Bonnie, não sabe?

— Sim. Mas o que isso tem a ver conosco...?

— A rádio recebeu uma multa e tanto por isso. E outra quando você teve... sua estréia.

— Entendi. Está dizendo que se algo acontecer novamente será encrenca braba.

— Sim, você é nova na carreira e eu tenho outras manchas contra mim.

— Que manchas? — Hawk era o cara mais certinho da rádio, o intelectual. Fora o problema com a Bonnie, Erica não podia imaginar algo contra ele.

— Tive problemas na rádio onde trabalhei antes — respondeu. — Encrenca grossa. Carl foi o único gerente de rádio que me concedeu uma entrevista em Denver. Não posso arriscar. Entende?

Ela assentiu.

— Sim, mas acho que está se preocupando à toa. O que fazemos aqui, contanto que seja fora das câmeras, é problema nosso.

Ele a olhou por um bom tempo.

— Não é só pela FCC e o emprego — disse ele. — Não é bom que pessoas que trabalham juntas em público se envolvam. É muito complicado. Por isso Carl é contra. — Ele sacudiu a cabeça. — Não espero que você entenda, mas não quero complicações.

Ela o encarava. Aquele homem achava que se envolver com ela era muito complicado? Ele se envolvera com Bonnie e temia ter outra confusão? Só não podia ser outro clichê do homem que toma um fora e teme amar novamente.

— Então, não quer começar nada comigo por causa de nossos empregos. — disse ela.

— Isso. — Ele pareceu aliviado. — Sabia que entenderia. — Ele tirou o cinto

do robe. — É tarde, vamos Para a cama.

CAPÍTULO CINCO

Erica notava Adam deitado quieto ao seu lado. Quietos demais. Estaria apreensivo, com medo de se encostar nela?

— Acha que a câmera consegue captar imagens no escuro? — perguntou ela.

— Consegue. Provavelmente tem infravermelho.

— E ouvir? Acha que eles ouvem?

Ele não respondeu logo, como se estivesse pensando na resposta.

— Pode ser.

— Acho que não. Provavelmente é ilegal gravar a conversa de empregados e clientes.

Ele se abaixou mais sob as cobertas.

— Talvez esteja certa.

Ela deslizou uma mão até passá-la em sua coxa. Seus músculos contraíram com o toque.

— Você tem que parar — disse ele, com a voz contida —, não sou de pedra.

Ela o apertou na coxa.

— Obviamente não.

— Pensei que tivesse entendido que isso não é boa idéia.

— Entendi que é o que você acha. Não concordo. — Ela chegou mais perto e ele agarrou seu punho. — Você está esquecendo algo.

— O quê?

— Não trabalhamos juntos normalmente. Esse é um caso especial. — Ela levou a outra mão até seu peito. — Você me quer, não é?

— Quero. — A palavra saiu com um chiado.

- E eu quero. — Ela o beijou no ombro.
- As câmeras. — As palavras saíram roucas.
- Podemos ir a outro lugar, talvez o banheiro.
- Lá também tem câmeras.
- Detesto quando a lógica atrapalha um bom plano.
- Sinto muito, nem sabe o quanto.
- Então vamos só conversar. Podemos, não?
- Claro. De que quer falar?
- Você disse que trabalhou em Carmel. É da Califórnia?
- Sim.

Ela esperou, mas ele não se alongou.

- De onde? — perguntou ela. — Da costa, ou da montanha?
- Da costa. Uma cidadezinha chamada La Conchita.
- Você surfava?
- Um pouco.

Ela o imaginou mais jovem e bronzeado, sobre uma prancha de surfe.

- Está bem longe da praia para um surfista.

Ele riu, o som dissipando o resto de tensão entre eles.

- Agora faço *snowboard*. E você? Onde cresceu?
- Bem aqui, em Denver. Acredita? Sou nativa. Então cresceu na Califórnia. E como veio parar em Denver?

Ele hesitou, depois disse:

- O trabalho me trouxe.
- E como se tornou um especialista em rock?
- Meu pai me deu um livro de Natal. Era algo que ele gostava.
- Quantos anos tinha quando ganhou o livro?
- Onze. Ele morreu logo depois disso. — Ela sentiu a dor nas palavras.

— Deve ter sido difícil perder seu pai tão jovem...

— Alguns caras se prendem ao esporte, comigo foi com a música.

Ela percebeu que essa era a conversa mais pessoal que já tinham tido. A cama dava um senso de intimidade, mesmo sem se tocarem.

Ela olhou a câmera, que podia ver o que estava em frente, mas não o que estava embaixo das cobertas.

A necessidade de tocá-lo era desesperadora. A proximidade emocional a deixara ansiando para estar perto fisicamente também. Cuidadosamente, ela passou a mão pelo espaço entre eles.

Ela o escutou respirar profundamente quando seus dedos tocaram sua rigidez. Ela pôde sentir o calor através do pijama. Teria passado o dia todo assim?

— O que está fazendo? Não pode...

— Por que não? — Ela o pegou, acariciando de leve. Depois soltou, momentaneamente, e enfiou a mão por baixo do elástico da cintura.

— Erica, não...

Ele a pegou pelo punho, mas ela se soltou ela agarrou seu membro nu, deleitando-se em seu calor.

— Se mantivermos nossos movimentos embaixo das cobertas, como saberão o que está acontecendo?

Ele ficou imóvel, assimilando a informação.

— Não acha que podem ver nossos rostos?

— Vire para mim e não verá. — Ela o puxou para perto.

Ele virou de lado e pôs a mão sobre seu quadril.

— Isso é loucura.

— Tire as calças — ela pediu. — A camisa também. Ele hesitou, depois disse:

— Só se você também tirar.

Ela ficou de barriga para cima e fechou os olhos. *Agora vou dormir, disse ela, silenciosamente, a quem estivesse assistindo à câmera acima.*

A sensação dos lençóis acetinados em suas coxas e seios nus aumentou sua excitação. Ela nem tinha tirado a roupa e sentiu a mão de Adam em sua cintura.

— Você é tão sexy — murmurou ele, deslizando a mão até os seios.

— Que bom que acha... — As palavras se transformaram num gemido quando ele pegou um dos seios, massageando, apertando o mamilo levemente.

— Sempre te achei sexy. Mesmo sendo nova demais para mim.

— Tenho 25 anos — disse ela. A mão dele parou.

— Achei que não tivesse mais de 21.

— Sei que sou mais velha do que as estagiárias comuns, demorei a decidir o que fazer na faculdade. Mas juro que tenho idade para fazer isso.

Ele pegou seu outro seio.

— Ahhh. — Ela deixou o ar escapar lentamente.

— Não esqueça a câmera — sussurrou ele, com a boca junto à sua orelha. Ela olhou para a câmera, imóvel, sem revelar o que sentia.

Ele se afastou de seu seio e suspirou de arrependimento, mas logo voltou.

Ela mordeu o lábio para evitar gritar, e pressionava as nádegas na cama, resistindo ao ímpeto de apertar as pernas.

— Isso é tão bom — ela suspirou.

Estava molhada e latejante, mais do que pronta para ele, mas ele não tinha pressa para deixar seus seios. Ela se agarrava ao colchão.

— Eu queria poder vê-la — disse ele. — Nua, assim. Seus seios molhados de minha boca.

Ela só conseguiu responder com um gemido. Como isso acontecera? Queria estar no comando e ele a tinha nas mãos.

Ele passou a perna por cima dela e a puxou. Ela se curvou, ansiando por seu toque, ele não a satisfez imediatamente. Passou os dedos por seus pêlos e desceu pela coxa.

— Você está me provocando — reclamou ela.

— É o troco pelo que fez comigo o dia todo. Ainda bem que trabalhamos sentados. Acho que eu nem conseguiria andar, pelas condições em que você me deixou.

— Você é muito teimoso. Tive que tomar medidas drásticas. — A voz dela se acentuou na última sílaba, quando ele lhe introduziu um dedo. Seus músculos se retesaram ao redor do dedo, mas ele o tirou.

— Gosta disso?

— Não, detesto. Não dá para notar? — Ela virou a cabeça para ele e o viu levar o dedo à boca e chupar. Saboreando-a.

A intimidade do gesto a deixou com um nó na garganta.

— Eu gostaria de tê-lo em mim, mas, por enquanto, isso basta.

Suas palavras surtiram o efeito desejado. Ele logo pôs a mão nela, projetando o dedo indicador para dentro, enquanto massageava o clitóris com o polegar. Ela gemeu quando ele pôs mais um dedo e começou a massagear ao redor do clitóris. Ele estava concentrado em levá-la ao limite.

Ela se curvou em sua direção, lutando contra o desejo de gemer, ou até gritar. A batalha de auto controle intensificava todas as sensações. Seu clímax veio em ondas, cada uma mais intensa que a anterior. Um pequeno grito escapou de seus lábios. Ao levar as mãos aos seus seios, Adam estava tremendo, sacudido pela intensidade do momento, com seu próprio desejo aumentando.

Ela o pegou, agarrando sua ereção firmemente, para satisfazê-lo como fizera com ela. Ele a deteve pelo punho.

— Só um instante, preciso recuperar o fôlego. Ficaram parados por um tempo e ele ouviu o tique-ta-

que de um relógio próximo. Depois soltou seu pulso.

— Está bem, pode fazer.

Ela começou, depois parou, rindo, lembrando como ele a provocara. O corpo dele estremeceu. Assim como ele fizera, ela lambeu a própria mão e voltou a segurá-lo. Começou a acariciá-lo embaixo do membro. Ele gemeu.

— Lembre da câmera — sussurrou ela. — Faça de conta que alguém está

olhando.

— Não sei como dizer, mas isso me estimula mais ainda.

Ela riu.

— Eu também. — Ela moveu a mão mais rápido, pegando a ponta do membro. Havia uma gota solitária ali e ela a espalhou com a ponta do dedo.

— Mesmo que não possamos oferecer um show de verdade.

Se ela fechasse os olhos, será que o expectador anônimo pensaria que estava dormindo?

Mas ela abriu os olhos novamente. Queria ver o rosto de Adam quando o fizesse gozar.

Ela o pegou com as duas mãos e começou a mover para cima e para baixo.

Adam respirava com intensidade e ela se viu o acompanhando, ofegante. Havia algo muito erótico quanto a estar no controle do prazer de alguém dessa maneira. Para ela, o sexo sempre fora estar com alguém quando cada um buscava sua própria satisfação. Agora, com Adam, era diferente, eles se alternavam buscando o prazer do outro, dando um presente incrível, buscando algo precioso que só o outro podia dar.

Ela sentiu o instante em que ele estava quase explodindo, seu corpo todo se retesou, em busca da libertação. Ela aumentou um pouco a pressão dos movimentos e pousou a cabeça em seu peito, se arriscando diante da câmera, para ficar perto dele.

Ele passou o braço ao seu redor, puxando-a para perto, derramando-se na mão dela. Ela colocou uma das mãos na ponta, colhendo sua essência quente, sentindo o pulsar na palma de sua mão, até que ele relaxou no colchão, ainda com o braço ao seu redor.

— Diga que isso não é outro sonho erótico.

— Outro? Já sonhou comigo? Ele virou a cabeça para olhá-la.

— Uma vez ou outra. — Ele desceu da cama com a camiseta. — Use isso para se limpar. Vou pegar outra.

Ela limpou as mãos, depois pegou suas roupas do pé da cama.

— Acho que vou até o banheiro.

— Eu vou quando você voltar. — Quando ela saiu do banheiro ele estava esperando. Antes que pudesse falar ele lhe deu um beijo ávido, que a fez perder os sentidos e a fala. Foi tudo muito rápido e ele se afastou.

— Não sei se as câmeras nos vêem aqui, mas tinha que fazer isso.

Ele entrou no banheiro antes que ela pensasse em algo a dizer. Para um homem relutante em se envolver, ele certamente tinha acelerado.

CAPITULO SEIS

— Toda essa chuva é ruim para os negócios. — Carl estava na janela, olhando a chuva da manhã de domingo.;

— Só maluco sai nesse tempo.

— Acho que isso nos torna loucos — disse Adam. Carl se virou para ele.

— Você está horrível, o que houve? Não está dormindo à noite?

— É... não tão bem. — Ele deu um gole no café olhando pela janela, lembranças da noite com Erica passando pela cabeça. Não acreditava que numa das experiências mais incríveis de sua vida eles usaram apenas as mãos.

A experiência o balançou. Quanto tempo fazia que ele não se sentia assim tão... próximo de alguém? Isso já seria motivo para pôr fim naquilo.

Mas só conseguia pensar no quanto queria mais. Se a noite anterior havia sido tão intensa, o que aconteceria quando realmente acontecesse?

— Está me ouvindo?

— Desculpe, me distraí. O que dizia?

— Eu disse que você e Erica fizeram um ótimo trabalho. Agradeço por você ensinar a ela.

— Ela é ótima. Realmente natural. — Os olhos dele desviaram para Erica,

ainda de lingerie preta, rindo, conversando com dois empregados da loja. Ela jogou a cabeça para trás, expondo o pescoço branco. Como seria colocar os lábios ali? — Os ouvintes parecem realmente gostar dela.

— E vocês dois? Estão se dando bem?

— Claro. — Mais do que bem. Era tão bom ficar perto dela que ele acabara baixando a guarda. Isso era pedir encrenca.

— Vamos achar um jeito de usá-la com mais frequência — disse Carl.

A porta principal do *showroom* se abriu bruscamente e um homem de terno xadrez entrou como um raio. Os dois funcionários que falavam com Erica se dispersaram, quando Max passou voando.

— Ânimo, pessoal! — ele gritou. — Esse lugar vai estar cheio de clientes na próxima hora. Vamos nos preparar para vender.

Ele seguiu na direção de Carl e Adam, de mão esticada.

— Salve! O que acham da minha idéia de promoção? Sou um gênio, ou não?

— Foi uma idéia ótima — disse Carl. Ele se voltou para Adam. — Já conhece Adam Hawkins? É um dos participantes na arrecadação de fundos.

Max apertou a mão dele.

— Você não deveria estar na cama, filho?

— Só estou dando um intervalo. — Adam deixou o café de lado e olhou para Carl. — Estamos prontos para entrar no ar?

— Espere aí — protestou Max. — Quero ver a outra metade da equipe. Onde está ela?

— Erica, venha até aqui cumprimentar Max. — Carl gesticulou chamando Erica.

A conversa parou enquanto os três a viam se aproximar. Que cintura fina e quadris redondinhos. Como ele, não notara? Tudo que ele conseguia pensar era a forma como ela o segurara na noite anterior.

— Minha Nossa Senhora, mas que cara de sorte, sr. Hawk.

A voz de Max era baixa, mas Adam sabia que todos ouviram o comentário. Ele olhou o homem, resistindo ao impulso de lhe dar uma cotovelada nas

costelas.

Carl pareceu não notar.

— Erica, Max quer lhe dar um oi.

Ela sorriu e estendeu a mão.

— Prazer em revê-lo.

— O prazer é meu. — Max ficou segurando sua mão e exibiu um sorriso cheio de dentes. — Aquele Terapêutico 9000 está confortável para você?

— Ah, sim, é ótimo. Eu gostaria de ter um daqueles em casa.

— Tenho certeza de que podemos lhe arranjar um bom desconto. — O sorriso de Max se alargou.

Adam nem queria pensar no que seria pedido em troca. Ele pegou Erica pela mão e a puxou na direção da cama.

— Desculpe interromper, mas temos que voltar ao trabalho.

Adam começava a sentir uma dor de cabeça.

— Não notou a forma como ele olhou para você? Estava quase ofegante.

— Ofegante? — Ela riu. — Adam, ele tem idade para ser meu pai.

— Desde quando isso detém um homem?

Ele estava enciumado. Pegou a prancheta e ajustou o microfone.

— Bom dia, e bem-vindos à nossa maratona do *showroom* da Colchões Max. Eu e minha parceira de crime, a adorável Erica, estamos aqui numa cama *king size* desde sexta-feira de manhã.

— Estamos arrecadando fundos para o novo abrigo do Exército da Salvação

— prosseguiu Erica. — Até agora alcançamos doze mil, oitocentos e seis dólares. Mas queremos mais. Bonnie Bombástica vai dar a previsão meteorológica em alguns minutos. — Erica leu na prancheta.

— E temos um convidado muito especial essa manhã — disse Adam. — Nick Travesso irá nos contar como está a sua recuperação.

Ele pôs a música e começaram a tocar os primeiros acordes de "A Flood Down in Texas", de Stevie Ray Vaughn. Ele tirou o fone de ouvido e olhou o

relógio.

— Viu Bonnie? — ele perguntou a Erica.

— Ela entra agora. Erica balançou a cabeça.

— Talvez esteja presa no trânsito. Eu não sabia que o Nick ia entrar. Ele deve estar bem melhor.

— Deixem-me passar, tenho um programa para fazer. A aglomeração se abriu para Bonnie, que chegou pingando água de sua capa de vinil branco. Seu namorado atual era um louro musculoso chamado Doug que vinha em seu rastro.

— Onde está meu microfone? Alguém pode me conseguir um café?

Doug a ajudou a tirar a capa e um assistente trouxe uma xícara de café. Ela ajustou o fone e deu um gole. Depois se virou para a cama.

— Nossa, não é que vocês dois parecem aconchegados. O sorriso dela era tudo, menos meigo. Adam engoliu

o comentário sarcástico.

— Oi, Bonnie — disse Erica.

Bonnie ignorou o cumprimento e lançou um olhar frio a Adam.

— Vamos acabar logo com isso.

A música acabou e ele percebeu que perdera sua entrada. Mas Erica pegou no ato.

— Bonnie Bombástica está aqui conosco, com o clima e o trânsito. Como estão as coisas essa manhã, Bonnie?

— O clima e o trânsito estão terríveis. — Ela deu as costas para a cama, atuando para seu público particular, os empregados da loja e os compradores. — Dirijam com cuidado, é muita água e não parece que irá melhorar tão cedo. Está um ótimo clima para ficar em casa coladinho em alguém especial.

— Ou venha até a Colchões Max e faça uma doação para o Exército da Salvação — Adam prosseguiu. — Ao chegar aqui, dê uma conferida nos colchões ortopédicos.

— Afinal, por que não fazer seu ninho de amor bem aconchegante? — completou Erica.

Eles cortaram para o comercial.

— Essa fala era minha — Bonnie bufou, assim que os microfones foram desligados.

— O quê? — Erica pareceu confusa.

— A fala do colchão aconchegante. Era minha. — Ela apontou o dedo para a prancheta.

— Desculpe, Bonnie, eu não vi o pequeno 'B' na margem.

— Essa inocência pode enganar os outros, mas não funciona comigo, — Bonnie deu um passo na direção de Erica.

— Eu pedi desculpas. — Erica endireitou a postura e encarou Bonnie. — Se não há nada que eu possa fazer, então esqueça.

— Quem é você para me dizer para esquecer? Lembre-se de que eu sou a estrela aqui, você é apenas uma estagiária...

— Chega, Bonnie. — Adam levantou da cama e se pôs entre as duas. — A Erica não fez por mal.

— Vamos, gente, parem a discussão. — Carl se juntou a eles. — Bonnie, sua parte acabou. Está na hora da ligação de Nick.

Fazendo-se de ofendida, Bonnie deu a volta e partiu. Carl deu um telefone sem fio a Adam.

— Nick já está na linha. Vamos colocá-lo após a próxima música. Os caras da produção vão inserir a ligação. Pergunte o trivial, se ele está dando trabalho às enfermeiras e tal.

Adam levou o telefone ao ouvido.

— Alô, Nick?

— E aí, como vai indo, Adam?

— Tudo bem. Vamos entrar ao vivo em alguns minutos. Como vai?

— Como acha? — A voz de Nick parecia mais rouca que o habitual, como se

tivesse fumado e bebido por três noites seguidas. — Estou com dor e nem posso fazer xixi sem ajuda.

— Sinto muito.

— Aposto que sim. Enquanto estou aqui morrendo você deita e rola com aquela gatinha. Como estão se dando?

Ele apertou o fone mais forte ao ouvido e olhou para Erica. Ela estava lendo a lista de músicas matinais.

— Ela está fazendo um ótimo trabalho — disse ele. — Parece estar no rádio há anos.

— Que chato, hein? Lamento. Mas você sabe que quando quiser Nick Travesso pode te dar umas dicas para usar com o sexo oposto.

— Nunca gostei muito das suas dicas. — Ele ouviu o final de "What Passes For Love". — Certo. Agora vamos entrar ao vivo. — Ele acenou para Erica e ela fez a apresentação.

— Temos um convidado especial essa manhã, pessoal. Nick Travesso está ligando do hospital, onde se recupera de um pequeno acidente na quinta-feira à noite. Como está se sentindo, Nick?

— Nunca me senti melhor! Estou tomando uns remédios incríveis. Com eles e as enfermeiras sexies desse lugar estou no céu. Acho que não vou embora. Vou fazer meu programa daqui, com uma enfermeira de cada lado para arrumar meus travesseiros.

Adam fez uma careta. De onde Nick tirou isso?

— Então, faria nossa arrecadação de fundos algo permanente?

— Por que não? Você e Erica estão se divertindo, não estão?

— Como nunca na vida — disse Erica. — Rolando na cama o dia todo, como não adorar?

— Certo, mas e depois que as luzes se apagam? Como é a diversão? — perguntou Nick.

— Isso eu não conto — Erica provocou. — Mas posso dizer que o Terapêutico 9000 é certamente um colchão confortável. Me sinto ótima, independente

da posição em que esteja.

— Mas qual é a sua posição preferida?

— Gosto de dormir de barriga para cima — disse Adam, tentando conduzir o assunto para um terreno mais seguro.

— Quem falou sobre dormir? Erica, eu falei algo sobre dormir?

Ela riu.

— Não, Nick, não falou.

— Falando em dormir, é melhor deixarmos Nick descansar — disse Adam. — Tenho certeza de que ele precisa, com todo o sacrifício que tem passado.

— Tudo que faço é descansar. Estou pronto para alguma diversão. Então, vamos lá, me conte sobre as loucuras que estão rolando na Colchões Max quando as luzes se apagam.

— Nem chega perto do que você imagina, Nick. Adam sinalizou para que Erica anunciasse a próxima música.

— Essa é para você, amigo. Espero vê-lo de pé, em breve.

Ele tirou o fone de ouvido e se recostou nos travesseiros.

— Nick estava em plena forma.

Erica deu uma gargalhada.

— O homem é impressionante. Estava reclamando de como está mal, mas no instante em que entrou no ar, até a voz mudou.

— Ele está no rádio há quinze anos. Provavelmente consegue fazer um programa meio dormindo. E conhecendo Nick, já fez.

— E você? Há quanto tempo faz isso?

— Quase, dez anos. — Sem contar com uma pausa de três anos que ele nem gostava de lembrar.

— Essa não é a forma habitual de se começar uma carreira. Max estou contente por estar fazendo com você, em vez de Nick. — Ela, deu um sorriso sedutor.

Ele tentou pensar numa resposta esperta, mas todo o sangue fluirá em sua

cabeça, e só conseguiu olhar a prancheta e respirar fundo. A mulher estava perturbando sua cabeça seriamente. Só restava uma noite.

E depois¹! Ele ainda a veria na rádio, o que não significava que se sentiria menos atraído por ela quando estivessem vestidos.

A idéia de se envolver com uma colega de trabalho ainda o deixava inquieto, mas talvez Erica estivesse certa. Se não estavam trabalhando juntos, talvez pudessem ter um relacionamento. Ela era sensacional. Talvez fosse o momento de deixar alguém entrar em sua vida novamente.

Por volta das quatro da tarde a chuva já tinha tirado todos de circulação na rua. O céu visto pela janela do *showroom* estava escuro como a noite.

— Alguém tem idéia de onde podemos conseguir uma arca? — disse Erica.

— O clima é minha menor preocupação agora. — Carl surgiu de uma sala que vinha usando como escritório.

Sua expressão logo silenciou a todos.

— Recebi uma ligação da direção. A cunhada, ou prima, ou irmã de alguém reclamou dos comentários de Nick essa manhã, e falou com um dos chefões.

— Que comentário a ofendeu? — perguntou Erica.

— Dos comentários sobre o que vocês dois estão fazendo depois do fechamento da loja. Ela disse que a rádio está promovendo a promiscuidade.

— A promiscuidade não é algo que precise de promoção, ela se vende sozinha. Carl o ignorou.

— Pelo que sei os poderosos não chegaram a se incomodar muito, até que alguém veiculou uma foto de Erica numa página da Internet.

— Uma foto minha? — Ela sentou sobre os joelhos.

— O que há de errado com a foto?

— Parece que alguém na diretoria acha que sua roupa está muito sugestiva.

Ela olhou a roupa. Claro que era sugestiva, esse era o objetivo.

— Então ela veste outra roupa e nós mantemos Nick fora do ar até tudo terminar — disse Adam.

Carl sacudiu a cabeça.

— Disseram para parar com tudo. Temos treze mil dólares para o abrigo e Max ganhou sua publicidade. É hora de desistir.

— Mas não podemos fazer isso — disse Erica. — Temos que terminar o que começamos. Além disso, se desistirmos agora, não conseguiremos os dez mil prometidos por Max.

— Você falou com Max sobre isso? — perguntou Adam.

— Ainda não, mas sei que não vai gostar. Anunciamos que ficaríamos no ar por 75 horas.

— Se ficar muito zangado talvez desista de anunciar — disse Adam.

— Vou persuadi-lo a não fazer isso. — Carl cocou o pescoço. — Vocês dois, vistam-se. O restante pode arrumar tudo.

— Não, Carl. — Erica pulou da cama e correu atrás dele. — Você ouviu o capitão do Exército da Salvação essa manhã. Esses dez mil representam muito para eles.

— Meu emprego representa muito para mim.

— Os anunciantes também representam muito — disse Adam.

— Diga à diretoria que a Colchões Max vai processá-lo por desistir do acordo. Diga que esse é um de nossos maiores anunciantes. Sei que não vão querer perder todo esse dinheiro.

— Não é com os anunciantes que estão preocupados. Existem outros, além de Max.

— Diga que vamos melhorar o tom — disse Erica.

— Vestirei algo menos revelador. E nada de gracinhas.

— E só mais uma noite e uma manhã — disse Adam.

— Se desistirmos isso só vai aumentar os comentários e boatos. Tenho certeza de que a diretoria não quer isso.

— Está certo. — Ele franziu o rosto para Erica. — Ponha uma roupa. E não quero nem um pequeno deslize de nenhum de vocês. Temos que sair dessa com uma boa imagem.

— Sairemos, eu prometo. — Ela correu de volta para a cama e pegou a mochila. Não estava empolgada em voltar ao pijama de flanela e tudo indicava que não haveria mais aproximações com Adam, ao menos enquanto estivessem ali.

Mas arranjar o dinheiro para o abrigo era importante, assim como provar que podia fazer um bom trabalho. Se precisava adotar uma postura sem intimidades com Adam, que assim fosse. O colchão de seu apartamento não era confortável como esse, mas quando estivessem nus novamente, duvidava que Adam fizesse alguma objeção.

CAPITULO SETE

A chuva continuou noite adentro. Mesmo no *showroom* Erica podia ouvir os trovões. Ela quase gostou de estar de pijama de flanela quando o guarda trancou as portas. O mau tempo certamente deixara o ar mais frio. Talvez fosse a repreensão da diretoria. Ela certamente dera uma reviravolta nos acontecimentos mais cedo, mas pensando agora, a raiva e mágoa cresciam.

— Não acredito que se preocuparam com comentários perfeitamente compatíveis com vim pijama — disse ela.

— É o clima atual. — Adam puxou a coberta sobre o colo.

— Parece tão injusto tomar bronca por algo tão banal.

— Eles precisam impor limites. — Ele se recostou nos travesseiros. — E seja honesta. Logo que soube da promoção, você não me falou que achava vulgar?

Ela concordou.

— A KROK é meio conhecida por promoções vulgares — disse ela. — Mas depois que vim para cá, não achei nada de vulgar. — Ela o tocou no braço.

Ele olhou para o teto, para a câmera que nenhum dos dois podia esquecer.

— Precisamos ter cuidado.

— Eu sei. — Ela recuou a mão e sentou de pernas cruzadas ao lado dele. —

Então vamos conversar. Acho que sei por que Bonnie me importunou tanto essa manhã. — disse ela.

— Ah é? Porquê?

— Está com ciúme. Ainda sente algo por você.

A respiração dele acelerou e ele se endireitou na cama, tossindo.

— Bonnie me detesta — contestou ele.

— Não detesta, não. Por que traria o namorado, se não fosse para exibi-lo na sua frente?

— Ela só se importa consigo mesma. É mais provável que esteja com ciúme de você estar em evidência. Não é nenhum segredo que ela quer seu próprio programa.

— Por que ainda não tem?

— Provavelmente porque Carl não confia nela. Você ouviu dizer que ela me xingou no ar, certo?

Ela concordou.

— Mas ele te deu uma segunda chance. E me deu uma segunda chance depois que troquei aqueles comerciais.

— Não estamos falando de um pequeno deslize — disse ele. — Ela me chamou de tudo que é nome.

Ele não parecia tão chateado.

— O que houve? Quero dizer, o que resultou na briga? Ele ficou em silêncio por um tempo. Erica corou.

— Se não quiser falar a respeito...

— Não, tudo bem. — Ele a olhou. — Só detesto admitir que fui tão tolo.

— O que quer dizer?

— Eu devia ter visto logo como é a Bonnie. Mas ela era nova na cidade e fazia tempo que eu não tinha um relacionamento. E, convenhamos, ela é atraente e eu sou homem. Não pensei muito quando ela deu em cima de mim.

— Ele sacudiu os ombros. — Na época pareceu uma boa idéia. Incomoda

falar sobre isso?

- Claro que não. Fico feliz que esteja sendo tão honesto comigo.
 - De qualquer forma, só saímos alguns meses. Não demorou para que eu notasse que ela não é uma pessoa legal.
 - Então decidiu terminar.
 - É. Foi quando cometi o segundo erro estúpido. O primeiro foi me envolver com ela. Eu lhe disse que achava que tínhamos que dar um tempo, justamente antes de começar o programa da tarde. Ao chegar para apresentar a meteorologia, ela fez o estrago. Eu mal tive tempo de desligar o microfone.
 - E a FCC multou vocês dois.
 - E a rádio. E Carl ameaçou nos demitir, mas desistiu.
 - Então, se ela não tem mais uma queda por você, talvez tenha rancor. Ela é uma pessoa muito infeliz.
 - Não perca tempo sentindo pena dela. — Não perderei meu sono por causa dela, prometo. — Mas ela não achava que teria uma noite de descanso. Não com Adam ao seu lado, tão perto e proibido.
- Ele se acomodou no travesseiro.
- Estou pensando se conseguiremos dormir.
 - Ontem foi incrível — disse ela.
 - É melhor mudarmos de assunto.
 - Não sei, mas se não podemos fazer nada, pode ser divertido falar o que poderíamos fazer.
 - Divertido ou torturante?
 - Um pouco de cada. Mas vai nos dar um incentivo para depois.
 - É. — Ele ficou em silêncio e ela pensou se deveria levar o assunto adiante. Havia algo erótico em ficar ali na abstinência forçada.
 - Então, o que você faria se tivesse liberdade para fazer qualquer coisa? — A pergunta dele rompeu o silêncio.

Ela fechou os olhos e pensou.

— Começaria a te beijar muito.

— Eu passaria a língua nesse vãozinho que você tem nos dentes — disse ele, com a voz rouca. — E beijaria esse lugar embaixo do queixo, onde a pele é branquinha.

Ela engoliu em seco, mas continuou:

— Eu desceria beijando seu peito, provocaria com a língua. — Ele limpou a garganta e se remexeu embaixo das cobertas.

— Hoje, quando deveria estar trabalhando me peguei meia dúzia de vezes olhando seus seios.

Seus bicos se contraíram com a imagem que ele pintou e ela os apertou, tentando deter a aflição.

— Você está tocando em si mesma? — Ele se apoiou no cotovelo e se virou para ela, no escuro.

Ela parou as mãos.

— S-sim.

— Isso me excita, ficar pensando. Eu queria poder acender a luz e assistir.

— Eu também. — Como seria vê-lo, com desejo nos olhos, sabendo que estava rígido, ansiando por ela, vendo-a se masturbar até o clímax?

Um raio cortou o céu. Ela olhou para a janela do *showroom*, mas não conseguia ver nada na escuridão.

— Eu beijaria seus seios até deixá-la gemendo.

— É... — Ela resistiu à tentação de se aliviar. — E depois, o que faria?

— Agora você — disse ele. — O que faria comigo?

— Desceria beijando até seu umbigo, desceria mais, até seu sexo. Seguraria você e daria beijinhos de leve, por baixo, lambendo devagarinho, sentindo-o pulsar em minhas mãos.

— Isso é loucura. Nenhum de nós vai dormir essa noite.

— É loucura — disse ela. — Mas não lamento por estar aqui com você, mesmo

sem poder tocá-lo.

— Nem eu.

Um raio brilhante estrondou no *showroom* e o abajur ao lado da cama se apagou, deixando tudo no escuro.

Ela puxou as cobertas e não ouvia nada exceto o coração disparado.

— Adam? — perguntou ela, numa voz incerta.

— Estou bem aqui.

— Acha que atingiu o prédio?

— Acho que pode ter sido no transformador. Acabou a luz.

Ela engoliu com dificuldade.

— Talvez essa não seja a hora de mencionar, mas tenho medo do escuro.

— Vai ficar tudo bem. Me dê a sua mão.

Ela agarrou a mão dele. Ele tinha dedos longos, palmas macias. Sua pele era quente, e segurava firme.

— Adam? — sussurrou ela.

— O quê? — perguntou ele, também sussurrando.

— Se o transformador queimou, isso significa que vai ficar sem luz por um tempo, não é?

— Provavelmente. Deve ser na cidade toda. Ela virou de lado, de frente para ele.

— Então, se não tem luz... isso quer dizer que as câmeras não estão funcionando.

Adam ficou parado assimilando a idéia.

— Ninguém está nos vendo. Ninguém.

— Então ninguém irá ver isso. — Ele pegou seu rosto e trouxe os lábios dela aos dele. Ela abriu a boca e as línguas se entrelaçaram. Ele passou a língua no vãozinho entre os dentes dela, queria conhecer a sensação.

Ela riu, mas quando ele ia se afastar ela o prendeu com força.

Ele não fazia objeção em ficar beijando, mas queria mais e passou a mão por baixo da camiseta dela.

Ela suspirou quando ele passou a mão em seu seio e pegou seu mamilo.

— Gosta assim? — Ele falava com os lábios colados aos dela.

— Gosto... não pare.

— Não vou parar, prometo.

A avidez dela incentivava o desejo dele, que continuava a brincar com mamilo. Ao ouvi-la ofegante ele ficou ainda mais rígido. Ele se apoiou num dos cotovelos e levantou a camiseta até os ombros dela. Ela tirou a peça e jogou para o lado em seguida, ficando nua ao lado dele.

— Eu queria poder ver — disse ele.

— Vai ter que fingir que é cego e me conhecer pelo tato.

— E pelo paladar. — Ele pôs a boca num dos mamilos, passando a língua ao seu redor. Ela se curvou junto a ele, os quadris colados em sua rigidez.

Ele poderia tê-la penetrado naquele momento, mas não via motivo para pressa. Ela gemia junto a ele.

— Não pare — sussurrou ela, novamente.

Ele deslizou a mão para baixo, por seu quadril, pela coxa musculosa e por entre as pernas, para a umidade de seu sexo.

— Isso é tão bom — disse ela, as palavras sussurradas.

— Você ainda nem sentiu nada.

Então ela pegou o elástico da calça dele.

— Tire — disse ela. Segundos depois a calça voou para algum lugar na escuridão.

Erica se apertava junto a ele, deleitando-se com a sensação de sua pele quente, os pêlos do peito dele em seus seios, a pressão do sexo riço em sua coxa.

Ela se apoiou no cotovelo e inclinou a cabeça, beijando seu peito. Lembrou da promessa e desceu beijando seu corpo, parando no umbigo, sob a respiração

ofegante. Passou a mão em seu membro, maravilhada.

— Você esteve assim o dia todo? — perguntou ela.

— Pelos três últimos dias. Você me deixou agonizando.

— Então prometo fazer valer a espera. — Eles se beijaram novamente, num beijo cheio de vontade.

— Não quero esperar muito mais — disse ele. — Não sabemos quando a luz vai voltar.

— Também não quero esperar. — Graças a Deus pelas camisinhas de Tanisha. Ela se esticou e pegou a caixinha.

— O que está fazendo? — Ele se aconchegou junto a ela, acariciando.

— Pegando isso. — Ela segurou o pacote laminado, sem ar pela forma como ele tocava seu mamilo.

Ele pegou o preservativo.

— Não sei se fico surpreso ou contente por você ter planejado isso.

Ela deitou de barriga para cima e o ouviu abrindo o pacote.

— Você parece tão jovem e inocente.

— Não sou inocente e quis fazer amor com você desde o dia em que o vi.

A idéia o intrigou. O que a teria atraído?

— Por que eu? Você nem me conhecia.

— Você era... diferente. Meio distante.

— E você gostou disso?

— Por você ser meio misterioso. Quis conhecê-lo. Mas já achava que não ia acontecer, você me tratava como uma irmãzinha.

— Não tenho irmã. — Ele colocou a camisinha, depois abriu suas pernas. — E se tivesse, juro que não trataria ele como trato você.

Ela ia responder, mas ele a abriu, passando a mão no clitóris sensível, deixando-a sem palavras. Ela inclinou a cabeça para trás e soltou um gemido animal.

Adam a penetrou no instante de seu orgasmo. Ela se contraiu sentindo-o

inteiro, e se curvou junto a ele, sentindo as ondas de prazer.

Erica o enlaçou com as pernas e segurou firme, deixando que ele entrasse cada vez mais fundo, até que cada milímetro dele estivesse dentro dela. Ela esticou a mão e o acariciou por baixo.

Adam se movimentava mais rápido, mais fundo, e gritou ao gozar.

Ele ficou de joelhos, segurando-a pelas nádegas e ela estava quase sentada em seu colo. Ela sentia seu sorriso.

— Isso foi demais — disse ela, e beijou-lhe o rosto. — Melhor do que eu imaginava.

— Um dia eu vou te perguntar o que você imaginava, mas não agora. — Ele recuou e ela se recostou nos travesseiros.

Ele levantou e foi para o banheiro. Ela ouviu seus passos se afastando e pensou no *um dia*. Isso significava que ele via um futuro para eles? Ela sentia que ele ainda estava meio relutante por trabalharem juntos e por sua experiência com Bonnie. Mas ninguém na rádio tinha que saber que agora formavam um casal. Seria divertido.

Adam precisava de um pouco de diversão em sua vida. Era sério demais. Talvez fosse solitário, mas, de qualquer forma, agora ela estava ali e tinha a cura para o seu mal.

CAPÍTULO OITO

Eles acordaram na segunda-feira de manhã e a luz tinha voltado. Incluindo os dez mil dólares prometidos por Max, a maratona da cama da KROK rendera 31 mil dólares para o Exército da Salvação.

— Foi a melhor promoção que já fizemos — afirmou Max, quando todos começaram a empacotar tudo para partir. — Foi ótimo para o Exército, ótimo para a minha imagem e ótimo para os negócios. Vendemos 97 colchões nos últimos três dias. — Ele olhava para Erica.

— Deveríamos fazer disso um evento anual.

— Se transformar num evento anual diminui o impacto. — disse Carl. — Você precisa estar sempre inventando coisas novas para prender a atenção do público.

— Carl colocou a mão no ombro de Erica e a conduziu à porta. — Precisamos voltar para a rádio,

No estacionamento, eles pararam junto à van que Carl estava dirigindo.

— Vocês dois podem tirar o resto do dia para descansar, ou fazerem o que quiserem — disse o gerente.

— Fizeram um bom trabalho.

— Obrigada, Carl. — Ela deu um sorriso.

— Eu quero um filé — disse Adam. — Chega de pizza e hambúrguer.

— Como quiserem. Quero ver os dois em meu escritório amanhã cedo, no primeiro horário. — Ele entrou na van e foi embora.

Erica olhou para Adam.

— Por que quer nos ver no primeiro horário? Acha que sabe o que aconteceu? — Como poderia? Nem nós conseguíamos nos ver, ninguém mais viu.

De fato, o *showroom* estava muito escuro. Mas isso não interferiu no tato. A lembrança fez seus mamilos se retraírem.

— Talvez tenha alguma outra promoção em mente. — Ela fez uma careta. — Até que isso acabou não sendo tão ruim. Mas e se quiser que façamos algo imbecil?

— Diremos que dê o trabalho para Bonnie. — Ele deu um tapinha em seu ombro. — Venha, vamos embora. — Ele conteve um bocejo. — Acho que depois do meu filé e de um banho, vou tirar uma soneca. Por algum motivo não dormi muito essa noite.

— Deve ter sido o temporal. — Ela esticou os braços acima da cabeça. — Todos aqueles trovões também me deixaram acordada.

— Trovões? — O olhar dele encontrou o dela, numa expressão sugestiva.

— É, foi espetacular.

— Foi, não foi?

Ele afagou sem ombro depois tirou a mão.

— Depois falamos.

Ela concordou.

— Boa idéia.

Embora parte dela quisesse ir para casa com Adam agora, o restante percebeu que um banho e um cochilo fariam melhor para depois estar com ele. Ela seguiu para o carro e o olhou por cima do ombro.

— Ei, Adam.

— Hein?

— Não vamos conversar muito da próxima vez que nos encontrarmos. É melhor você descansar. Vai precisar de sua energia.

O interesse que surgiu nos olhos dele valeu a corrida que ela deu até o carro. Ele parou de persegui-la no meio do estacionamento e acenou.

Quando ela olhou para trás viu Mason e outro cara da produção se aproximando dele, rindo. Ela sorriu e manobrou o carro rumo à saída do estacionamento.

Terça-feira de manhã Adam chegou cedo ao trabalho. Ele disse a si mesmo que era por estar ansioso para entrar no ritmo normal de um dia de trabalho, mas sabia que a chance de ver Erica antes da maioria chegar influenciou em sua chegada.

Mas ela só chegou oito e cinco. A essa altura Adam já estava no escritório de Carl e Audra gravava o programa matinal.

— Como está o Nick? — perguntou Adam, se servindo de um refrigerante do frigobar de Carl. — Quando vai voltar ao trabalho?

— Talvez semana que vem. Devem despejá-lo do hospital amanhã.

— Ele deve estar deixando todo mundo maluco. — Ele se afundou no sofá. — Sobre o que queria falar?

— Vamos esperar até que Erica chegue. — Carl mexia nos papéis, depois olhou para Adam. — Agora que teve um tempinho para pensar, qual é a sua impressão sobre ela?

Adam piscou surpreso diante da pergunta. *Ela é a mulher mais sexy, esperta, incrível que eu conheci.* Mas essa provavelmente não era a resposta que Carl esperava.

— Como eu disse, ela é espontânea no ar, pensa rápido, é calma. Tem boa sinergia com os ouvintes.

Carl concordou.

— Eu queria ter certeza de que sua opinião não mudou. Então, ela agiu como profissional?

— Claro. Sem nenhuma falha.

— Bom.

— Oi Carl, Adam.

Naquele exato momento a mulher entrou.

— Desculpe o atraso. Dormi demais. — Ela sentou ao lado de Adam e cruzou as pernas. Tinha tirado a mecha rosa dos cabelos. — Dá para acreditar, todo aquele tempo na cama era de se pensar que eu estivesse com o sono em dia.

Adam mordeu a bochecha para evitar se delatar do pouquíssimo sono que ambos tiveram naquela cama.

— Adam e eu estávamos falando sobre o ótimo trabalho que fizeram nessa promoção — disse Carl. — Tivemos uma ótima resposta da audiência. Bem, exceto por aquela reclamação que não chegou a nos prejudicar.

— Foi bom ter Adam ali para me ajudar.

— Vocês dois formam uma ótima dupla. Quero aproveitar o momento e mantê-los juntos no ar.

— Por favor, não me diga que tem outra promoção maluca. — disse Adam.

— Essas promoções nos mantêm no ar. Mas não, tenho algo maior em mente. Quero que façam o programa da tarde juntos, de agora em diante.

Adam não podia acreditar. Que má idéia. Se ele e Erica fossem parceiros no

ar, não poderiam sair depois do trabalho.

— Carl, não acho...

— Que idéia fantástica! — Erica bateu palmas, seu sorriso podia iluminar o prédio inteiro. — Obrigada, obrigada.

A objeção de Adam era visível. Ela se virou para ele e seu sorriso se apagou.

— Não quer trabalhar comigo?

— Não é que não te ache ótima — ele acrescentou. — É que sempre fiz meu programa. — *E prefiro tê-la como minha namorada do que colega de trabalho.*

— Então o Hawk não será mais solo — disse Carl, de mãos cruzadas sobre a barriga. — Podemos chamar o programa de Hawk & Honey.

As sobrancelhas de Carl se juntaram, formando um V.

— Há alguma razão para que você e Erica não trabalhem juntos? Algo que não me contaram?

Adam olhou para Erica. Ela estava sentada na beirada da poltrona, com um olhar ávido. Para alguém como ela um horário nobre na maior estação de rock do mercado era um sonho se tornando realidade. De forma alguma ele poderia arruinar seu sonho em nome de sua própria libido.

— Você está certo, Carl. Será ótimo. Os ouvintes devem mesmo estar cansados de mim.

— Obrigada, obrigada. Eu prometo que será ótimo! — Ela olhava para os dois.

— Quando começamos?

— Que tal essa tarde? Brinquem com a idéia de que se divertiram tanto juntos que não suportariam acabar com a festa.

— Não queremos dar às pessoas a idéia errada — disse Adam.

Carl riu.

— A indústria do entretenimento tem tudo a ver com passar a idéia errada. Lembrem, apelo sexual e excitação vendem. Portanto, flertem, o que funcionar.

Ele desviou o olhar dela. Para Erica, provavelmente seria simples. Ela não

conseguia enxergar os problemas que ele já conhecia, não sabia como às vezes era difícil viver sob o olhar público.

Quando Erica deixou o escritório de Carl ela mal podia conter sua empolgação. Correu escada abaixo, direto até a mesa de Tanisha.

— Nossa, o que deu em você? — Tanisha ergueu os olhos de uma pilha de relatórios. — Parece que está flutuando.

— Eu me sinto como uma nuvem.

— Ela sentou numa cadeira junto à mesa. —, A coisa mais incrível acaba de acontecer.

Tanisha pôs os relatórios de lado.

— Você foi escolhida para participar da próxima temporada de Survivor? Um tio distante te deixou um milhão de dólares?

Ela riu.

— Nada disso, mas é quase tão bom. Carl gostou da minha atuação com Adam durante a promoção e vai me colocar no programa da tarde com ele!

Os olhos de Tanisha se arregalaram.

— Como parceira? Ela concordou.

— Sim. Acredita? — A idéia de trabalhar com Adam todos os dias era boa demais.

— É inacreditável.

— Nossa, parabéns. — Ela se debruçou para a frente e baixou a voz.

— Você nem me contou nada. O que aconteceu depois que te emprestei a lingerie? Exatamente o quanto vocês interagiram?

Erica sorriu.

— Digamos que você certamente tem que tentar aquela roupa com o cara do seu prédio. Os resultados para mim foram... impressionantes.

— Sei. Usou aquelas camisinhas que eu mandei junto?

— Ah, sim.

— Não brinca! — Tanisha deu um tapa no braço de Erica. — Como conseguiu

isso com as câmeras?

Erica olhou em volta e chegou mais perto.

— Lembra daquela tempestade no domingo? Acabou a luz. É... Bem... sem luz, sem câmeras.

Tanisha riu.

— Danada! E o que vão fazer agora, que estarão juntos no ar?

— Ainda não falamos a respeito.

— O homem não fala muito, eu notei.

— Ele é melhor quando estamos sozinhos. Quero vê-lo mais e acho que ele também se sente assim.

— Se Carl descobrir ele vai ter um acesso. Provavelmente vai despedir os dois. Você, com certeza.

— Eu sei. — Mas fazer tudo escondido tornava as coisas muito mais excitantes.

— Tomaremos cuidado.

— Então você pegou o cara e ainda arranjou o seu programa. — Tanisha sacudiu a cabeça. — Os astros estão ao seu lado. Mas você tem outro problema.

— O quê?

— A Bombástica vai explodir quando souber dessa. Bonnie. Erica se esquecera da colega imprevisível,

— É, mas pelo menos Adam estará lá para intervir. O telefone tocou.

— É melhor eu atender — disse Tanisha. — Meus parabéns. Mal posso esperar para ouvi-la no ar.

— Obrigada. — Ela virou e foi até a sala de descanso. Talvez desse a si mesma uma garrafa de champanhe à noite, mas agora uma xícara de café forte já resolvia.

Não ficou surpresa em encontrar Adam sentado lá.

— Achei que você viesse aqui depois de falar com Carl. Ele disse algo

interessante depois que saí? — disse ela, se servindo de café.

— Não, ele só quer que eu assuma alguns dos trabalhos de Nick em lojas e shows até que ele esteja recuperado.

Ela o observou e viu que estava mais descansado, mas não perdera a expressão habitual de alerta, como quem sempre analisa cuidadosamente a situação.

Não que ela fizesse o mesmo, pois, às vezes, era bem impulsiva. Mas era séria em relação ao trabalho e quanto a trabalhar com Adam.

— Acho que você não está tão animado em abrir mão de seu programa, mas aposto que vamos nos divertir juntos.

— Tenho certeza que sim. — Ele ergueu o olhar. — Olhe, não quis ser negativo, essa é uma ótima oportunidade para você. E acho que o público a adora.

— Então, qual é o problema?

— Lembra do que conversamos domingo, sobre duas pessoas que trabalham juntas, não se envolverem?

Então isso o estava incomodando.

— Lembro, mas não precisa se preocupar com isso.

— Não? Por quê?

— Porque já provamos que estar envolvidos torna o trabalho conjunto muito mais fácil.

— Torna?

— Claro. Acha que aquele clima sexy do qual Carl falou teria vindo tão naturalmente se não estivéssemos atraídos um pelo outro? É por estarmos envolvidos que trabalhamos tão bem juntos.

— Garanto que Carl não vai engolir essa explicação, se descobrir que estamos nos vendo fora do trabalho.

Ela sentiu um frio na barriga

— Ele não vai descobrir. Seremos cuidadosos. Ele não pareceu convencido.

— Achei que pudesse lidar com Bonnie e isso quase custou meu emprego.

— Isso não é justo, não tenho nada a ver com Bonnie.

Ele se endireitou.

— Você está certa, desculpe. Mas sempre tentei manter minha vida pessoal separada do trabalho. Sempre que me desviei disso acabei pagando caro.

— Não sei como fazer isso se vamos trabalhar juntos todos os dias.

Ele parecia sofrer.

— Estou dizendo que precisamos desistir enquanto podemos. O que aconteceu na loja foi ótimo, jamais esquecerei. Mas agora precisamos deixar para trás e focar no trabalho.

Ela não podia acreditar.

— Está falando sério? Não quer mais ficar comigo? Nunca?

— Mantenha a voz baixa. — Ele olhou em volta. — Não que eu não queira. Mas acho que seria melhor para nós dois se fôssemos colegas e trabalho e amigos, não amantes.

Ele fazia parecer tão simples, como mudar de canal.

— Não sei se me sinto magoada por me dispensar com tanta facilidade ou estarecida com a forma que sua mente funciona — disse ela.

— Não fique triste. E não pense que isso é fácil para mim. Mas é pelo melhor, você vai ver. — Ele se levantou. — Preciso me aprontar para o programa. Você vem?

— Claro, num minuto. — Assim que tivesse tempo para se acalmar. Agora, tudo que queria era incutir algum bom senso nele.

Como ela deveria fingir que o sexo mais incrível de sua vida não acontecera? Como poderia tratar Adam como um mero colega de trabalho se agora ele significava tanto para ela?

Tinha de haver um meio de ter seu emprego conquistado e o homem de seus sonhos ao mesmo tempo. Ela certamente era esperta o bastante para descobrir a forma.

Naquela noite, ao chegar em casa, Bonnie havia ficado enfurecida na KROK.

Doug esperava por ela deitado no sofá, assistindo TV, como se nada no mundo estivesse errado.

— Desligue esse barulho. Não quero ouvir — Bonnie vociferou, jogando a bolsa, que quase derrubou sua lata de cerveja sobre a mesa de centro.

Ele apertou o botão do controle remoto e salvou a lata.

— Dia difícil?

— Foi um dia terrível. — Ela se virou para ele, com as mãos nos quadris. — Você nem imagina o que fizeram agora.

Ele deu um gole na cerveja.

— Então me conte.

— Colocaram aquela, aquela ninguém, aquela Erica, com o Adam Hawkins no programa da tarde.

— Entendo — disse ele, intrigado. — E isso é ruim por quê?

— Porque eu que deveria ter essa posição. Cheguei para fazer o informativo do trânsito e lá estava ela, sentada em meu lugar. Na cadeira que sempre uso. Não pude acreditar.

Erica sequer fora esperta o bastante para sair do caminho. Bonnie devia saber que algo acontecera.

— Hoje você vai ter que ficar em pé — Adam disse, sem se dar ao trabalho de se desculpar. — Tentaremos conseguir outra cadeira para você amanhã.

— O que ela está fazendo aqui? — Bonnie nem olhou para Erica.

— Agora Adam e eu estamos fazendo o programa da tarde — disse Erica, calmamente, como se estivesse informando a hora.

— Ah, estão? — Bonnie quase murmurou. Ela não era boba de deixar que soubessem como realmente se sentia. O quanto estava furiosa com as novidades. Até sorriu para Adam.

— Você que sugeriu a posição? — perguntou ela.

— Foi idéia de Carl. — Erica voltou a se intrometer.

— Ele achou que os ouvintes estavam prontos para uma mudança.

— Se os ouvintes querem uma mudança, Carl deveria me oferecer a eles — Bonnie disse agora, a Doug. — Carl obviamente me odeia. Descarta todo meu Trabalho duro e dá um programa a uma criança amadora.

— Se ele é contra você, deveria arranjar um emprego em outro lugar. — Doug pegou uma maçã na fruteira.

— Não quero trabalhar em outro lugar. A KROK é a rádio número um em Denver. Ir para outro lugar seria como um rebaixamento.

Doug deu uma mordida na maçã.

— Talvez você possa processar.

— Acredite, pensei nisso. Mas por que eu deveria pagar um advogado para ter o que mereço? Não, eu preciso abrir os olhos de Carl para o meu valor na rádio.

— Como vai fazer isso?

— Não sei. Mas estou sempre pensando. Sempre em busca de minha chance. E quando a encontrar todos eles vão lamentar ter me subestimado.

— Não vejo como alguém possa subestimá-la, meu bem.

Doug sempre falava a coisa certa, essa era uma das razões por gostar de tê-lo por perto. Mas nem sempre as palavras eram o bastante.

Ela queria seu próprio programa. Estava farta de gente no caminho. Se tivesse que derrotá-los para ter o que queria, era hora de começar.

CAPÍTULO NOVE

— Essa foi "Into the Morning", com The Weekend. — Adam entrou na próxima promoção. — Falando em fim de semana, no sábado estarei na Highlands Audio, com a van da KROK. Venham buscar seus adesivos, camisetas e CDs. Também terei ingressos de shows para distribuir. Aproveite para ver um som novo para o seu carro.

— Será a nova van? — perguntou Erica, na cronometragem perfeita.

— Ela mesma. Que substituiu a do acidente de Nick Travesso. Venham dar uma olhada na pintura. Então, quais são seus planos para o fim de semana, Erica?

— Estarei no show do Green Day, sábado à noite. E à tarde minha nova cama será entregue.

Aquilo certamente não estava no roteiro, mas ele embarcou.

— Uma nova carnal Algo que comprou para comemorar nosso novo programa?

— Não, exatamente. A Colchões Max ficou tão contente com nosso trabalho que vai me mandar meu novo conjunto terapêutico de sono.

E o que exatamente Max espera em troca? O devasso... Adam afastou a idéia.

— O que acham pessoal? Max não me mandou um colchão. Talvez se eu tivesse grandes...

— Ora, Hawk, não vá passar a idéia errada.

— Eu ia dizer grandes olhos azuis.

Os olhos dele encontraram os dela, e o coração dele bateu um pouco mais rápido. Enquanto ele entrou com o comercial ela passou um bilhete. *Já que você não ganhou um colchão vai ter que experimentar o meu.*

Ele limpou a garganta, decidido a levar a conversa a um território seguro. *Você sabe porque não é boa idéia.* Ele escreveu de volta.

Acho que seria uma idéia muito boa. Ela piscou ao passar o pedaço de papel.

— Boas novas, pessoal. Nick Travesso estará de volta ao ar na segunda-feira. Ainda está com gesso na perna, mas isso não o desacelerou.

— Ouvi dizer que o expulsaram do hospital por correr atrás das enfermeiras — disse Erica.

— Ouvi dizer que foi porque ele pegou uma.

— Tenho certeza de que ele terá muitas histórias para contar — disse Erica. — Então, sintonize na KROK na segunda, às 6h, para o regresso de Nick Travesso.

Erica tirou os fones de ouvido e sorriu para ele.

- Nossa primeira semana concluída. Acho que fomos muito bem.
 - Você foi ótima. — Ele levantou e se espreguiçou. E essa história da cama?
- Ela lançou um olhar tímido.
- É verdade, você é bem-vindo a experimentá-la.
 - Não vou voltar à sua cama. — Ele teve que forçar as palavras.
 - É muito novo para tanta preocupação. — Ela pegou a bolsa. — Quer tomar um drinque, comemorar nossa primeira semana?

Ele sacudiu a cabeça.

- Dá um tempo.
- Sabe o que acho? Ele gemeu.
- Não, mas você vai me dizer, não vai?
- Acho que você é masoquista. Ou então tem medo de se divertir.

Adam procurou as chaves do carro e seguiu rumo à porta.

- Até segunda-feira.

Ele se apressou pelo estacionamento torcendo para que ela tivesse o bom senso de não o seguir. Ela achava covardia, mas só ele sabia o quanto estava sendo difícil evitá-la.

Ele estava destrancando o carro quando Bonnie o cercou.

- Indo encontrar a sua namoradinha? — Ela se debruçou na porta do motorista, impossibilitando que ele abrisse.
- Se está falando de Erica, ela não é minha namorada.
- Não parece. Vocês estão bem entrosados no ar.
- Faz parte. — Mentira, mas ela não tinha de saber. Carl o incentivara a flertar no ar.
- É péssimo ator. Se Carl souber vai despedir os dois.
- Não há nada entre nós.

Ele a empurrou para o lado, entrou no carro e bateu a porta. Ela bateu no vidro e ele abriu, relutante. Ela o olhou bem nos olhos.

- Ela só está usando você para chegar aonde quer, é ambiciosa.
- Como você fez, Bonnie? — Ele virou a chave e o motor rugiu.
- Só que com você não funcionou, não é?

Sem esperar pela resposta ele arrancou, vendo o ódio em seus olhos, pelo retrovisor.

CAPÍTULO DEZ

— Boas novas. — Carl entrou na cabine de transmissão. — Segundo as pesquisas, o programa de vocês está em segundo lugar dos quatro primeiros colocados entre as rádios de Denver, no horário de oito da noite, desde o mês passado.

— Acho que nossos ouvintes preferem você do que eu sozinho — Adam disse a ela.

— Nos preferem juntos. Obviamente são ouvintes inteligentes.

— Isso significa que teremos aumento? — perguntou Adam.

Carl estreitou os olhos.

— Significa que não precisam procurar outro emprego. — Ele colocou uma pilha de papéis na mesa. — Tenho um novo serviço para vocês. Na próxima sexta vão transmitir do Bar do Charlie, um bar australiano.

Erica pegou o folheto que exibia um papagaio segurando uma caneca de cerveja.

— Nunca ouvi falar.

— É um lugar novo. Vai ser *happy hour*, com Ronnie.

— Ronnie? — Erica trocou olhares duvidosos com Adam.

— Vamos ter um crocodilo vivo na locação?

— O dono do bar vai fazer um cubículo com ar só para ele. E ele é dócil. — Ele se virou para Adam.

- Aliás, poderíamos colocar você com ele, para mostrar como é inofensivo.
- Erica mordeu o lábio para não rir diante da expressão horrorizada de Adam.
- Sem a menor chance.
 - Só um pouquinho, qualquer ferimento será coberto pelo seguro.
 - Não.

Carl sacudiu os ombros.

- Foi só uma idéia. A temática será de praia. Com biquínis, óculos escuros. Música de festa. Teremos torneios. E trivialidades, pense em algumas perguntas, Adam.
 - Posso fazer isso.
 - Erica, quero que elabore alguns jogos. Festa na praia.
 - Como um concurso de dança?
 - É isso. — Ele pegou os papéis. — Outra coisa. A Bonnie fará os boletins de lá.
 - Acha que é uma boa idéia? — perguntou Adam. Carl lançou um olhar.
 - O Outback Charlie a quer e está pagando. Não haverá problema, haverá?
 - Claro que não. — Adam contraiu o maxilar.
 - Estão fazendo um bom trabalho, mês que vem quero o primeiro lugar no horário nobre.
 - Está certo. — disse Adam. — Festa na praia, mal posso esperar.
 - Você ainda lembra de como se divertir, não?
 - Digamos que a idéia de diversão de Carl e a minha são diferentes. A minha não inclui crocodilos, ou Bonnie.
 - Ela vai ter toda a atenção quando aparecer de biquíni e poderemos fazer nosso programa em paz — disse Erica.
- Ele olhou para ela.
- Não se subestime, você também vai chamar atenção, sem dúvida.
 - A sua? — ela observou. Ele ameaçou sorrir.

— É. — Apesar do tom pouco entusiasta, ela viu sua expressão, como se a imaginasse de traje de banho.

— Será como nos velhos tempos — disse ela. — Você e eu em locação para uma promoção. Só que em vez de lingerie, vou vestir biquíni.

— Só que em vez da cama teremos a Bonnie Bombástica e um crocodilo. — Ele balançou a cabeça.

— Tem uma cama novinha lá em casa. Ele ficou sério.

— Você não desiste, hein?

— Você ainda me quer como eu te quero.

— Como sabe? Eu não disse nada.

— Nem precisa, está em seus olhos. Ele desviou o olhar.

— Está imaginando coisas.

— Ah, eu imagino muita coisa. — Ela chegou bem pertinho e sussurrou — o imagino você fazendo amor comigo. Lembra como foi, você dentro de mim?

Com um gemido abafado ele saiu e bateu a porta. Erica ficou olhando, cheia de esperança. Adam podia negar os próprios sentimentos, mas eles estavam ali.

Como previsto, Bonnie apareceu com um biquíni de lamê dourado e sandálias também douradas, de salto. Charlie Mattingly, um baixinho de cabelos castanhos, se apressou em cumprimentá-la.

— Srta. Remington, que prazer em vê-la.

— Eu não ia perder. — Bonnie olhou a decoração com flamingos de néon. — Lugar legal.

— Podemos tirar uma foto juntos? — Charlie gesticulou para os garçons, com uma câmera digital.

— Claro. — Ela posou com o braço ao redor dele.

— Oi Bonnie. — disse Adam, rumo ao palco ao lado do quadrado de areia. O crocodilo não se movera desde que fora deixado ali.

Bonnie baixou os óculos escuros e avaliou a bermuda azul de surfista e a

camisa havaiana que Adam estava vestindo.

— Não recebeu o memorando? O tema é australiano, não havaiano.

— Os australianos também vestem camisas havaianas.

Erica passou por eles. Ela estava com dúzias de trancinhas nos cabelos.

— Oi Adam, oi Bonnie. Que cenário legal, não é? *Claro. Muito. Terei de ficar quatro horas entre uma mulher que me odeia e outra que quero mais que tudo, exceto esse emprego*, pensou ele. Bonnie baixou os óculos novamente.

— Belo traje. Bem de garotinha.

Erica olhou para seu maio inteiro cavado dos lados. Adam achara bem mais sexy do que o biquíni com tudo de fora de Bonnie. Estava grato por seus óculos de sol, assim ela não via como ele a olhava.

— Obrigada, eu gosto. — Adam a seguiu com os olhos, hipnotizado pelo jeito que a malha colava em seu bumbum perfeito.

— Ainda está pensando na mocinha? — Bonnie pôs os óculos de sol de volta.

Ele se virou para ela bruscamente.

— Deixe Erica em paz. Não quero apartar briga. Ela riu.

— Acha que eu brigaria por *você*? — Ela saiu em direção aos funcionários. — Olá rapazes. Digam oi para Bonnie Bombástica.

Ele foi para o palco onde estava Erica.

— O que eu falei? — disse Erica. — Ninguém nem vai nos notar.

Ela pegou uma caixa de camisetas e desceu do palco.

— Talvez você a convença de vestir uma dessas. Adam riu.

— Sem chance. Ela está adorando se mostrar.

Ela saiu com as camisetas e ele checkou os autôfalantes. Um garçom se aproximou e disse:

— O patrão pergunta se gostaria de algo para beber, ou comer. Por conta da casa.

Ele olhou o rosto familiar. Viu o nome no crachá.

— Ray? Ray Kingston?

— Hawk? Cara, é você. Como vai?

— Estou bem, e você?

Ray sacudiu os ombros e olhou o cenário australiano.

— Tudo bem. Estou começando nesse emprego. Tomara que dê certo.

Adam olhou seu rosto. Fazia mais ou menos três anos que não se viam. Ray estava barbeado, um pouco mais gordo.

— Há quanto tempo você está em Denver? — ele perguntou.

— Uns meses. Tenho uma irmã aqui. Levou um tempo para que eu conseguisse trabalho. Sabe como é.

— Sim, eu sei. Está tudo bem? Ray enfiou as mãos nos bolsos.

— Sim. Tudo bem. — Ele olhou para a cozinha. — Então, quer algo?

— Claro, um chá gelado, quando puder.

— É para já.

Adam observou Ray e não pôde deixar de sorrir. Era bom vê-lo outra vez.

Seu sorriso sumiu quando Ray esbarrou em Bonnie.

— Olhe por onde anda! — gritou ela.

Ray ficou olhando para ela e gaguejou um pedido de desculpas.

— O que está olhando? — perguntou ela. — Vá, suma daqui.

Resmungando, ela subiu ao palco.

— Se vai se vestir assim, deveria se acostumar com as pessoas olhando — disse ele.

Ela arrumou os cabelos e o bustiê do biquíni.

— Não vejo você olhando. Ele sacudiu a cabeça.

— Está pronta para o boletim das quatro e dez?

Ela endireitou os ombros.

— Estou sempre pronta, sou profissional.

Ray voltou com um copo de chá gelado, mantendo-se longe de Bonnie, que falava com o piloto do helicóptero para o boletim de trânsito.

Erica voltou ao palco.

— Estamos prontos para começar?

As quatro em ponto eles entraram no ar, ao vivo.

— Boa tarde a todos. Falamos aqui do fabuloso bar australiano do Charlie, e teremos muita música e prêmios a tarde toda.

— Sabe quantos homens o invejam por estar com duas belas mulheres a tarde toda? — perguntou Erica.

— Caia na real — disse Bonnie. — Ele jamais daria conta de nós duas, se não deu nem de mim.

— Admito, não sou páreo para você. É preciso um homem especial para isso.

Ela lançou um olhar de quem queria esfaquear suas genitais e ele bloqueou seu microfone, só para garantir.

— Nós todos a reverenciamos, Bonnie — Erica se apressou em amenizarão momento. — Como está o trânsito essa tarde?

Adam prometeu a si mesmo que não voltaria a provocá-la. Quando Bonnie terminou o boletim ele perguntou:

— Quem quer ganhar prêmios?

Uma dúzia dos presentes assoviou para Bonnie e Erica.

— Está certo. Vamos brincar um pouco. Quem acertar as respostas leva o novo CD do Ben Harper.

— Qual era o emprego de Pat Benatar antes de ser famosa?

Erica levou o microfone ao público e se aproximou de um rapaz que ergueu a mão.

— Diga, bonitão— disse ela, provocando um rubor imediato no homem. — Sabe a resposta?

— É... é...

Ela olhou para Adam, que balançou a cabeça.

— Desculpe. Alguém mais?

Depois de algumas tentativas acabaram dando o CD a outro que acertou.

Erica voltou ao palco.

— Pessoal, agora é hora do campeonato de limbo. Entrem na fila para ver se conseguem passar embaixo do bambu. — Ela demonstrou como passar por baixo, inclinada para trás, quase arrastando os cabelos no chão.

— Se ela tivesse meus peitos não desceria tanto — resmungou Bonnie.

Se os seus fossem de verdade, você desceria, pensou ele.

Depois da distribuição de mais prêmios, Bonnie incentivou um concurso de dança *hula-hula*. De qualquer forma ela ficou grata pela aclamação do pequeno público depois que subiu ao palco e começou a rebolar.

Música, clima, trânsito, notícias. Antes que percebessem já se passara metade do programa. Ray se aproximou dele e de Erica, com o bloco de pedidos.

— Ótimo programa pessoal, gostariam de pedir o jantar?

— Parece bom. Ray, essa é minha colega Erica Gibson. Este é Ray Kingston, um velho amigo.

Erica estendeu a mão.

— Prazer em conhecê-lo, Ray.

— Igualmente. — Ele gesticulou para o bloco. — Então, o que posso trazer? Os hambúrgueres são bons, o taco também.

— Vou de hambúrguer. — disse ela.

— Eu também.

Ray anotou.

— E a outra moça?

— Bonnie? — Ela estava numa mesa de executivos, que quase babavam enquanto dava autógrafos. — Ela está ali, pode perguntar, ela não morde.

— Tem certeza? — perguntou Erica, depois que Ray saiu.

— Não. — Ele pegou uns papéis e ficou fingindo ler para não notar o quanto ela estava próxima, ou como ela cheirava bem, vestida naquele maiô. Mas podia sentir seu olhar.

— Gosto dessa camisa, é de seus tempos de surfista? Estaria ela tentando lembrá-lo das confidencias na loja de móveis?

— Não, comprei para esse trabalho. — Ele olhou para Bonnie.

— Seu idiota, não me interrompa. Se o fizer novamente vou providenciar para que seja despedido. — Ray estava curvado diante dela, com o bloco de pedidos, se desculpando.

Adam se apressou em intervir. Se Bonnie prejudicasse Ray ela ia se ver com ele.

— Ele só está tentando anotar seu pedido do jantar. — Adam a pegou pelo braço e a afastou do garçom.

— Ele me interrompeu quando eu estava falando com meus fãs — disse ela.

— Motivo justo. O que vai querer comer?

— Um coquetel é camarão. Com camarões frescos.

Adam acenou a cabeça para Ray, que anotou e se apressou rumo à cozinha.

Erica sentiu a tensão no ar, ao ver Adam e Bonnie se estranhando. Bonnie era difícil de lidar, mas teria de fazer isso com cuidado. Erica se apressou para amenizar a situação.

— Bonnie, você estava ótima no concurso de *hula*, onde aprendeu a dançar assim?

Bonnie desviou o olhar de Adam e passou a mão nos cabelos.

— Nunca tive uma aula. É só saber mexer o corpo.

— Talvez você possa me ensinar umas coisas, uma hora dessas.

Bonnie a olhou de cima a baixo com uma expressão arrogante que fez Erica se arrepiar.

— Talvez possa.

Ela se virou para se afastar, mas Erica a seguiu.

— Estive pensando numa coisa — disse ela.

— O quê?

— Como se envolveu no rádio? Quero dizer, com sua aparência e sua

personalidade, você parece ser natural para a televisão — disse ela.

O efeito foi estarrecedor. A expressão de Bonnie suavizou e seu sorriso pareceu verdadeiro.

— Você acha?

— Claro.

— Faremos um pequeno intervalo, mas logo estaremos de volta com o programa Hawk & Honey, e Bonnie Bombástica, ao vivo do Bar do Charlie.

— Vamos comer — disse Erica, vendo Ray com uma bandeja carregada. — Estou faminta.

Adam puxou uma mesa para perto do palco e ajudou Ray a esvaziar a bandeja. O garçom colocou o coquetel de camarão diante de Bonnie com mãos trêmulas.

— Esse camarão é fresco? — perguntou ela.

— Acho... que estavam congelados, mas foi fervido especialmente para servi-la.

— Camarão congelado não é fresco. — Ela empurrou o prato. — Traga fresco.

Ray olhou para Adam e Erica, depois para Bonnie.

— Só temos congelado.

— Pedi para que você discutisse comigo? Vá buscar meu pedido.

— Pare, Bonnie — a voz de Adam foi cortante. — O homem não pode servir algo que não tem.

— Algum problema? — Charlie chegou à mesa. — Gostaria de algo, Bonnie?

— Esse garçom trocou meu pedido.

— Ele não fez isso. — Adam se virou para Charlie. — Bonnie não sabia que o camarão era congelado.

— Pedi fresco. Ele disse que era. Ele mentiu. Ray abriu a boca, mas Charlie o cortou.

— Eu avisei. Se cometesse um erro estaria fora. Agora vá.

Adam se levantou, bruscamente.

— Ele não fez nada errado. — Ele encarou Bonnie. — Bonnie adora arranjar encrenca.

— Se a aborreceu é o bastante para que eu o despeça.

— Não faça isso. — Adam abrandou a voz. — Eu me responsabilizo por ele.

— Você o conhece? Adam concordou.

— Nos conhecemos há alguns anos, ele é um cara bom. Não se arrependerá em mantê-lo aqui.

— Sabe como é manter um cara assim. E se começar a roubar?

— Eu não roubo. Nunca roubei. — disse Ray.

Erica desviou o olhar de um para o outro. O que Charlie queria dizer com um cara assim?

— Só pelo fato de ter uma ficha não significa que vá roubar ou fazer qualquer coisa que ponha em risco o seu emprego. Acredite, a maioria das pessoas não quer voltar à cadeia.

— Como sabe? Quantos ex-presidiários regenerados você conhece?

— Alguns. — Ele olhou novamente para Ray, que tinha os olhos repletos de mágoa e raiva. — Eu, por exemplo. Estive na prisão com Ray e não pretendo voltar. Sei que pode confiar nele.

Erica o encarou, ouvindo Bonnie ofegante.

— Você também é ex-presidiário? — perguntou Charlie.

Sim, cumpri pena e endireitei. Como Ray. Charlie balançou a cabeça.

— Quem podia imaginar? — ele olhou para Ray novamente. — Está certo, mais uma chance. Não desperdice.

— Obrigado — ele falou por entre os dentes. Erica pensou no orgulho que teve de engolir para dizê-lo, antes de se afastar.

Adam sentou e pegou seu hambúrguer. Ninguém mais se moveu.

Ele largou o hambúrguer.

— O que foi?

- Esteve na prisão? — Bonnie estava horrorizada. — Nunca me disse.
- Não era da sua conta. — Ele olhou para Erica.
- Oh, Deus. — Bonnie levantou e saiu da mesa. Charlie levantou.
- Vou ver se ela está bem.

Quando ficaram sozinhos, Erica tentou comer, mas não conseguia tirar da cabeça a expressão assombrada de Ray e empurrou o prato.

- Foi incrível, a forma como o defendeu — disse ela.
- Vá em frente e faça a pergunta de um milhão de dólares.
- O quê?
- O motivo por ter sido preso.
- Está bem. Por quê?
- Eu me envolvi com uma turma da pesada e acabei me dando mal.
- Era disso que falava quando mencionou encrenca grossa no último emprego?

Ele concordou.

- Ninguém queria me dar trabalho e Carl me deu uma chance. — Os olhos dele cruzaram com os dela. — Agora entende por que não posso vacilar?
- Entendo. — Ela adorava Adam, em parte, por ser trabalhador e direito e... decente. Mas essas eram as mesmas qualidades que os mantinham separados.

Adam não queria ferrar tudo. E isso a deixava... ferrada.

CAPÍTULO ONZE

O silêncio entre Adam e Erica era tenso. Ele pensava em algo a dizer. Não dissera nada sobre o passado, pois ela não o veria da mesma forma.

Ela levantou, sem olhá-lo.

— Vou até o banheiro antes de voltarmos ao ar.

Ele a observou se afastando, sentindo um nó no estômago. Queria criar uma distância entre eles e a revelação do passado o havia feito. Só não imaginava como sua rejeição doeria. Queria pensar que ela seria diferente, que não se importaria tanto.

Não tivera essa sorte.

Ele jogou o resto do hambúrguer no lixo. Nem se surpreenderia se Charlie desistisse da promoção. Carl ficaria uma fera. Adam teria sorte de continuar empregado.

Mas que ironia. Se Carl o despedisse estaria livre para sair com Erica. Só que depois de hoje ela provavelmente não ia querer mais nada com ele.

Erica se juntou a Adam no palco.

— Você está bem?

Por que estaria perguntando? Ele não parecia bem?

— O que quer dizer?

— Parece meio distraído.

Por que não estaria? Talvez ela pensasse que ele era um poço de calma o tempo todo.

— Estou bem.

— Pensei que o ocorrido no jantar talvez o tivesse chateado.

— Por que me chatearia? — *Eu só vomitei minhas tripas, choquei meus supostos amigos e arrisquei meu emprego.*

— Por ter trazido lembranças.

Ela não sabia nem metade. Mas a frustração quanto ao futuro era o que mais incomodava. O passado o perseguiria a vida toda? Se não tivesse a ficha suja talvez enfrentasse Carl para ficar com Erica.

Agora que ela sabia de tudo, estaria interessada nele? Sua frieza súbita na mesa de jantar lhe dizia que não.

— Estou bem — disse ele novamente. Ela olhou intrigada e se afastou.

— Esse foi Jack Johnson — ela anunciou. — O *happy hour* está com gás total aqui no Bar do Charlie, então venha se juntar a nós.

— Vou fazer um intervalo — ele disse, e saiu do palco. Ray o parou do lado de fora do banheiro. Havia tirado a camisa do uniforme.

— Está indo embora? — Adam perguntou. Sua confissão fora um desperdício completo?

— Acabou meu turno. Obrigada, se não fosse você eu estaria sem emprego.

— Não fez nada errado. Não podia deixar por isso mesmo.

— Poderia, sim. Você é uma personalidade do rádio. Não precisava dizer a todos que esteve preso.

Adam cocou o pescoço.

— Bem, faz parte da minha vida.

— Está tudo bem com seu emprego?

— Tudo certo. — Ele deu um soquinho no ombro de Ray. — Agüente firme.

— Farei isso. Você também.

Eles se despediram e Adam olhou para o palco. Erica estava comandando uma dança com o público. Estava linda, dançando com um sorriso estampado no rosto. Ao vê-la ele sentiu um vazio em seu íntimo.

E se ela não o quisesse mais?

Até a hora de partirem para a rádio Erica tinha passado de chocada para triste e irritada. Após sua grande revelação ele mal falara com ela. Como se isso tivesse servido para mantê-la mais afastada ainda.

Mas e os momentos mágicos que tiveram na escuridão da loja? Ela vira seu outro lado. Descobrira um homem do qual não queria abrir mão.

Ela parou no estacionamento da rádio. Adam tinha ido direto para casa e ela teria de fazer a lista de e-mails e outras papeladas do trabalho. Não queria mesmo ir para casa e ficar pensando em Adam.

Tinha de haver um meio de furar suas barreiras. Que droga de regra estúpida, essa do Carl. Ela saiu do carro e seguiu rumo ao prédio e uma idéia começou a tomar vulto. Se não estava tendo sorte em abordá-lo no trabalho,

talvez devesse entrar em território neutro.

Encontrou Tanisha se preparando para ir embora.

— Espero que você ainda não tenha desligado seu micro — disse Erica.

Tanisha olhou para ela.

— Desliguei, por quê?

— Preciso que você veja o endereço da casa de Adam.

— Não posso dar informações pessoais de empregados — disse ela, ligando o computador.

— Não contarei a uma viva alma. — Ela arrastou uma cadeira e olhou o monitor.

— O que está rolando entre vocês? — perguntou Tanisha. — Parece tudo tão bem no ar.

Erica sacudiu a cabeça.

— Mas ele se recusa a falar comigo depois do programa.

— Espere um minuto. Mas tem aquela regra ridícula de Carl, de apresentadores que trabalham juntos no ar não poderem sair. Tanisha acrescentou: — Ele não quer arriscar o emprego.

— Pensei a respeito e não vejo porque não posso ter o emprego e o homem que quero.

— Então, só está pensando em você. — Tanisha disse.

— Mas também tem a ver com ele, que não está feliz. — Vê-lo no programa após a confissão a fez desejar abraçá-lo mais do que nunca e dizer que estava tudo bem. Era duro ver que ele não se sentia à vontade, nem perto dela.

— E você acha que pode fazê-lo feliz? — perguntou Tanisha.

Erica concordou.

— Podemos fazer um ao outro feliz. Vou até lá exigir que fale comigo. De verdade.

— Aqui está o endereço.

Erica anotou.

— Obrigada.

— Claro, depois você me paga um drinque.

— Podemos nos encontrar amanhã, à noite.

— Já tenho planos. — Ela exibiu um sorriso.

— O que vai fazer?

— Vou seguir seu conselho e experimentar aquela roupa com o meu novo paquera.

— Então vai estar ocupada. Divirta-se.

Erica pensou em passar em casa para mudar de roupa, mas resolveu ir direto à casa de Adam, antes que perdesse a coragem. Esperava estar fazendo a coisa certa. Depois dessa noite Adam aceitaria que tinham uma ligação ou a tiraria de vez de sua vida.

Ela olhou os cabelos no retrovisor e saiu do carro. Tocou a campainha e esperou. E esperou. Franzindo o rosto, ela tocou de novo e espiou pela janela ao lado da porta. O jipe estava ali, ele tinha de estar em casa, certo? A menos que tivesse saído com um amigo, ou até uma namorada...

A idéia a fez se sentir desconfortável. Talvez estivesse cometendo um erro. E se essa tal "conexão" que sentia entre eles fosse só dela?

Quase caiu quando a porta abriu e Adam apareceu de toalha, todo molhado.

— Erica? O que faz aqui?

Ela tentou ignorar as gotas de água em seus pêlos do peito, ou seus ombros musculosos molhados. Seu olhar involuntariamente desceu até a toalha. Uma toalha, bem pequena, que não cobria muito...

— Erica? Há algo errado?

Somente o desejo, congestionando todas as minhas células cerebrais. Ela conseguiu dar um sorriso fraco.

— Precisamos conversar. Ele contraiu a boca, hesitante.

— É melhor você entrar.

Ela o seguiu pela sala levemente iluminada. Havia um par de sofás pretos de couro, um de frente para o outro. Do outro lado, uma lareira de pedras.

— Belo lugar. — disse ela.

— Fique à vontade. Vou me vestir. — Ele seguiu descalço pelo corredor de madeira.

— Não se incomode comigo — disse ela. — Assim está ótimo.

Depois que ele se foi, ela olhou ao redor da sala. Era confortável e até sofisticada. Passou a mão no pó da lareira, coisa de homem solteiro. Mas não havia fotos em lugar algum. As paredes eram praticamente vazias.

Ela sentou num dos sofás, e folheava a revista *Guitar* quando ele voltou. Ele pusera jeans e uma camisa de algodão, mas continuava descalço. Seus cabelos ainda estavam úmidos, lembrando o ar casual e descontraído da loja de móveis.

Ele sentou no sofá de frente para ela.

— Sobre o que acha que precisamos conversar que ainda não tenha sido dito?

— Você falou bastante, mas acho que não me ouviu. — Ela levantou e foi sentar ao lado dele. — E eu tenho algumas perguntas.

Ele cruzou os braços e franziu o rosto.

— Não prometo responder.

— Naquelas noites que passamos juntos eu me senti tão próxima de você, mesmo que tenha sido só em conversar. Parecia tão à vontade comigo, bem mais que na rádio, onde permanece fechado. Por que acha que isso acontece?

— Você é uma pessoa fácil de se conviver. — Ele descruzou os braços. — Provavelmente não fico tão calado quando estou excitado.

— Então, admite que eu o excito. — Ela se inclinou para frente, num tom provocante.

O calor nos olhos dele era inconfundível.

— Acho que nunca houve dúvidas quanto a isso. Ela pôs a mão em sua coxa, sentindo que ele estava

tenso, mas não se afastou.

— Então, quem é o verdadeiro Adam Hawkins? O solitário intelectual da rádio, ou o apaixonante e sexy que encontrei embaixo das cobertas? — Ela parou a mão no alto de sua coxa.

Ele colocou a mão no ombro dela.

— Talvez eu seja tudo isso.

— Mas eu sou a única que vê todas as suas facetas? Acho que sou. — Ela pôs a outra mão em seu peito e sentiu a pulsação.

— Isso não muda as coisas. Ainda trabalhamos juntos no ar. É arriscado ficar junto.

— Nunca tive medo de arriscar — ela respondeu, se inclinando na direção dele, respirando junto ao seu pescoço. — Acho que seria um risco bem maior conhecer esse verdadeiro Adam Hawkins — disse, e encostou os lábios em seu pescoço, esperando a resposta.

Ele fechou os olhos. Queria carregá-la para o quarto, mas a cautela adquirida com os anos o deteve.

— Não espero que você diga nada. Só quero que veja de onde eu vim. Entrei num programa de reabilitação quando estava preso. Pensei que poderia voltar à vida antiga, mas sem fazer as besteiras de antes.

— Por isso veio para Denver, para recomeçar?

— Não, vim porque a KROK foi a única rádio que me concedeu uma entrevista. Ninguém quer saber de um cara como eu.

— Isso é horrível.

— Eu só precisava de uma chance e Carl me deu. — Os olhos dele encontraram os dela. — Não pretendo desperdiçá-la.

Ela levantou.

— Achou que eu me importaria por você ter estado preso?

— Eu me surpreenderia se não se importasse.

— Todos cometem erros. — Ela colocou os braços ao redor de seu pescoço e o beijou.

Ele disse a si mesmo que o fato de ter se recuperado o habilitava a resistir a qualquer tentação. Mas não considerou o poder do desejo para esquecer de tudo nos braços de uma mulher.

— Não deveríamos fazer isso — disse ele, retribuindo o beijo, deixando que a pressão de seus quadris juntos aos dela e o impulso de sua língua dissessem tudo para o qual não havia palavras.

Quando se soltaram ele lutou para manter o controle sobre a emoção que ameaçava dominá-lo.

— Se não fizermos, você não vai se arrepender? Realmente prefere ficar sozinho?

Ele estava sozinho há muito tempo. Toda sua cautela só lhe trouxera solidão.

— E o Carl? — perguntou ele.

— Acho que temos algumas opções. Podemos manter em segredo, ou podemos falar com Carl que temos sentimentos um pelo outro.

— E se não aceitar? Ela respirou fundo.

— Encontramos outros empregos. Somos o programa número dois em audiência. Isso deve valer alguma coisa.

Ele apertou as mãos na cintura dela.

— É um risco grande.

— Um grande risco vale uma grande recompensa. Ele olhou nos olhos dela. Não havia acusação, nem suspeita. Ele não queria mais lutar contra ela, contra si mesmo. Melhor ceder aos próprios sentimentos e lidar com as consequências.

— Vamos para o quarto — disse ele. Ela sorriu.

— Achei que nunca iria me convidar.

CAPITULO DOZE

Erica o seguiu até o quarto. A casa era bem masculina, com móveis escuros de madeira. Ele pegou um jeans no chão e arremessou na poltrona.

— Se soubesse que viria, eu teria arrumado.

— Tudo bem, se fosse mais arrumado que minha casa eu ficaria decepcionada.

Ele a abraçou por trás e beijou seu pescoço. Ela fechou os olhos e se encostou nele.

— Vire e olhe para mim. — Ele a virou de frente. Ela pousou a mão em seu rosto.

— Assim é diferente, com as luzes acesas, olhando um para o outro.

— Não sabe o quanto esperei para vê-la. Inteira. — Seu olhar a percorria. — Aquelas falas que perdi quando estávamos no ar foi por imaginá-la nua.

Ela deu um passo atrás e abriu os braços.

— E meu convidado.

Ele a observou por um instante, pensando por onde começar. Ela começou a se sentir tola, ali em pé, de braços estendidos. Então ele foi ao primeiro botão da blusa.

— Eu estava resolvendo se desabotoava ou se arrancava a blusa.

Não. Vamos devagar. Vamos realmente nos conhecer. — Mais do que tudo ela queria que ele confiasse nela.

Erica sorriu.

— E bom ir devagar para aproveitar momentos como esse. — Ela desabotoou o primeiro botão da camisa dele, depois beijou o triângulo do peito que surgiu. Ela passava a língua sobre a pele cheirosa. Depois foi ao botão seguinte e beijou o novo pedaço de pele revelado. E fez isso descendo até a barriga, onde passou a língua ao redor do umbigo e o fez arfar, apertando as mãos nos ombros dela.

Incentivada, ela desceu mais, trilhando o caminho de pêlos com a língua.

— Quero que cada pedacinho seu me queira.

— É... está se saindo bem.

— Vamos para a cama — disse ela, pegando-o pela mão e deitando nos travesseiros.

Ele parou para tirar o jeans e a camisa desabotoada, e ficou nu.

— Não que eu esteja impaciente — disse ele —, só quero ficar mais confortável.

Ele estava muito excitado. Ao vê-lo vindo em sua direção, Erica sentiu uma tensão renovada no meio das pernas. Uma avidez dolorida para tê-lo dentro dela. Mas ainda não. Ela queria saber mais sobre ele e a intimidade do sexo parecia a única forma de fazê-lo baixar a guarda.

— Você pensava em sexo quando estava preso? — perguntou ela.

Ele ajoelhou na cama e franziu o rosto.

— Por que pergunta?

— Quero saber sobre você, como foi. — Ela passou a mão por seu braço.

Ele deitou e a puxou. Ela sentia o calor de seu corpo nu.

— Não havia nenhuma mulher por perto e quando não se tem algo, automaticamente o faz pensar. — Ele a beijou, mergulhando a língua em sua boca, como se quisesse devorá-la.

— Tinha namorada quando estava lá? — perguntou ela.

Ele sacudiu a cabeça.

— Não havia ninguém me esperando, se é o que quer dizer.

— Então, o que pensava em fazer? Conte-me suas fantasias. Coisas que ninguém mais sabe.

Ele engoliu seco.

— Não consigo pensar.

Ela apertou suas nádegas e viu seu membro saltar em resposta.

— O que fazia para aliviar a tensão? Você se masturbava?

Ele conteve uma gargalhada.

— E, homens fazem isso o tempo todo, de qualquer jeito.

— Mulheres também. Eu faço. — Ela olhou para ele. — Agora penso em você

quando faço.

Os olhos dele ficaram vidrados e a respiração acelerou.

— Isso o excita, não é? — Ela levou a mão ao meio das pernas. — Pensar em mim, se masturbando?

— Claro.

Ele puxou o maio e desceu lambendo por entre os seios. Ela fechou os olhos de prazer.

Depois abriu novamente. Ela passava os dedos nos cabelos dele, surpresa com a maciez.

— Tinha que usar o cabelo cortado na prisão? Ele suspirou. Estaria irritado com as perguntas?

— Não. Não era preciso vestir aqueles macacões laranja. — Ele recuou e se apoiou num cotovelo. — Por que está tão interessada? Isso a excita? Saber que fiquei preso?

Ela sorriu.

— Pense nisso como uma preliminar. Quero que saiba que pode falar de qualquer coisa comigo. Liberar seus sentimentos.

Ele desviou o olhar.

— Sentimentos são perigosos. As emoções assumem o controle e você faz coisas estúpidas.

A raiva na voz dele a chocou.

— Quando foi que você fez algo estúpido? Com Bonnie, talvez?

— Bonnie, não. — Ele a olhou novamente. — Não havia sentimento real ali. Acho que por isso dormi com ela. Era seguro. Ela nem se importava comigo.

E eu me importo. Será que ele entendia o quanto ela se importava?

— Está assustado agora?

Os olhos dele encontraram os dela, com uma expressão de dúvida.

— Honestamente? Um pouquinho.

Ela concordou.

— Eu também. Acho que isso quer dizer que esses sentimentos são reais. Não fuja deles.

Ele recostou, e a puxou para seu lado.

— Não estou fugindo. Vou ficar bem aqui, com você. Juntos, eles tiraram a blusa dela, depois a saia, em

seguida o maio. Ele a olhou.

— Você é linda.

— A forma como me olha faz com que eu me sinta bonita.

Ele a beijou nos seios e ela gemeu.

— Quer que eu pare? — ele perguntou, seus lábios pressionados junto a ela.

— Não, não pare.

Ele pousou o rosto entre os dois seios, de olhos fechados, com um sorriso nos lábios.

— O que houve? — perguntou ela, surpresa. Ele sorriu.

— Nada, só... recobrando o fôlego. Ele apertou sua coxa.

— Não quero que acabe antes que comece.

Erica ficou balançada por ele também ter dificuldade de se controlar. Ela o empurrou para trás e sentou em cima. Podia sentir sua ereção quente no meio de suas coxas se acomodando na entrada de seu sexo.

— Diga o que você quer.

— Quero estar dentro de você. Ele se apoiou num cotovelo.

— Quero chupar seus seios e apertar suas coxas enquanto você me cavalga até que eu goze. E quero fazê-la gozar com força. Eu quero ouvi-la gemer e gritar meu nome, implorando para que eu não pare.

Ela engoliu em seco, trêmula ao imaginar o que ele dissera.

— Acho que damos conta disso. — Ela pegou um preservativo na mesa de cabeceira e colocou nele.

Estava molhada, as coxas tremiam no limite do controle ao sentar sobre ele, forçando-se a esperar e prolongar o momento. Depois Adam a penetrou, e

seus músculos se contraíram ao redor dele. Ela se projetou para baixo, fazendo com que ele fosse até o fundo, gemendo com a sensação de sentir que ele a preenchia.

Ele passou as mãos em suas coxas e agarrou com força. Ela se apertou ao redor dele ainda mais, seu clitóris pulsando a cada movimento.

Ela segurou sua cabeça e se arqueou. Ele pôs a boca num dos seios, sugando com força, provocando uma nova onda de calor que o envolveu, enquanto ela se balançava para frente e para trás.

— Gosta disso? — perguntou ele, antes de passar a boca ao outro seio.

— Gosto. — A sensação a deixava sem palavras, reduzida a gemidos. Ela massageava o próprio clitóris enquanto sentia seu pênis por dentro.

Ele afastou a boca e olhou.

— Você me enlouquece ao se masturbar dessa forma.

— Gosto de vê-lo me olhando, como se fosse perder o controle a qualquer minuto.

— É isso que quer, não é? Fazer com que eu perca o controle?

— Sim, e estarei junto com você. — Ela descia com mais força, depois saía quase completamente.

Ele agarrou suas coxas e a puxou para si, curvando-se sob um ritmo mais veloz. Ela ia de encontro a ele, já fora de controle, rumo ao clímax e cerrou os dentes, ao atingi-lo, em ondas de luz que explodiam sob seus olhos fechados. Sentia-o pulsando dentro dela, com as mãos agarradas aos seus quadris, enquanto seus gemidos penetravam-lhe os ouvidos.

Ele passou os braços ao redor dela e a segurou firme contra o peito. Os dois ficaram deitados, em silêncio, recobrando a respiração aos poucos.

— Valeu a pena esperar.

— Valeu. — disse ela, deitando ao seu lado, com a cabeça em seu ombro.

Ele a acarinhava.

— O que vamos fazer quanto a Carl?

— Provavelmente devemos conversar com ele, mas...

— O quê?

Ela levantou a cabeça para olhá-lo.

— Mesmo que não nos mande embora, ele vai fazer um escândalo e todos na rádio saberão. Talvez pudéssemos aproveitar um pouco. Ao menos por enquanto.

Adam ficou acordado por um bom tempo depois que Erica adormeceu. Será que se fechasse os olhos e se entregasse à sonolência acabaria descobrindo que essa noite havia sido um sonho?

Ele nunca se sentira tão próximo assim de ninguém. Era tão emocionante quanto assustador. Baixar a guarda parecia perigoso.

Mas tê-la ali, naquele momento, era bom demais para abrir mão. Responder às suas perguntas o fizera se sentir renovado, de certa forma.

Seria essa a razão do sexo com ela ser diferente e mais intenso?

Carl os mandaria embora quando soubesse? Eles se tornariam rivais pelas poucas rádios de Denver?

Ela suspirou levemente e ele apertou seu ombro com mais força, como se o fato de tocá-la o ajudasse a se agarrar à fé que ela tinha no futuro dos dois.

CAPÍTULO TREZE

— Você está ouvindo o programa Hawk & Honey, na KROK, lar do rock em Denver. — Adam sinalizou para que Erica entrasse com o próximo comercial.

— O verão está a toda aqui em Denver. — Aliás, com tanto calor ela agora usava o cabelo preso. — Vocês que precisam de ar-condicionado, liguem para a Front Range Refrigeração. Irão refrescá-los na hora. — Ela se exibiu desabotoando o primeiro botão da blusa, e ao ver que tinha a atenção de Adam, piscou para ele. — Talvez devêssemos ligar para eles, Hawk, não está meio quente aqui?

— Estou mesmo com calor, mas não tem nada a ver com o clima. — A voz dele a derreteu por dentro.

— Então vou ver o que posso fazer para refrescá-lo — sussurrou ela, apertando o play para a próxima música.

Ele tirou o fone de ouvido e se aproximou.

— Acho que uma música não vai me refrescar.

— Hmm. Que tal um banho de língua? — disse ela, com tom inocente.

— Você gosta de me torturar, não é? — Ele passou a mão por baixo da saia dela.

Ela levou um susto.

— Cuidado — alertou ela, olhando para as vidraças com vista para os escritórios da KROK.

— Ninguém pode ver minha mão, só seu rosto. — Ele passou o dedo na coxa, por baixo da calcinha. — Só não deixe que eles vejam em seu rosto o que estou fazendo.

Ela engoliu seco e viu que era hora de anunciar a chamada da rádio.

— Você está ouvindo a KROK, a rádio que sacode Denver.

A rotina sensual e a troca de olhares os deixava tão excitados que mal conseguiam entrar em casa para começar a tirar a roupa.

Os ouvintes também deviam estar gostando do tom mais picante do programa. Eles haviam alcançado o primeiro lugar na audiência em Denver. Mais um motivo para que Carl anulasse sua regra imbecil e os deixasse namorar abertamente.

Mas por enquanto era mais divertido fazer os joguinhos sensuais no ar e passar noites eróticas juntos.

Ela logo aprendeu o significado da audiência. Quase que da noite para o dia se tornou uma celebridade. Começou a ser reconhecida e a distribuir autógrafos, o que achava impressionante.

Tanisha era a única que sabia do relacionamento com Adam, e Erica confiava que ela não contaria nada a ninguém.

Tanisha também estava tendo um caso com um vizinho, contou enquanto almoçavam juntas e comparavam as histórias.

— Acho que agora Adam confia mais em mim. Às vezes conta coisas espontaneamente. E quanto a você e Bryan?

— Está ótimo. — Tanisha abriu um sorriso. — Ontem ele disse que me ama.

— Estou tão feliz por você — disse Erica.

— E Adam? Já se declarou?

Ela negou e deu uma garfada na salada.

— Eu também cheguei perto, mas nunca parece a hora certa.

— Com licença, você não é a Erica, do programa Hawk & Honey?

Ela viu um sujeito careca diante da mesa. Pôs o garfo de lado e sorriu.

— Sim, sou. Essa é minha amiga Tanisha.

— Não se importe comigo — disse Tanisha —, não sou famosa.

— Estou contente em vê-la, pois queria lhe falar. Posso me sentar, será apenas um minuto.

— Creio que sim. — Ela foi pega desprevenida. Detestava ser rude com um fã, mas será que não via que ela estava tentando almoçar?

— Sou Stan DeWitter. — Ele apertou a mão das duas e deu um cartão para Erica. Estava escrito Air Stream Broadcasting, em azul.

— Você é da KMJC — disse Tanisha. — A maior rival da KROK — disse Erica.

— Uma rivalidade amistosa. Ouvi seu programa — disse ele.

— O programa Hawk & Honey?

— Isso mesmo. Você é maravilhosa. Acho que seria ótima num programa solo.

— Ah, não sei. — A idéia a pegou de surpresa. — Acho que o sucesso de nosso programa é a química entre mim e Adam.

— Sim, é ótima, mas acho que você faria o mesmo sucesso sozinha.

— Você está oferecendo um emprego a ela? — perguntou Tanisha.

Ele sorriu.

— Estou dizendo que há uma possibilidade, caso se canse de trabalhar na KROK.

Sem o Adam?

— Obrigada, sr. DeWitter, mas sou feliz onde estou. Ele deu um tapinha em seu ombro.

— Guarde meu cartão e pense a respeito. — Ele levantou e partiu.

Erica ficou olhando.

— Você acredita?

— Eu diria que o homem conhece um talento ao ouvi-lo — disse Tanisha.

Ela olhou o cartão.

— Eu não deixaria a KROK. Somos o primeiro lugar do horário.

Há muito pouco tempo ela estaria empolgada com a idéia. Mas Adam mudara isso.

— Eu me sinto feliz onde estou — repetiu ela.

— Guarde o cartão, caso Carl descubra sobre você e Adam. Ele pode despedi-los.

— Não vai acontecer.

— Nunca se sabe.

Ela olhou o cartão novamente... Guardaria e talvez o usasse, caso Carl ameaçasse despedi-los, para convencê-lo de mantê-los no ar.

— Ei, aquele não é Stan DeWitter? — Bonnie largou o sanduíche e encarou o careca que atravessava a lanchonete.

— Quem é Stan DeWitter? — perguntou Doug.

— Diretor de Programação da KMJC. — Ela o observou, enquanto parava sorridente na mesa de Erica e Tanisha. — Por que está falando com Erica?

Doug sacudiu os ombros.

— Acho que você poderia ir perguntar.

— Talvez eu deva. Talvez deva me apresentar. — Mas ela continuou sentada, enquanto DeWitter conversava com Erica.

— Me dê seu celular...

— Para quem vai ligar? — perguntou ele, entregando o aparelho.

— Para ninguém, vou tirar umas fotos.

Ela apontou o aparelho para os três, enquanto DeWitter entregava um cartão de visitas e bateu uma foto.

— Perfeito.

— O que vai fazer com as fotos? — perguntou Doug.

— Talvez as mostre a Carl, ele vai gostar de saber que sua estrela almoçou com Stan DeWitter.

Doug olhou novamente.

— Ele não está comendo nada.

— E daí?

— Não estão almoçado juntos, estão só conversando.

Ela revirou os olhos.

— A KMJC é nossa maior rival. Se Erica está se entrosando com De Witter é como... dormir com o inimigo. Doug franziu o rosto.

— Acho que não estão dormindo juntos.

— Eu não quis dizer literalmente.

— E por que se importaria? — disse Doug.

— Vou arranjar um jeito de me livrar da Erica e fazer com que Carl me coloque em seu lugar.

— Não fico muito feliz em vê-la trabalhando ao lado de Adam.

— Eu lhe perguntei alguma coisa? — Ela abrandou o tom. — É só fachada. Às vezes não é suficiente ser bombástica.

— É a época preferida do ano, pessoal. — Carl falava durante a reunião de equipe em seu escritório.

— Achei que a grande festa seria no Natal — disse Nick, espalhado no sofá de Carl, com sua perna esticada para a frente. Ele recentemente passara da cadeira de rodas para as muletas e, em seu programa, afirmava que isso

tornara mais fácil arranjar garotas que sentiam peninha.

Carl ignorou o gracejo e continuou.

— Chegou a hora de fazermos o inventário.

Os resmungos foram ouvidos por toda sala. Ela um trabalho repetitivo, do qual todos tentavam escapar.

— Ah, sinto que terei uma recaída — disse Nick, segurando a perna. — Acho que não poderei vir chefe.

— Bela tentativa, mas não vai funcionar. Vou colocar você com o Davie, e Bonnie vai trabalhar com Audra. Jerry e Charlie alternarão turnos e Erica e Adam estarão no horário noturno. — Ele ergueu o olhar da lista. — Alguma pergunta?

Erica levantou a mão.

— Eu tenho, mas não é sobre o inventário. Adam lançou um olhar interrogativo.

— O que é? — perguntou Carl.

— Sua política de proibição de namoro entre as pessoas que trabalham no ar. Estaria aberto à mudança?

Os olhos de Carl se estreitaram.

— Por que quer saber?

Ela olhou ao redor da sala com um sorriso confiante.

— Aquele cara novo, Davie, é bem bonitinho. Estou pensando em convidá-lo para sair.

— Esqueça. Há um motivo para essa regra. Se não conhece, pergunte ao seu parceiro, Adam.

Adam se abaixou na cadeira. Erica continuou, sem se intimidar.

— Não acho que todos devam ser punidos porque alguém cometeu um erro.

— Bem, eu sou o gerente, e eu acho. Alguém mais quer perguntar alguma coisa? — Ninguém disse nada. — Muito bem, o inventário começa na sexta-feira.

Todos se levantaram para sair. Carl pôs a mão no ombro de Adam.

— Você fica. Quero falar com você.

Adam prendeu um gemido. As conversas com Carl geralmente não acabavam bem.

Enquanto os outros se preparavam para sair, Bonnie ficou.

— Eu preciso falar com você — ela disse a Carl.

— Sobre o quê?

Ela deu uma olhada para Adam.

— Tenho algumas fotos que você vai achar muito interessantes.

— Vai posar nua outra vez? — Ele balançou a cabeça. — Acredite, Bonnie, não estou interessado.

Adam demorou alguns instantes para acreditar que Bonnie estava realmente corando.

— Não são fotos minhas — disse ela.

— Agora não tenho tempo. — Carl pôs a mão em seu ombro e a guiou porta afora.

— Talvez mais tarde. — Ele fechou a porta. — Ela está sempre reclamando de alguma coisa. A mulher é um saco. Se não fosse tão conhecida dos ouvintes já teria dançado. Mas não o segurei aqui para falar de Bonnie.

— Então, o que é?

— O que há com Erica? Por que está perguntando sobre a regra de namoro?

Ele sacudiu os ombros.

— Você ouviu, quer sair com Davie.

Carl o observou por um instante.

— Estranho. Achei que ela fosse a fim de você.

Adam se mexeu na cadeira, tentando manter o rosto sério.

— Por que pensa isso?

— A forma como vocês flertam no ar. Às vezes parecem envolvidos.

— Somos bons atores e amigos, nos divertimos juntos. Carl pegou uma carta na mesa.

— Acabo de receber outra correspondência da diretoria. Uma das estações em Fresno foi multada em dez mil dólares por um comentário impróprio no ar.

— Você deveria falar com Nick sobre isso, não comigo.

— Já falei com Nick e agora estou falando com você. Pode não saber, mas minha função é manter todos vocês na linha.

Ele se levantou, receando ter que ouvir Carl por mais tempo.

— Não se preocupe quanto a mim e Erica — disse ele. — Só flertamos no ar.

— *O que fazemos fora dele não é da sua conta,*

Ele saiu do escritório. Nick esperava do lado de fora.

— Me deixe adivinhar. Tomou o sermão do não-fale-besteira-que-a-FCC-está-de-olho. — Ele seguiu Adam, com suas muletas.

— Algo assim.

— E você e Erica, estão dormindo juntos?

Ele parou bruscamente e Nick quase lhe deu um encontrão.

— Por que está me perguntando isso?

Nick sacudiu os ombros.

— Uma gatinha novinha e um jovem desgarrado. No seu lugar eu estaria tentando dar um pega.

— Nem todo mundo pensa como você, Nick.

— Claro que pensa, mesmo não admitindo. Ei, eu não disse que acho errado, acho essa regra do Carl uma estupidez.

— Obrigado pela força — Adam seguiu pelo corredor.

Nick insistiu em segui-lo.

— Ouvi falar o que aconteceu no Bar do Charlie. Adam congelou, mas continuou andando.

— O que é que tem?

- Sobre sua grande revelação de ex-presidiário.
- As fofocas correm.
- As coisas podem tomar vulto se você faz estardalhaço.

Ele parou e olhou para Nick novamente.

- Aonde quer chegar?
- Estou querendo dizer que se olhar para sua ficha com naturalidade, as pessoas também verão você assim. Mas se transformar isso num bicho de sete cabeças, vão pensar que esteve preso por algo terrível.
- E como sabe disso?
- Apesar do que você pensa, com tantos anos nesse negócio, eu me tornei um especialista na natureza humana.
- Não diga? Então fica ali na cabine fazendo suas piadas, só analisando seus colegas?
- Analisando, não. Observando. Estou tentando te dar um bom conselho. Fica frio.
- Obrigado, vou colocar isso numa camiseta. Ele saiu andando.
- Ei, Adam — disse Nick.
- O quê?
- Se não está dormindo com Erica, devia tentar. Acho que ela é a fim de você.
- Tchau, Nick.

Será que todos achavam que eles tinham algo a ver? A idéia de voltar a fazer entrevistas e enfrentar todas aquelas perguntas quanto ao passado davam um nó no estômago. Apesar do que Nick dissera, as pessoas prestavam atenção nas palavras "condenação por delito grave", escritas num currículo. Sentia os rostos expressarem um "obrigado, mas não vai dar."

Erica não agira assim. Seus ombros relaxaram ao pensar nela. Ela era incrível. Podia ser ele mesmo com ela.

Mais um motivo para que todos soubessem do relacionamento. Por enquanto

era algo pessoal, que só eles compartilhavam. E tinha de admitir que o segredo era bem excitante. Por isso não queria que a relação viesse a público.

Seu relacionamento com Erica era diferente de todos os outros que tivera. Queria que continuasse assim o maior tempo possível, sem que nada se intrometesse para estragar.

CAPITULO CATORZE

Adam olhou algumas embalagens de luxo.

— Por que temos cinco cópias do *The Wall*, do Pink Floyd?

— O pessoal da assessoria de imprensa nos mandou muitas amostras grátis?

— Ela subiu na escada e colocou o Ten Cent Redemption no lugar certo.

— Ou talvez alguém... — A voz de Adam foi sumindo, ao ver as curvas expostas pela saia jeans curta. Quando a conheceu havia achado seu bumbum sexy, mas agora que o via constantemente...

Ele estava perdido em fantasias até notar que ela falou.

— Desculpe. — Ele balançou a cabeça. — Eu me distraí. O que disse?

Ela desceu da escada.

— Perguntei se você estava olhando a minha bunda.

— Sou culpado. — Ele levantou as duas mãos. — Alego insanidade temporária.

— Você me parece totalmente são. — Ela sentou em seu joelho e segurou seu rosto com as duas mãos.

— As aparências enganam. — Ele a agarrou pela cintura e beijou o canto de sua boca. — Não sabe que me deixa maluco?

— Hmm. — Ela o prendeu num longo beijo.

Ele adorava ver que a avidez dela era tão grande quanto a sua.

— Gosto de estar aqui com você, sozinha, à noite. — disse ela, quando se

separaram.

— Devíamos estar trabalhando. — Mas, ao dizer isso, ele passou a mão embaixo de sua saia.

Para sua decepção e surpresa, ela saiu de seus braços e arrumou a saia.

— Está certo. Não vamos conseguir fazer nada se não acelerarmos.

Ela subiu novamente na escada, forçando-o a prestar atenção nos CDs. Mas o olhar de Hawk voltava para ela a toda hora. A programação da rádio era transmitida dentro da sala de arquivo e ela estava dançando a música ao mesmo tempo em que arrumava os CDs. Enquanto girava e se balançava ele pensou em como ela se sentira quando se mexia embaixo dele.

— Preciso ir até o banheiro. Volto num minuto. — Ela passou por ele exalando aquele perfume exótico. Sexy.

Ele estava diante das prateleiras anotando os títulos quando ela voltou por trás dele e enfiou algo em seu bolso.

— Guarde para mim — disse ela.

— O quê...?

Mas ela já tinha ido para o outro lado da sala e subido a escada.

Ele enfiou a mão no bolso e sentiu a seda morna. Puxou e viu a lateral rosa. Ele apertou, sentindo o calor de seu corpo na palma da mão. Olhou para ela, que estava arrumando os CDs, como se tivesse lhe dado um memorando de Carl ou o folheto da pizzaria mais próxima, em vez de sua calcinha.

Ele foi até ela, que estava na escada, com a bainha na altura de seus olhos.

— Você não está facilitando para que eu me concentre no trabalho — disse ele.

Ela sorriu.

— Não é preciso ser um neurocirurgião para arrumar CDs. Achei que gostaria de ter um incentivo.

Ele passou a mão em sua coxa nua, até que seus dedos chegaram às nádegas e apertou, sentindo um pulsar correspondido em seu membro.

— Tenho uma garrafa de licor Godiva que venho guardando.

— Vamos beber licor?

— Sim, mas não de um copo. Vamos servir no corpo um do outro, depois lambar.

— Parece interessante.

— Por exemplo, vou derramar em você e depois lambar cada... gota.

— Temos que caprichar, para não cair nada no lençol, não é? — Ele apertou o dedo em suas dobras, sentindo a umidade crescente.

— Sim. — Ela abriu mais as pernas e segurou a estante com uma das mãos.

Ele ficou tentado a continuar, mas tirou a mão.

— Aceitaria a oferta agora, se não fosse o Carl, que deve passar por aqui. Eu gosto desse emprego e espero não ter que procurar outro. — disse ele. — Você tem uma boa reputação em Denver e não terá dificuldades de encontrar trabalho.

— Talvez trabalhássemos mais rápido se não nos distraíssemos tanto — disse ela. — Não faria diferença se fizéssemos um pequeno intervalo. — Ela desceu dois degraus e pôs as mãos nos ombros dele. — Temos direito a intervalos, eu li no contrato. — disse ela, mordiscando sua orelha. Ela chegou mais perto, até que seu seio tocou-lhe o rosto.

Ele passou a língua no mamilo, segurando-a pela cintura. Ela fechou os olhos, com as mãos na estante. Ele sentiu que ela estava de pernas bambas.

— Você está bem?

Ela sorriu, com o olhar inebriado.

— Nunca estive melhor.

Ele começava a pensar que podia passar o resto da vida conhecendo seu corpo. Uma idéia assustadora que logo pôs de lado. Ele levantou seu top e seus seios ficaram expostos.

— Você me deixou destemido, sabia disso?

— Bom. — Ela percorreu os dedos por seus cabelos, segurando-lhe a cabeça nas mãos. — Todos precisamos ser um pouco destemidos, às vezes.

Ele pegou seus seios nas mãos, passou a língua pelos mamilos sensíveis,

depois a pôs o máximo que podia na boca. Queria ela inteira dentro dele, seu espírito, seu otimismo. Tudo que perdera havia anos.

Ela gemia e suspirava.

— Não sei quanto tempo posso agüentar, minhas pernas estão moles.

— Mais um pouquinho. — Ele a colocou mais acima na escada e puxou a saia. Depois agarrou seus quadris. — Prometo que não vou deixá-la cair.

Estar ali nua, com seu sexo quase no rosto dele a deixava muito excitada. Ele apertou suas nádegas e passou a língua em seu clitóris, provocando ondas de prazer e fazendo que ela estremecesse. Ela se agarrava aos cabelos dele com um das mãos e à estante com a outra.

Ele continuava a sugá-la, alternando entre chupar e lambe. Suas pernas começaram a tremer e ela se esforçava para se manter em pé. Sentia-se a ponto de estilhaçar. A música tocando ao fundo coincidia com o ritmo de seu coração e o pulsar entre suas pernas.

Ela teve um orgasmo forte, colada nele, deixando que ele a segurasse, enquanto permanecia de olhos fechados, deleitando-se com a sensação de prazer.

Quando abriu os olhos e o viu embaixo, ele estava olhando para ela com uma expressão de devoção que quase a fez chorar.

— Você é incrível — disse ele, ajudando-a a voltar ao chão.

— Você também é — disse ela, pegando a fivela de seu cinto.

Ele arrancou os sapatos e tirou a roupa em segundos.

— Eu quero você agora — disse ele, agarrando-a pela cintura e puxando-a para perto.

Seu beijo era faminto e ela podia senti-lo pulsando junto à sua barriga.

— O chão aqui nem tem carpete. Talvez possamos ir até o escritório de Carl. Lá tem um sofá...

— O escritório dele está trancado. Não precisamos ficar no chão. — Ele a conduziu de volta à estante. — Debruce aqui. — Ele a acariciava.

Ela suspirou com a sensação dos dedos dele.

— É bom? — perguntou ele.

— É maravilhoso.

— Tem certeza? — Ele mergulhou um dedo dentro dela. — Eu quero que seja bom para você. Posso tentar pegar a chave do escritório do Carl...

— Não! — Ela sacudiu a cabeça. — Não pare, eu quero você em'mim, por favor.

Adam deu um passo atrás e Erica escutou o barulho do plástico rasgando. Ele voltou, agarrou seus quadris e a penetrou bem fundo. As mãos dele cobriram seus seios. Era tão bom sentir que ele a preenchia, a envolvia, a louvava.

Debruçada dessa forma, ele podia penetrá-la ainda mais fundo, chegando a partes que ainda não haviam sido tocadas. Ela começou a arquejar, sentindo o clímax se acumulando, dessa vez mais rápido e profundo.

Ele acelerou seu ritmo, entrando e saindo, aumentando a avidez dentro dela.

— Você é tão linda — murmurou ele, levando uma das mãos ao seu clitóris. — Adoro que você não esconda nada de mim.

Ela nem conseguiu responder, entregue àqueles movimentos. Fechou os olhos e deixou que o orgasmo a dominasse. Ele a segurou mais forte e os músculos de suas coxas se contraíram num golpe intenso enquanto ele gozava e os CDs caíam pelo chão.

Ele saiu dela, e a virou de frente, prendendo-a nos braços. Ela apertou o rosto contra seu peito suado, sentindo! o cheiro másculo e sexual. Ele a segurou firme, e ela pensou como ele era forte fisicamente, mas como suas^ emoções eram vulneráveis.

Ela também se sentia muito vulnerável ao redor dele e começou a rir.

— O que é tão engraçado? — perguntou ele.

—Alguém poderia ter entrado e eu nem ia ligar. Nem notaria.

Ele a beijou. Um beijo rápido, só encostando os lábios nos dela.

— Eu te amo.

As palavras foram ditas num sussurro e ela não teve certeza se as ouvira, ou

sonhara. Mas os olhos dele estavam tão cheios de ternura que ela sentiu um nó na garganta.

— Eu também te amo, Adam. Muito.

Eles se abraçaram por um longo tempo, sem falar. Depois se soltaram, silenciosamente, e se vestiram para pegar os CDs espalhados no chão.

— São quase onze. — disse ela.

— Não fizemos quase nada — disse ele, olhando os CDs e a papelada.

— Vai acabar sendo feito. Podemos vir amanhã para ajudar Nick e Davie, se você quiser. — disse ela.

Ele concordou.

— Faremos isso, posso deixá-la em casa. A menos que queira ir para a minha.

— Pensei que você pudesse ficar na minha casa.

Ele sorriu.

— Posso ser persuadido.

— Ótimo. Tenho uma garrafa de Godiva que precisa ser aberta.

Bonnie digitou seu código de segurança na porta da KROK, e esperou pela abertura. Nunca gostou de ir à rádio à noite, mas Doug não pôde ir e ela precisava adiantar o trabalho.

A porta se abriu e ela entrou. Seguiu pela recepção e tirou os saltos altos. Não fazia sentido que alguém soubesse que ela estava ali. Adam e Erica estariam em algum lugar, fazendo o inventário. Não queria encontrá-los e ter que explicar que havia se atrasado em seu trabalho. Gravaria os comerciais dos carros usados de Mighty Mike e sairia voando dali.

Passou pelo estúdio principal e seguiu para outro menor, utilizado para promoções desse tipo. Era do lado oposto à discoteca de CDs, mas, com a porta fechada, ninguém poderia ouvi-la.

Já no estúdio ela colocou o fone de ouvido e programou o equipamento de gravação.

— Fale de forma bem sexy.

— Sei fazer sexy — ela assegurou para a voz do aparelho. Afinal, esse era seu negócio.

Ela se debruçou junto ao microfone.

— Olá — sussurrou ela. — Aqui é a Bonnnie Bombástica para falar sobre uma promoção explosiva do Mighty Mike Veículos e Caminhões Usados.

Ela colocou o fone e voltou a fita. Depois gravou outra vez e salvou os dois arquivos no computador. Na segunda-feira, quando o programa fosse ar tudo o que o. programador teria de fazer era selecionar e pronto.

Desligou o equipamento de gravação e olhou o relógio. Hora de encontrar Doug para um drinque. Um barulho chamou sua atenção ao chegar ao hall. Um gemido de mulher... junto com a música que saía dos autofalantes.

Ouviu aquele som novamente. Baixo e intenso. Não era barulho de quem estivesse assustado ou ferido. Não, era decididamente um gemido de paixão. Ela olhou em volta. Estaria vindo da discoteca?

Colou o ouvido à porta. Ouviu uma voz masculina abafada. Adam. Uma resposta feminina ofegante. Provavelmente Erica.

Com todo cuidado ela abriu uma fresta da porta e viu Erica na escada. A estrela do programa Hawk & Honey estava nua em pêlo e Adam a tomava, com grande entusiasmo.

Bonnie mal pôde se conter com o erotismo da cena. Uma escada! Como não pensara nisso?

Os dois obviamente não eram meros amigos como faziam todos acreditarem. Agora fazia sentido a pergunta de Erica na reunião.

Bonnie não conseguia tirar do rosto o sorriso de satisfação. Carl poderia ter ignorado as fotos de Erica com Stan De Witter, mas não havia como ignorar isso. Adam e Erica atuando como astros pornô nas dependências da rádio, quando deveriam estar trabalhando.

Seu sorriso sumiu ao se dar conta de que Carl não acreditaria nela. Droga! Por que não ficara com a câmera de Doug? Ela olhou em volta à procura de algo, qualquer coisa para flagrar os dois amantes. Seu olhar desviou para a porta do estúdio ao ouvir a intensidade dos gritos de Erica. A satisfação a

tomou ao ver a solução de seu problema. Gravaria tudo e daria a Carl.

Bonnie destrancou o estúdio e pegou o microfone. Apertou o botão de gravar e levou o microfone ao lado oposto do corredor. Colocou-o do lado de fora da porta aberta. Os gritos de Erica se intensificaram. Bonnie andava na ponta dos pés, sem poder crer no quanto aquilo a estava incomodando.

Ela ouviu Erica descendo a escada e apurou os ouvidos, tentando entender algo da conversa entre os dois. Mas a voz de Adam era baixa demais.

Tentou olhar novamente, e viu a posição de Erica, encostada à estante de livros. Perdeu o fôlego ao vê-lo penetrando Erica por trás e se sentiu contrair de desejo.

Por que eles é que tinham que estar se divertindo? Fechou os olhos e sorriu. Ia gravar em som estéreo.

Ao terminar, tudo que teve de fazer foi salvar o arquivo no computador. Erica e Adam virariam lenda.

CAPÍTULO QUINZE

— Gus, de Englewood, acertou a resposta e vai levar ingressos para o show de Lyle Lovett, em Red Rocks.

Erica sorriu para Adam na última hora do programa Hawk & Honey. Certamente recebera sua cota de amor esse fim de semana. De todos os momentos que passaram juntos, o mais afrodisíaco era sua confissão de amá-la. Depois que saíram da rádio na sexta, passaram o fim de semana praticamente inteiro na cama.

Ele retribuiu o sorriso.

— Voltaremos com mais música após os comerciais. Ele apertou o botão e a voz de Bonnie invadiu a sala.

— Aqui é a Bonnie Bombástica para falar sobre uma promoção explosiva...

Adam acionou o mudo e empurrou sua cadeira até a de Erica.

— Cheguei a dizer o quanto está sendo difícil ficar sem tocá-la durante o programa? — sussurrou ele.

— Também está difícil para mim. — Ela esfregou sua coxa, achando que ninguém lá fora pudesse vê-lo.

— Não estou tão certa quanto ao tempo que podemos esconder isso de Carl. Ele suspirou.

— É. Talvez devêssemos marcar uma reunião com ele. Tentar pegá-lo de bom humor.

— Acho que você está se preocupando por nada. Claro que ele vai dar um ataque quando souber, mas vai se acalmar e nos deixar ficar.

— Isso é algo que adoro em você. E sempre tão confiante. — Ele se inclinou em sua direção e ela sentiu a respiração acelerada.

Mas antes que os lábios se tocassem eles foram interrompidos por uma batida frenética à porta do estúdio.

— Ei, o que foi?—Adam levantou e correu até a porta, escancarando-a e Davie entrou como um raio.

— O que acham que estamos fazendo? — Adam estourou. — Estamos no ar. Davie olhou para eles como um maluco.

— Feche o áudio! — ele disse.

— Fechar o áudio? O quê...

Davie passou por ele e aumentou o volume para que a transmissão dos ouvintes preenchesse o estúdio.

Erica não conseguia entender o que estava ouvindo. Parecia um... gemido. Muito apaixonado.

— Isso é gostoso? — perguntava a voz de Adam, embargada de emoção, mas ainda reconhecível.

— Ah, sim, é maravilhoso. — Ela ouvia a si mesma, quase sem ar.

Adam desligou o som. No silêncio que se seguiu, Erica não podia olhar para ninguém. Seu rosto estava quente e ela não conseguia engolir o nó que se

formara em sua garganta. As lembranças de Adam e ela fazendo amor na discoteca na noite de sexta a deixaram confusa. Alguém os teria gravado? Quem? Por quê?

O telefone começou a tocar sem parar.

— Estou saindo fora. — Davie os olhou com pena e partiu.

Erica se virou para Adam.

— O que houve?

— Nem sei o que pensar.

No mesmo instante, Carl surgiu na porta. Seu rosto estava vermelho vivo e as veias do pescoço saltavam.

— No meu escritório. — Ele virou bruscamente para Erica. — Os dois. — Deu a volta e saiu da sala.

— Acho melhor irmos atrás dele — disse Erica, sem forças para levantar.

— O que vai acontecer agora?

— Ele não vai poder arrancar nossa pele, apesar de desejar fazê-lo. — Ele olhava o gerente pelas costas. — Se tivermos sorte será rápido.

— E se não tivermos sorte? — disse ela, com a boca seca.

Ele balançou a cabeça. Ela achava já saber o que aconteceria. Jamais trabalharia novamente no rádio. Sua carreira terminara antes de começar.

Quando ela chegou ao escritório de Carl ele estava debruçado sobre a escrivaninha, olhando para Adam, que estava no sofá.

— Feche a porta e sente-se — disse ele, sem olhar. Ela sentou ao lado de Adam. Queria tocá-lo, para que

soubesse que estavam nisso juntos. Mas ele nem a olhou.

— Vou dar uma chance de explicarem o que acabo de ouvir no programa — disse Carl. — O que todos os ouvintes escutaram.

— Eu não fazia idéia da existência dessa gravação ;— disse Adam. — Cortei para a entrada do comercial que Bonnie fez para Mighty Mike e entrou aquilo. Tirei o som para falar com Erica e em seguida Davie entrou mandando

fechar o áudio.

A expressão petrificada de Carl não se modificou.

— Não perguntei se sabia o que estava tocando. Perguntei *o que* estava tocando. — Ele se virou para Erica.

— Gostaria de responder essa pergunta? — Ela balançou a cabeça. — Não, não gostaria de responder. Ou não sabe?

Ela engoliu.

— Não gostaria de responder.

Carl cruzou os braços.

— Me deixe tentar. Para mim, parecia que você e Adam estavam fazendo sexo. Bem alto e explícito.

Ela abriu a boca para contestar e ele a cortou.

— Não tente negar. Estou no rádio há trinta anos, conheço vozes.

Adam estava ao seu lado, rígido e tenso. Encarava Carl zangado, sem dizer nada.

— Há quanto tempo vocês estão dormindo juntos? — perguntou Carl.

Erica pensou em não dizer nada, mas para quê? Afinal, eles já tinham a intenção de contar para Carl sobre o relacionamento. Apesar de jamais imaginar que ele fosse descobrir dessa forma.

— Desde a maratona na cama, na Colchões Max.

As sobrancelhas de Carl se levantaram.

— Mesmo com as câmeras de segurança? Quem pensa que é? Paris Hilton?

Ela corou.

— Houve uma noite em que acabou a luz, lembra? As câmeras também foram desligadas.

— E os gravadores? Vocês acharam que seria divertido gravar a sessão de sexo que tiveram?

— Não gravamos nada. — Adam finalmente disse. — Alguém o fez e plantou a fita para que fôssemos pegos.

— Desculpe, mas isso é um pouquinho difícil de acreditar. — Ele contornou a mesa e sentou. — Em primeiro lugar, quem estaria ouvindo, e quem teria a oportunidade de plantar a fita?

Erica estava pensando na mesma coisa. Ela olhava para as mãos, sobre o colo.

— Não sei.

— Nem preciso dizer o quanto isso é sério — disse Carl. — Vocês transmitiram duas pessoas fazendo sexo a novecentos mil ouvintes. A mesa está congestionada de ligações. — A voz dele se elevou pelas conseqüências do acidente. — A FCC vai deitar e rolar com essa. Nossos anunciantes vão ter um ataque. Eu posso perder meu emprego.

Uma batida à porta os interrompeu.

— Quem é? — perguntou Carl.

— É Bonnie. Preciso falar com você.

— Agora não, estou ocupado.

A porta se abriu e Bonnie entrou. — Acho que você vai querer ouvir o que tenho a dizer. É sobre eles. — Ela olhou para Erica e Adam.

— O que têm eles?

Bonnie estava vestida quase discretamente, de azul-claro.

— Sexta à noite, passei na rádio para gravar meus comerciais para a Mighty Mike. Escutei Erica e Adam na discoteca.

Adam se levantou.

— Nós nem a vimos. Ela sorriu.

— Estavam ocupados demais para me ver. — Ela se virou para Carl. — Estavam nus, parecendo dois coelhos.

O rosto de Carl ficou vermelho como um pimentão. Ele encarou Adam.

— Isso é verdade?

Adam corou, mas não disse nada. Bonnie deu dois passos na direção da mesa de Carl e se debruçou de forma casual.

— De qualquer forma, fui embora quando terminei meu trabalho. Mas

esqueci minha agenda e voltei para buscá-la. — Ela olhou para Erica, com um olhar triunfante. — Foi quando vi Erica na sala de controle. Estava fazendo algo no computador.

Erica deu um salto.

— Isso é ridículo. Não passei nem perto daquela sala na sexta.

Adam observou o rosto de Erica, estarecida. Furiosa. Tudo que ele sentia. Queria acreditar que ela estivesse dizendo a verdade. Mas já se enganara muito com as pessoas.

— Eu estive com Adam a noite toda — prosseguiu ela, se virando para ele —, eu não podia ter feito nada do que ela está dizendo.

Ele concordou. Embora ela tivesse ido ao banheiro antes de fazerem amor. Teria programado o gravador? Faria algo assim?

— Ela faz qualquer coisa para ter atenção — disse Bonnie. — Qualquer coisa para se promover. Veja como pulou diante da chance de passar três dias na cama com Nick. E a forma vergonhosa como seduziu Adam no ar.

— Eu não pulei diante da chance de fazer a maratona na cama com Nick — protestou Erica. — E não seduzi Adam no ar.

Bonnie lançou um ar de lástima depois voltou a olhar para Carl.

— Ela já está aceitando ofertas de outras rádios. Até almoçou com o gerente da KMJC.

— Bonnie, você está louca — disse Erica. Ela olhou para Carl. — Não é verdade.

— Então, como explica essas fotos? — Bonnie abriu a bolsa e entregou um pacote de fotos a Carl.

Ele as olhou, depois olhou para Erica, com o rosto cinza.

— Parece que é você, almoçando com Stan DeWitter, da KMJC.

Erica corou.

— Tanisha e eu estávamos almoçando um dia, e ele me abordou. Eu nem sabia quem era.

Adam sentiu uma pontada de dor no peito. O queimais! ela estaria

escondendo?

— Você falou com ele sobre trabalho? — perguntou Carl.

— Ele me ofereceu um emprego, mas eu recusei. — Ela virou para Adam. — Adam pode falar por mim. Adoro meu emprego aqui. Sim, nós infringimos a regra do namoro, mas foi só porque nos apaixonamos.

Foi o que fizeram? Tinham se apaixonado? Uma hora antes ele diria que sim.

— Ela nunca me disse nada sobre a KMJC — disse ele, lentamente. — Acho que diria, se realmente estivesse considerando trabalhar lá.

— Mas também não disse nada sobre a oferta. Ele desviou da angústia em seus olhos.

— O que irá acontecer agora? — perguntou ela.

—A FCC fará perguntas. — Ele se levantou novamente. — Vocês dois estão afastados até segunda ordem. Bonnie, você irá preencher o horário da tarde por enquanto.

Erica ia reclamar, mas Adam a pegou pelo braço e a puxou para a porta. Não ganhariam nada em discutir com Carl agora. Melhor deixar esfriar.

Ao andarem pela rádio viam todos olhando, mas ninguém se atrevia a dizer nada. Ele e Erica não falaram até chegar ao estacionamento.

— Bonnie está por trás disso. Sei que está. — Erica irrompeu em palavras assim que chegaram ao carro de Adam.

Ele estava pensando o mesmo, mas Erica parecia tão convicta.

— Como sabe disso?

— Ela disse que esteve aqui na sexta. Ela nos ouviu. Só pode ter feito a gravação e substituído pelo comercial. E conseguiu o que sempre quis. Seu programa.

— Não pode provar. Qualquer um pode ter feito. Ela o encarava.

— Não acha que fiz, acha?

Teria sido ela? Parecia impossível, mas como alguém teria feito? Mesmo Bonnie?

— Fez? Como uma piada que não deu certo?

— Não! Eu não seria tão estúpida. — As lágrimas encheram seus olhos. — Nem acredito que possa pensar isso de mim.

Agora, para completar, ele se sentia um asqueroso.

— Você está certa, desculpe. — Ele se virou para o carro. — Preciso ir para casa.

Ela pôs a mão em seu braço.

— Me deixe ir com você.

— Não. Acho que... quero ficar sozinho um pouco. Preciso pensar. — Ele não conseguia pensar perto dela.

Ela soltou seu braço, ele entrou no carro e partiu. Mas sua imagem ali, em pé, solzinha, ficou em sua mente.

Não queria magoá-la, mas precisava de tempo para digerir aquilo. Será que Bonnie realmente faria algo tão perverso?

Se ele ao menos conseguisse se livrar dessas dúvidas malditas! Erica ficou olhando o carro de Adam, sem saber se chorava ou atirava alguma coisa. Será que ele não via que ela precisava de seu apoio para saber que estavam naquilo juntos?

Doeu. Ela seguiu até seu carro. A raiva crescia. Que coincidência Bonnie entrar na sala de Carl naquele instante, sabendo mais da gravação do que qualquer um.

Por que sou a única a ver o quanto isso é suspeito? Pensou ela, ao ligar o carro. Bonnie não tinha nada de santa, todos sabiam de sua ambição. Faria qualquer coisa para ter o que quer.

Ao chegar em casa ela foi direto para a cozinha. Era uma ocasião para montanhas de chocolates e carboidrato.

Já estava empanzinada quando o telefone tocou. Com o coração disparado, ela atendeu. Talvez Adam tivesse ligado para se desculpar.

— Ei, garota, eu soube do que houve. — A voz de Tanisha era terna. — Você está bem?

- Estou segurando firme. Ouviu a transmissão?
- Sim. Eu estava no meu carro indo para o correio. Num instante Bonnie estava falando do Mighty Mike, no outro, começaram os suspiros.

Ela tremeu.

- Alguém deve ter plantado aquela fita. Adam e eu não tínhamos a menor idéia.
- Onde vocês estavam?
- Jura que não espalha? — Já era péssimo que Carl soubesse.
- Juro, diga.
- Estávamos na rádio. Era para estarmos fazendo inventário.
- Não conseguiram se desgrudar, não é?
- Foi isso. — Será que Adam voltaria a se sentir assim tanto quanto a ela? E quanto às declarações de amor que fizera? — Bonnie disse que esteve lá, naquela noite, para gravar os comerciais da Mighty Mike e que me viu fazendo algo no computador.
- Por que você faria isso?
- Foi exatamente o que eu disse, mas ela falou que era para chamar atenção.

Tanisha bufou.

- Disso ela entende, não é?
- Acho que ela armou tudo para sermos pegos.
- E Carl acreditou nessa história maluca?
- A gravação estava lá. Obviamente éramos nós. Carl não está preocupado em como foi parar lá, e sim com seu emprego.
- A FCC já mandou investigar. Também vão conversar com você e Adam.
- Eu sei, será a palavra de Bonnie contra a minha.
- Está se fazendo de estarrecida com a grande tragédia, mas eu a ouvi dizendo a Davie que o programa será um sucesso ainda maior agora que ela está no comando.

— Ainda bem que não estou na rádio. Eu lhe daria motivo para fazer cara de tragédia. E o que Carl diz?

— Nada, ele tem ficado trancado em seu escritório. Parece até que alguém morreu. Ele gosta de você e de Adam.

— E nós o decepcionamos. — Carl não era do tipo afável, mas ela aprendera a respeitá-lo. Era duro sabe que ela caíra em seu conceito. — Sei que Bonnie está por trás de tudo isso, só preciso provar.

— Como?

— Não sei.

— Mesmo provando, ainda infringiram a lei de namoro.

— Sim, mas nem se compara a isso. Mesmo sem o emprego, quero salvar nossa imagem.

— O que Adam diz? Ela suspirou.

— Não sei. No instante em que Carl chegou ao estúdio ele trancou a porta de suas emoções. Até me perguntou se a história de Bonnie era verdade.

— Não significa que não acredita em você.

— Então, por que não diz isso? Nem me deixou ir para sua casa.

— Homens são assim. Dê um tempo e ele virá atrás de você, se realmente a ama.

— Sim, grande 'se'. Obrigada por ligar.

— Agüente firme. E diga se houver algo que eu possa fazer.

— Obrigada.

Ela desligou e caiu no sofá. De manhã sentia-se mais feliz do que nunca, tão apaixonada por Adam que tinha certeza de que problema algum os atingiria. Mas diante do primeiro problema ele se afastou. O que isso demonstrava quanto aos seus sentimentos?

Ela respirou fundo. Se não via quem ela era, não a merecia. A idéia causou uma pontada de pânico. A idéia do "dane-se, mereço coisa melhor" não caía bem agora.

Ela olhou o telefone e pensou em ligar para Adam. Mas ao lembrar a forma como a deixara no estacionamento, desistiu do telefonema.

O melhor a fazer era limpar seu nome, depois podia convencê-lo de que não estava mentindo para ele.

CAPITULO DEZESSEIS

Erica logo descobriu que uma coisa era fazer um sexo ardente com o homem que ama, e outra era a cidade toda ouvir. Depois do tumulto, não conseguia sair de casa sem encontrar alguém que fizesse perguntas. Os piores eram os colunistas de fofocas, que ligavam e passavam e-mails, chegando a aparecer em sua porta.

Adam continuava em silêncio desde que tinham se separado na segunda-feira. Ainda estaria triste em casa? Ou resolvera cortar relações com ela de vez?

Embora não tivesse tido notícias de Carl, sua secretária havia ligado para marcar uma reunião quando ela contaria sua versão da história ao investigador da FCC. Restavam-lhe menos de quatro dias para reunir provas contra Bonnie. Ela havia virado de um lado para outro na cama, bolando um plano, mas precisava de ajuda. Tanisha concordara em passar por lá.

Chegou pouco antes das seis, trazendo comida chinesa e uma garrafa de vinho branco.

— Você realmente é minha melhor amiga — disse Erica, desempacotando as coisas.

— Que nada, é que não consigo pensar de barriga vazia. — Tanisha pegou dois pratos e começou a servir a comida. — Você já arranhou um plano brilhante?

— Já. Mas preciso que você ligue para Bonnie disfarçando a voz.

Tanisha riu.

— Vai ser divertido.

Enquanto Tanisha olhava o script escrito, Erica embrulhava o fone com um lenço.

— Isso sempre dá certo em filmes — disse ela. — Espero que ela não reconheça sua voz.

— Alô? — A bombástica parecia mais rabugenta do que sexy, a essa hora do dia.

— Preciso falar algo muito importante com Bonnie Bombástica — disse Tanisha.

— O quê? Quem é?

— Uma amiga. Tenho informações importantes para seu emprego.

— O quê? A ligação está ruim. Não estou entendendo nada.

Tanisha fez uma careta, depois tirou o lenço do fone e arremessou o papel com o texto.

— Ouça, Bonnie. Sei que você está por trás da fita colocada no ar no programa Hawk & Honey — disse ela. — Tenho provas e é melhor me encontrar amanhã à noite, na Side Street Deli.

— O quê? — Bonnie parecia um papagaio esganicado. — Quem é?

— Não importa. Tenho algo que você precisa. Então, esteja lá amanhã, às oito horas. E traga muita grana. — Ela bateu o telefone e olhou para Erica.

— Acha que ela caiu? Tanisha pôs a mão no peito.

— Não sei, mas meu coração está disparado.

— Você foi ótima. Agora, a segunda parte do plano.

— Qual é?

— Adam e Carl precisam estar na Deli, para a confissão de Bonnie.

— Se ela confessar.

— Aparecer para encontrar um chantagista é tão boa quanto uma confissão, eu acho. — Ela apertou os números de Adam, antes de perder a coragem.

Meio tonta ela esperou que ele atendesse.

— Alô?

Ao ouvir sua voz o coração veio à boca. Ela não percebera o quanto queria saber dele.

— Adam, é a Erica.

— Ah, oi, como vai? — Ele parecia bem.

— Estou bem. Ficando em casa, tentando evitar o fotógrafos.

— É, eu também. Teve notícias da FCC?

— Tenho uma entrevista com eles na sexta.

— Eu também, na quinta.

Esperou que ele sugerisse de se encontrarem. Com não aconteceu ela engoliu em seco e disse.

— Preciso que me faça um favor.

— Claro, do que precisa?

— Pode me encontrar na Side Street Deli, amanhã, à sete e quinze?

— Acho que sim, o que há?

— Não posso dizer agora, mas é muito importante que esteja lá... Apenas confie em mim.

Ela ficou apreensiva pela resposta, até que ele finalmente disse:

— Está bem, estarei lá.

— Obrigada. Até lá.

Saber que Adam iria lhe deu coragem de ligar para Carl, que se irritou por ser procurado em casa. Mas ao dizer o quanto seria importante ele acabou concordando.

Ela desligou e olhou para Tanisha.

— Tudo em cima.

— Vamos torcer para que tenhamos corda suficiente para enforcar Bonnie.

— Quando eu terminar, ela vai implorar por piedade. — Quando a questão era o emprego que adorava e do homem que amava, ela também sabia jogar

sujo.

— Aqui é a Bonnie Bombástica, na KROK, sua rádio rock de Denver. — Adam desligou o rádio. Não dava para ouvir outra pessoa fazendo seu trabalho. Ele estava triste, olhando a jaqueta azul-clara contrastando com o sofá preto. Erica esquecera lá, e ele nem havia tirado do lugar.

Mesmo sem lembretes como esse, não conseguia parar de pensar nela. No jeito que ria, na forma como o enlaçava com as pernas ao fazerem amor.

Na sensação horrível que tivera quando Bonnie dissera que Erica fizera a fita para se promover.

Sua mente se recusava a acreditar que ela faria algo para magoá-lo.

A campainha tocou e quase o matou de susto. Ele ficou olhando a porta sem saber se atendia. Mas e se fosse Carl? Ou Erica? Ao olhar pelo olho mágico ele viu Nick Cassidy, fazendo um gesto obscuro.

Adam escancarou a porta.

— Nick! O que faz aqui?

— Vim ver se você estava brigando com suas fãs. Vim entrar na parada. — Nick entrou mancando na sala, carregando uma bengala.

— Que fãs? — Por mais que Nick o irritasse, Adam se sensibilizou por ele ter vindo visitá-lo.

Nick sentou no sofá de frente para Adam.

— Agora que você é a fofoca da cidade, o garanhão nas ondas do rádio, imaginei que tivesse mulheres caindo em cima.

Adam despencou numa poltrona.

— Pode parar, Nick, não tem graça.

— A vida é engraçada, amigo. Aprenda isso e vai passar por qualquer coisa.

— Foi para isso que veio? Para me dar esses conselhos cafonas?

Nick ignorou a pergunta.

— Como vai Erica?

— Bem, eu acho.

— Acha? — Nick o observou depois olhou em volta. — Achei que estaria aqui, contigo.

— Não. Achamos melhor irmos devagar, por causa dos jornalistas. — Adam achou que seu nariz fosse começar a crescer depois dessa. — Acabo de perder meu emprego, fui constrangido diante de uma cidade inteira. Minha ex-namorada diz que minha atual namorada fez isso de propósito e eu não sei no quê acreditar. Estou me divertindo muito.

— Eu ouvi a história que a Bonnie está espalhando. Pareceu bem surreal.

— Tudo é surreal. Não posso crer que metade da cidade me ouviu fazendo sexo no ar.

Um sorriso surgiu nos lábios de Nick.

— Para mim pareceu que você estava se divertindo.

— Ele colocou a bengala no colo. — Posso estar errado, mas a Erica não parece do tipo que gravaria isso para a posteridade. Já a Bonnie... — Ele riu.

— Provavelmente faz filmes domésticos. E se eu os achasse podia ficar rico.

— Aprendi que nunca se pode julgar as pessoas — disse Adam. — Quem diria que você tem algum resquício de decência?

— Você me parece um cara inteligente. — disse Nick.

— Conhece a Erica melhor que eu. O que seu instinto diz sobre ela?

Dizia que ele a amava. O que não significava que ela não o magoaria.

— Olhe, sua vida voltou aos trilhos depois das pequenas férias no xadrez. Você pode superar essa bobagem e dar a volta por cima. — Nick se levantou, dessa vez se apoiando com força na bengala. — As coisas nem sempre são o que parecem.

E, às vezes são piores. Mas Adam não disse. Ele agradeceu Nick por ter vindo e o levou até a porta. Talvez devesse buscar fatos que o ajudassem a chegar a uma conclusão.

Foi até a cozinha e pegou a lista telefônica. Começaria a ligar e fazer algumas perguntas, começando pelos guardas de segurança em serviço naquela noite.

Bonnie estava de calças pretas de couro, top de couro e jaqueta de couro. Ela se olhava no espelho do quarto.

— Você está ótima. — disse Doug.

— Eu queria ter um revólver — disse ela. Doug pareceu alarmado.

— Quem você vai matar?

— Ninguém. Mas uma arma iria botar esse chantagista na linha.

— Quer que eu vá com você? — Doug esfregou as mãos. — Vou manter seu chantagista na linha.

Ela o olhou. Pretendia ir sozinha, afinal, foi uma mulher que ligou e ela certamente podia lidar com qualquer outra mulher. Mas e se levasse reforço?

— Pode vir comigo — disse ela. — Mas é só para olhar, em tom ameaçador.

— Você que manda.

— Não se esqueça. Vamos, senão iremos nos atrasar. Quero chegar cedo para dar uma olhada.

— Obrigado, Pat. Eu lhe devo essa. — Adam enfiou o envelope na jaqueta e acenou se despedindo do guarda de segurança do prédio da KROK. Ele olhou o relógio. Tinha tempo suficiente para encontrar Erica na Deli. Não podia esperar para lhe mostrar o que havia encontrado.

— Adam! Espere!

Ele se virou e viu Carl vindo em sua direção. Ótimo. A última coisa que queria era dar de cara com Carl.

— O que faz aqui? — perguntou Carl.

— Vim falar com Pat. Ele tinha algo que eu precisava. — Era mais ou menos a verdade. Ainda não queria contar o resto.

— Você está bem? — perguntou Carl.

— Preferia estar trabalhando.

— Para dizer a verdade, eu também. Pensei que Bonnie fosse dar certo, mas não cessam os pedidos. "Carl, preciso de uma cadeira mais confortável",

"Carl, quero um outdoor anunciando o programa". — Ele pôs as duas mãos na cabeça.

— Então, me deixe voltar — disse Adam. — Erica também. Pagamos a multa da FCC. Até nos desculpamos, se precisar.

Carl sacudiu a cabeça.

— Está além do meu alcance. A diretoria está indignada e não quer vocês nem perto dos microfones até que a FCC termine a investigação.

— E depois?

Ele franziu o rosto e evitou os olhos de Adam.

— Depois veremos.

— Está certo, bem, nos vemos por aí. — ele se afastou.

— Estou indo para a Side Street Deli. Por que não vem comigo?

Adam olhou para Carl.

— Vai para a Deli?

— Na verdade, Erica me convidou. Alguma idéia do que se trata?

Adam balançou a cabeça.

— Ela também me pediu que a encontrasse lá. Às sete e meia. Mas não disse o que era.

— Para mim também. — Carl deu um tapinha nas costas de Adam.

— Melhor irmos ver do que se trata.

— Lá está Bonnie. — Tanisha deu uma cotovelada nas costelas de Erica.

— Estou vendo. — As duas estavam no Mustang de Tanisha, do outro lado do estacionamento.

— Ela parece a mulher gato com aquela roupa.

— E olha o Doug. Parece um exterminador.

De calça camuflada Doug parecia mesmo pronto para a batalha.

— Acho que Bonnie o trouxe como guarda-costas — disse Erica.

— Talvez esteja com medo de nós. — Deve estar com medo de termos algo

que possa arruinar sua carreira.

— É, só que não temos nada.

O plano era dizer que Tanisha vira Bonnie gravando e colocando a fita no computador.

Tanisha se olhou no espelho e arrumou os cabelos.

— Sei pôr dúvidas na cabeça das pessoas.

— Mas será que isso é o suficiente para fazê-la confessar? Se foi mesmo ela.

Tanisha olhou.

— Achei que tivesse certeza.

— Estou bem certa. — Erica se encolheu. — Quem mais poderia ter sido?

Tanisha girou a maçaneta.

—Vamos.

Depois de entrarem na Deli, elas olharam em volta.

Erica viu Adam e Carl juntos numa mesa ao fundo. Ela puxou Tanisha pelo braço e ficaram escondidas, atrás de uma prateleira.

— Ainda não quero que nos vejam.

— Lá estão Bonnie e Doug. — disse Tanisha.

— O que fazemos agora?

— Precisamos juntar todos, para que Adam e Carl ouçam a confissão de Bonnie.

— Há uma mesa próxima a eles. Se conseguirmos fazer com que Bonnie sente ali, de costas, eles ouvirão quando ela falar.

— Como faremos isso?

— Vou primeiro. Ela não vai notar. Vou avisar para que Carl e Adam ouçam, sem dizer nada. Depois digo a Bonnie que preciso falar com ela em particular. Você vem até nós quando estivermos a postos.

— Certo. — Ela recuou na sombra; torcendo para que Tanisha não percebesse o quanto ela tremia.

— Vai fundo.

Tanisha atravessou o restaurante, contornando de longe a mesa de Bonnie para chegar até Adam e Carl, surpresos ao vê-la. Depois seguiu até Bonnie e Doug.

Bonnie parecia estar discutindo com Tanisha, mas finalmente levantou e a seguiu até a outra mesa.

Infelizmente, um casal chegou à mesa ao mesmo tempo em que Bonnie e Tanisha, que lhe disse algo. Aparentemente, eles acharam melhor não discutir.

Quando as duas estavam acomodadas Erica respirou fundo e saiu da sombra.
Aqui vou eu, pensou ela.

— O que faz aqui? — Bonnie vociferou, antes que Erica chegasse à metade do caminho.

— Vim falar com você. — Ela sentou na cadeira em frente a Bonnie, sem perder tempo. — Sei que você fez aquela gravação de mim e de Adam e colocou no computador para nos comprometer.

Bonnie permaneceu imóvel.

— E como sabe disso?

Erica olhou para Tanisha, que se remexeu na cadeira.

— Eu... eu vi — disse Tanisha. — Eu estava lá naquela noite.

Bonnie continuou ao estilo rainha gélida.

— O que fazia lá? Não vi você.

— Não queria que me visse. — disse Tanisha. — Estava esperando Adam e Erica.

— Para quê?

— Íamos jantar todos juntos. Bonnie olhou para Erica.

— E você e Hawk resolveram dar *umazinha* enquanto esperavam pela amiga?

Erica cravou as unhas na mão, decidida a não demonstrar sua frustração e continuar calma.

— Nem todos pensam como você. A questão é que estamos prontas para contar ao Carl.

Bonnie cruzou os braços.

— Fazer sua amiguinha mentir por você não prova muita coisa.

Tanisha e Erica trocaram olhares. Seria duro dobrá-la.

— Pode não provar, mas isso prova.

Um envelope pardo foi jogado na mesa. Adam surgiu, com Carl ao seu lado.

Bonnie olhou o envelope como se fosse um escorpião vivo.

— O que é isso?

— É uma fita de vídeo. — Adam pegou o envelope e sacudiu. — A fita da segurança de sexta à noite.

— Está planejando vender suas experiências na Internet? — Bonnie recobrou parte da compostura.

— A discoteca não tem câmera de segurança, mas as cabines de gravação têm.

— A diretoria mandou instalar depois de seu vexame — disse Carl. — Eles esperavam que isso os ajudasse na defesa de conduta imprópria.

— Então, o *big brother* está filmando, enquanto trabalhamos. — Ela fez uma careta. — Que deplorável.

— Não apenas enquanto trabalhamos — disse Adam. — O tempo todo. As câmeras estavam ligadas quando você gravou a Erica e eu, e pôs a fita no computador.

— Você está mentindo.

Adam pegou a fita e sacudiu a cabeça.

— Não estou.

Carl assumiu.

— Tenho certeza de que a diretoria vai se interessar em ver isso.

Bonnie ficou desfalecida na cadeira. Erica achou que ela podia até desmaiar.

Doug correu para o seu lado e passou o braço ao seu redor.

- O que fizeram com ela?
- Relaxe. — Carl tomou o controle da situação. — Vou voltar para o escritório e dar uma olhada nesse vídeo. Todos terão notícias minhas.
- Quero falar com meu advogado. — disse Bonnie.
- Boa idéia — disse Carl. — Providenciarei para que nossos advogados liguem para o seu. — Ele se virou para sair.
- Carl? E o programa da tarde? — perguntou Erica.
- Vou colocar a Audra, e o Davie vai ficar à noite.
- Ah. — Ela chegou a pensar que estaria tudo bem agora.
- Vocês dois ainda não se safaram — disse Carl. — Não serem autores da fita não nega o seu conteúdo, nem o fato de ter sido veiculada no ar.
- Mas não sabíamos...

Adam pôs a mão em seu ombro para interrompê-la.

— Tenha paciência. — disse ele. — Deixe que todos vejam a prova. Podemos esperar.

Ela percebeu que essa fora a primeira vez que ele a tocara desde que tudo acontecera. Foi uma sensação terna e confortante. Entrelaçou os dedos aos dele.

— Está bem — disse ela. — Vou esperar. — A paciência era uma nova virtude para ela, mas estava aprendendo que valia a pena esperar por certas coisas.
— Vamos esperar. Juntos.

CAPITULO DEZESSETE

Embora o confronto com Bonnie tivesse reaproximado Adam e Erica, o que ela imaginara não se materializou. Ao segui-lo até sua casa depois da Deli ela teve a primeira pista. Saiu correndo do carro e se jogou nos braços dele, na expectativa de bater o novo recorde para tirar as roupas e pular na cama.

Em vez disso, o beijo dele não foi nada ardente.

— O que houve? — perguntou ela. — O vídeo prova que não tive nada a ver com isso.

— Sei disso. — Ele a afastou suavemente. — Peço desculpas. Nunca deveria ter duvidado.

— Então, o que há de errado?

— Duvidei. — Ele recuou, de mãos nos bolsos. — Duvidei de você.

— Você se desculpou e eu o perdôo. Agora não podemos fazer as pazes?

Ele balançou a cabeça.

— Como posso dizer que a amo e duvidar de você? Ele parecia infeliz e talvez ela devesse ter compaixão.

Em vez disso, sentia-se irritada.

— Não posso acreditar que esteja fazendo isso — disse ela.

— Isso o quê? *Sendo um idiota.*

— Sendo tão duro consigo mesmo. — Ela pôs a mão em seu ombro. — Cometeu um erro. E daí?

Os olhos dele encontraram os dela, repletos de tristeza.

— Não quero que sejamos um erro. As palavras a congelaram.

— O que está dizendo?

— Que preciso de mais tempo para pensar, que precisamos deixar as coisas se assentarem um pouco.

Ela recuou a mão e deu um passo atrás.

— Quer que eu espere até que resolva como realmente se sente em relação a mim?

— É.

Ele fazia parecer tão sensato. Por que tinha de tornar tudo tão difícil?

— Disse que me amava. Pensei que fosse para valer.

— Era. Eu realmente a amo. Porém...

— Nada de poréns. O amor não funciona desse jeito.

— Então, como funciona, já que é especialista?

— Não sou especialista. Mas sei como me sinto. O amor não é prático, ou racional, nem necessariamente seguro. O amor envolve riscos.

Ela fechou os punhos ao lado do corpo, lutando contra as lágrimas que ameaçavam surgir.

— Mas é preciso querer correr esses riscos. E você, aparentemente, não quer.

Ele a olhou, como se as palavras o tivessem entorpecido.

— Não sei o que dizer.

Que tal *Eu te amo*, ou *você está certa*, ou até *me dê uma outra chance*! Em vez disso, ele só olhava para ela, em silêncio.

Ela se virou e saiu correndo para o carro. As lágrimas corriam pelo rosto, enquanto ela engrenava a ré. Só torceu para não atropelar nada.

Quando olhou pelo retrovisor o viu ali, em pé, imóvel. Ela limpou as lágrimas com a mão, lutando para não uivar de raiva e dor. Ele nem tentou detê-la. Nem se deu ao trabalho de dizer tchau.

Adam sentiu o estômago revirar. Esperava começar a tremer a qualquer momento. Como pôde ficar ali como um boneco, e deixá-la partir?

Ele amava Erica. Por que não era suficiente? Talvez ela estivesse certa. Era um covarde, temendo arriscar. Mas, com seu histórico, quem podia condená-lo?

Uma campainha distante o distraiu. Ele se deu conta de que era o telefone. Talvez fosse Erica, ligando do celular, para lhe dar outra chance.

— Adam Hawkins. Sim? — ele atendeu cauteloso, pronto para desligar, caso fosse outro repórter.

— Stan DeWitter, da Air Stream Broadcasting. Estou tentando falar com você e Erica Gibson.

O que queria o gerente da KMJC com ele e Erica?

— Como posso ajudá-lo, sr. DeWitter?

— Soube do problema na KROK. Lamento. Ele não parecia lamentar.

— E quero falar com vocês dois sobre virem trabalhar para mim.

Ele piscou.

— Está oferecendo emprego?

— Claro, se puderem trabalhar sob nossas condições. — Ele riu. — Seria a maior cartada de minha carreira contratá-los depois que a KROK foi tola o bastante para dispensá-los.

Adam respirou fundo.

— Realmente sabe o que houve? O problema que tivemos com a FCC?

— Sim, e não quero que nada disso aconteça aqui. Mas a publicidade foi imensa. Todos na cidade estão falando de vocês.

— Certo, estamos em evidência.

— A evidência é boa. Faz as pessoas sintonizarem a estação. Então, está interessado?

— Talvez. Mas há algo sobre mim que precisa saber.

— O quê? Não me diga que você é uma daquelas celebridades que exige garrafas de água de uma determinada marca, e cadeira ergométrica?

Ele quase sorriu.

— Tenho uma ficha criminal. Estive preso por três anos, um tempo atrás.

Silêncio. Ele podia sentir o choque de DeWitter através da linha.

— Seu passado não me interessa, contanto que não afete seu futuro.

Ele não percebera que estava quase sem ar.

— Então, estou interessado em conversar.

— Ótimo, traga Eriça também. Digamos, amanhã, por volta de uma hora.

— Preciso falar com Erica e retornar.

Ele desligou, olhando o vazio. As palavras de DeWitter ecoavam em sua mente. *Seu passado não me interessa, contanto que não afete seu futuro.*

Adam pensou que estava sendo esperto, aprendendo com os erros. Mas

estava deixando que esses erros ditassem sua vida, pesando em suas decisões quanto ao emprego, a Erica.

Ele a amava. A percepção do quanto chegou a lhe tirar o fôlego. Ele sentou com uma das mãos no peito, a mente turbulenta. Tinha de encontrar um meio de demonstrar esse amor, provar que estava disposto a arriscar tudo.

Erica disse a si mesma que se Adam não conseguia lidar com altos e baixos, então, não a merecia. Mas sua raiva não anestesiava a dor de perdê-lo. O que começara com um mero flerte se transformara numa ligação que ela jamais tivera com nenhum outro homem.

Ela achara que ele também se sentia assim.

Passara os dois últimos dias se arrastando pela casa, dormindo e comendo chocolate. Tentou trabalhar em seu currículo, mas o fato de ter estado no ar fazendo sexo com Adam levaria um tempo para ser esquecido.

Apesar disso, ela tinha talento. Os ouvintes gostavam dela. Faria o melhor possível para convencer outra estação de rádio a lhe dar uma chance.

Talvez em outra cidade, onde não tivesse que dar de cara com Adam ou ligar o rádio e ouvir sua voz.

O telefone tocou insistente e ela atendeu.

— Alô?

— Ei, garota, você precisa ligar o rádio agora. — Tanisha tinha um tom de urgência. — Na KROK.

Ela olhou o relógio. Oito e meia. A última hora do programa de Nick.

— Por quê?

— Apenas faça, ok? Por favor, agora.

— Está bem. — Ela se inclinou e ligou o som, já sintonizado na ICROK. Avril Lavigne cantava. Ela pegou o telefone novamente. — Está ligado. Agora pode me dizer o que está acontecendo?

Tanisha havia desligado!

— É sexta-feira na KROK, com Nick Travesso. O programa de hoje quer saber como é se apaixonar. Estamos falando de papo sério. Aqueles

sentimentos que dão um frio na espinha de Nick Travesso. Temos um ouvinte na linha, que quer responder à pergunta.

— Oi, Nick, é o Hawk.

— Oi, Hawk! Como vai? Fazendo muitas gravações ultimamente?

— Você não tem graça, Nick.

— Estou magoado! Muito magoado, mesmo! Então, garotão, vai nos dar seu parecer sobre o verdadeiro amor?

— Cometi muitos erros em minha vida, mas o maior foi deixar escapar o meu verdadeiro amor, Erica. Espero que esteja ouvindo agora, porque quero que ela e todos os ouvintes saibam o quanto é especial para mim.

— Que legal, cara! Muito comovente. Mas ainda não respondeu à pergunta. Como sabe que é amor verdadeiro?

— Acho que você sabe quando a idéia de viver sem aquela pessoa dá mais medo do que passar o resto da vida com ela. Ou quando a cidade toda os ouve fazendo amor, mas isso não torna os momentos juntos menos especiais.

Nick finalmente ficou quieto, deixando que Adam falasse sozinho. Erica caiu de joelhos ao lado do rádio. *Oh, Adam!*

— Eu só queria dizer que sinto muito, Erica. Você estava certa, eu temia todos os sentimentos que você provocou em mim. Tinha medo de cometer um erro, mas sei que estar com você jamais será um erro. Eu te amo. E espero que me dê uma segunda chance.

— As mulheres da cidade inteira estão suspirando, aos prantos — Nick fungou. — Você me deixou meio lacrimajante, garotão. Boa sorte.

— Obrigado.

— Erica, se você estiver ouvindo, dê uma outra chance ao homem. Essa música é para vocês dois.

Começou a tocar "In Your Eyes". Erica desligou o rádio e pegou o telefone. O número de Adam ainda estava na discagem automática. Ele atendeu ao segundo toque.

— Alô?

— Eu também te amo, seu bobão. Por que não me disse todas essas coisas naquela noite?

— Estou sem prática em expressar meus sentimentos. — A voz dele se abrandou. — Mas cada palavra que acabo de dizer é verdade.

— Eu sei. Em quanto tempo pode chegar aqui? — Ela mal podia esperar para abraçá-lo e mostrar o quanto suas palavras significavam para ela.

— Olhe aí fora.

Ela levantou, foi até a janela e abriu a cortina. O carro de Adam estava estacionado e ele estava do lado de fora, com o celular no ouvido.

Rindo, ela largou o telefone e saiu correndo para ele...

— Seu pateta, eu te amo.

— Também te amo, Erica. Não tenho mais medo de dizer, nem de sentir...

— Psiu. — Ela interrompeu as palavras com um beijo.

— Mas eu não terminei. — Ele se afastou um pouquinho e afagou seus cabelos.

— Terminou, sim. — Ela o beijou novamente. — Fora uma hora de falar, mas tem há horas em que as ações falam mais alto. — Ela pegou sua mão para levá-lo para dentro.

— Ainda estou enferrujado com as palavras, mas na ação estou tinindo.

— Está mesmo.

Ela se aconchegou a ele e sorriu.

Ele a pegou nos braços e abriu a porta com o pé.

Erica terminou a apresentação e sorriu para Adam, do outro lado da cabine, impressionada com o desfecho das coisas. Eles haviam se encontrado com Stan DeWitter e ele fizera uma oferta generosa para um programa em horário nobre na KMJC.

Mas quando apareceram no escritório de Carl e tentaram entregar suas demissões ele os surpreendeu com uma contraproposta. Sentou os dois em sua sala e deu um sermão paterno.

— Investi muito em vocês dois — dissera ele —, olhando e andando de um lado para o outro, diante de sua mesa. — Se DeWitter pensa que vai entrar aqui faceiro e os levar de mim, ele está muito enganado.

Depois Carl ofereceu um salário superior ao de DeWitter.

— E quanto à política de não namorar? — Ele parou e apontou um dedo para ela.

— Foi mudada, mas nada de fazer besteiras. O preço do meu remédio de úlcera não pára de subir. Vocês vão me colocar num asilo.

Então, ali estavam eles, de volta às suas poltronas conhecidas, na cabine de produção, e de volta aos braços um do outro, depois do expediente.

— A seguir, teremos a pergunta desafiadora, e vamos repassar a programação de shows. — Adam sorriu para ela, do outro lado da mesa. Ele agora sorria bem mais.

— Vai também um lembrete da feira beneficente de domingo, para ajudar os ex-presidiários a começarem vidas produtivas. — Ela leu sua porção da promoção.

— Espero que todos venham apoiar essa grande causa — disse Adam.

— Temos algumas peças fantásticas que serão leiloadas. Se você for empregador e estiver em busca de contratação, nós temos uma lista de candidatos qualificados, prontos para o trabalho. Quem sabe você contrata o próximo Hawk?

Ela o beijou no rosto.

— Como se sente sem ter que guardar tantos segredos?

— É um tipo diferente de sensação.

— Pessoal, vamos nos lembrar que temos um programa a fazer — a voz de Mason entrou nos fones de ouvido.

Erica riu e empurrou a cadeira de volta ao seu lado da mesa, a tempo de anunciar a próxima promoção.

— Aos fãs de Bonnie Bombástica, liguem a KDEN, na quinta à noite, no canal 24. A Bombástica está apresentando o novo programa ídolo de Denver.

— Só posso dizer que é melhor Simon ficar de olho para não perder seu emprego — disse Adam.

— Boa sorte a Bonnie. E aqui está Rob Thomas, com "Lonely No More". — A música começou e ela se viu cantarolando junto. — Você sabia que esse mês faz um ano que estou aqui na KROK? — disse ela, olhando o calendário.

— Precisamos comemorar — disse ele.

— Precisamos. É um novo recorde para mim. Acabou esse negócio de pular de um emprego para outro, ou de um relacionamento para outro. — Ela ainda mudava o estilo dos cabelos, mas quando se tratava de coisas importantes, pensava a longo prazo.

— Talvez eu compre uma garrafa de Godiva — disse Adam, piscando.

— Mmm. Parece bom. E talvez a gente arranje alguma coisa para fazer com ela.

O calor nos olhos dele a fez se deleitar. Ah, sim. Certamente havia algo a ser dito após ficar com alguém por muito tempo. Afinal, quanto mais se conhece alguém, mais se tem para amar.

061 — UNIÃO PROIBIDA — EMILIE ROSE

Aubrey Holt planeja usar Liam para espionar a Editora Elliot. Porém quando os lábios dele tocam os seus, nasce um sentimento proibido, e uma tórrida relação. Mas a divulgação de informações privilegiadas deixa Liam inseguro. Poderá ele confiar na mulher que ama?

062 — MANHÃ DE OUTONO — DIANA PALMER

Blake Hamilton jamais vira Kate Kilpatrick como mais do que uma irmã mais nova. Assim, tudo o que ela desejava era ser vista como adulta. Mas, ao conseguir o que queria, Kate é surpreendida, à medida que os sentimentos fraternais entre os dois se transformam em algo mais...

003 — IMAGINAÇÃO — ISABEL SHARPE

Krista Marlow mal pode imaginar que tem um caso, no qual a única regra é o anonimato, com Seth Wellington. O empresário se surpreende com o quanto aquela ousada jornalista pode ser interessante... e irresistível! Mas revelar a ela sua identidade e sua trapaça pode arruinar tudo...

004 — MINUTO A MINUTO — JO LEIGH

Meg Becker encontrou o homem perfeito na internet. Alex Rosten é engraçado, sexy, e está sempre a um clique de distância. Marcando um encontro face a face, ele está convencido de que nada pode superar a realidade. Mas que acontecerá nas próximas 24 horas os deixará sem palavras...

Já nas bancas

059 — ADORÁVEL IMPOSTORA — ROXANNE ST. CLAIRE

Cade McMann rastreava os passos de Jessie Clayton desde o primeiro dia de seu estágio na Editora Elliot. Embora suas razões nem sempre fossem profissionais, ele sabia que ela escondia algo. E, para Cadê, a sedução parecia o melhor meio de descobrir...

060 — A ÚLTIMA MISSÃO — PEGGY MORELAND

Algumas pequenas mentiras permitiram a Sam. Forrester viver na casa de Leah Kittrell. Se soubesse quem ele realmente era, ela jamais o aceitaria em sua vida. E Sam sabia que, quando ela descobrisse a verdade, não perdoaria sua traição...